

REVISTA DA SEMANA

N.º 23

Cr\$ 2,00 em todo o Brasil

7-6-47



ÊLE...

EGOÏSTA
ENCANTADOR
IRRESPONSÁVEL!

ELA...

FRIA
AUDACIOSA
SEM
CORACÃO!

QUEM COM AMOR FERE... COM AMOR SERÁ FERIDO!

MARK HELLINGER

o produtor de "ASSASSINOS"
apresenta

SONNY

TUFTS

ANN

BLYTH

em

"Egoïsta"

("Swell Guy")

com RUTH

WARRICK



WILLIAM GARGAN • THOMAS GOMEZ • MARY NASH • JOHN LITEL

Direção de FRANK TUTTLE

Produção de MARK HELLINGER



A notícia sensacional da semana nos veio do Ceará, onde o governador, desembargador Faustino de Albuquerque, em tantas trapalhadas se meteu que acabou praticamente a pé, apeado do corcel governamental, ao menos metaforicamente, por um golpe de mágica dos deputados à Assembleia Legislativa, os quais, por vinte e cinco votos contra vinte, aprovaram as emendas parlamentaristas à nova Constituição cearense. Ouvido pelo telefone pelo vespertino "A Noite", o desembargador Faustino declarou que o golpe de que foi vítima é inconstitucional, adiantando que recorrerá ao Supremo Tribunal Federal, afirmando de que este decreto a inconstitucionalidade dessas emendas. Fervem, em outros Estados, em razão disso, os pruridos parlamentaristas, que são a táboa de salvação de muitos descontentes... E enquanto o Ceará pegava fogo, o general Canrobert Pereira da Costa, que é hoje o ministro da Guerra e no passado foi um revolucionário dos mais entusiasmados, afirmava à imprensa serem absolutamente verdadeiras as notícias divulgadas sobre a imprensa sobre o projeto de uma intenção de sargentos, destinada a repor o Sr. Getúlio Vargas no trono de senhor absoluto do Brasil... O ex-ditador teria dito a esses sargentos de que ainda dispõe de trufos no Exército, mas que a hora não é mais de generais e sim de sargentos... Em todo caso, o Sr. Getúlio Vargas e os jornais queremistas desmentem a notícia, embora a essência do quererismo seja mesmo essa, — a da volta do ex-ditador ao poder... O processo sobre o assunto vai ser enviado à Câmara dos Deputados, visto estar envolvido no caso um senador, coberto pelas imunidades parlamentares... Chegou ao Rio de Janeiro, pela primeira vez, o navio "Portugal", vindo de Lisboa, com 226 passageiros, sob o comando de um oficial de Marinha Mercante que é também jornalista. É o capitão Joaquim Sant'Ana da Silva, que foi redator do "Diário de Notícias", do Rio. E o outro navio que vinha de Lisboa para o Brasil, apesar do seu apregoado radar, abalroou com outro, a caminho de Funchal, voltando a Lisboa rebocado e fazendo muita água... Tivemos, também, desastres de aviação a granel e mortes em quantidade, encerrando-se a semana com uma nota de tragédia. Foi preso pela polícia um dos reis do jogo do bicho, o cidadão Fernando Lopes, — não pelo delegado da sua zona, que andava ausente, mais pelo Sr. Mario Lucena, que é delegado da economia popular. Talvez o Sr. Mario Lucena tivesse achado que havia muita gente matando as suas economias no jogo do bicho... Deixou o elenco de "Os Comediantes" a brilhante atriz Olga Navarro, que criou magistralmente a peça "Desejo", de Eugene O'Neill, e que, na Itália, trabalhou nas mais notáveis companhias dramáticas. Olga Navarro foi convidada para filmar o primeiro papel de um grande filme brasileiro. Com grande festividades, foi comemorado o vigésimo primeiro aniversário do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Rio de Janeiro, instituição que tem prestado os melhores serviços. Estiveram presentes às comemorações os generais Milton de Freitas, Zenobio da Costa, Raymundo Sampaio, Americano Freire, Souza Dantas, Saldanha Maza, etc. Notícias do Paraguai informam que os revolucionários contra-atacam violentamente. Enquanto isso, o embaixador Francisco Negrão de Lima faz o papel de pomba da paz, com um ramo de oliveira no bico, visitando ora os rebeldes, ora os governistas, afirmando obter um "arreglo" que ponha termo à luta. Na Itália, caiu o gabinete chefiado pelo Sr. Alcides de Gasperi, para ser substituído pelo gabinete chefiado pelo Sr. Alcides de Gasperi. Sim, é isso mesmo. Não se trata de erro de revisão. Depois que Francesco Nitti e Vittorio Emanuele Orlando fracassaram na organização do novo gabinete, o presidente De Nicola recorreu ao próprio demissionário. E o resultado foi o gabinete seguinte: Presidente do Conselho, Alcides De Gasperi. Ministros: Interior, Mario Scelba; Justiça, Giuseppe Grassi; Estrangeiros, Carlo Sforza; Defesa Nacional, Mario Cingolanni; Instrução Pública, Guido Gonella; Obras Públicas, Umberto Tupini; Agricultura, Antonio Segni; Transportes, Guido Corbellini; Comunicações, Umberto Marlin; Indústria e Comércio, Giuseppe Jogni; Trabalho, Amintore Fanfani; Marinha Mercante, Paolo Cappa; Coordenação e Orçamento, Luigi Fimandi; Comércio Exterior, Cesare Merza. Estando na moda caírem gabinetes, caiu também o da Hungria, chefiado pelo Sr. Ferenc Nagy, sendo substituído por outro, chefiado pelo Sr. Lajos Dinnyes, um general que pertence ao partido dos pequenos proprietários. Se há algum húngaro interessado em saber quem são os outros membros do gabinete aqui estão eles: Aposto que o linotipista há longo tempo não gasta tantos "yy" e tantos "zz"... E, para finalizar, mais uma façanha do generalíssimo Francisco Franco, o "el Supremo" da Espanha. O homem fez prender a duquesa de Valencia e iniciou uma "blitzkrieg" contra os monarquistas. Eis o que diz um telegrama da United Press: MADRID, 31 (U. P.) — Fontes fidedignas dizem que a polícia deteve cinquenta e dois monarquistas na primeira ofensiva em grande escala para fazer abortar a propaganda monarquica anti-franquista. Informações divulgadas aqui dizem que a polícia descobriu uma oficina gráfica clandestina e impressos incitando os espanhóis à luta contra Franco. Os detidos estão na chefatura de segurança, que se recusa a revelar a identidade de um suspeito de dirigir a propaganda. Diz que este se chama Ricardo Sanchez Herrero. A propaganda inclui apelos aos republicanos, falangistas e católicos para que lutem contra o regime franquista. Não há indícios de que atividades policiais paralizarão a campanha de propaganda monarquica que se mantém ativa desde antes de Franco anunciar o seu projeto de sucessão, mas admite-se que há dificuldades para a sua impressão em grande escala. Franco parece desorientado... Não há dúvida que ele se debate entre areias movediças e que acabará se atolando...



No dia seguinte...

É muito comum, no dia seguinte ao de reuniões infantis, as crianças amanhecerem indispostas, sem apetite, com vontade de vomitar, dores no ventre e outros desarranjos do estômago e intestinos.

Às vezes, os efeitos das gulodices (que, não raro, já encontram um estômagozinho sujo, mal preparado para recebê-las) se fazem sentir até no mesmo dia, ou durante a noite. De qualquer modo que isto aconteça, a pobre criança pagará caro alguns breves momentos de prazer, se o seu mal não for prontamente atalhado com um remédio de confiança, que lhe proporcione rápido alívio. Quem tiver ocasião de constatar os resultados surpreendentes do **Ventre-Livre** certamente não deixará mais de empregá-lo em tais casos.

As mães cuidadosas não devem, entretanto, esperar que as crianças tenham uma perturbação forte para recorrer ao **Ventre-Livre**. Compete-lhes impedir que as horas felizes de seus filhos se convertam em sofrimento. Serão evitadas as intoxicações se, além de uma alimentação sadia, o estômago e intestinos dos pequenitos forem mantidos sempre bem limpos e bem tonificados com o uso frequente de **Ventre-Livre**.

De ação suave e gosto agradável, **Ventre-Livre** evita e trata as indigestões e todos os distúrbios causados pela prisão de ventre, sendo muito aconselhável o emprego desse remédio antes e depois das festas infantis.

Não esquecer nunca:
Ventre-Livre não é purgante

O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na rólha de rosto do conto e, na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA".

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

O PINCE-NEZ DE OURO

OFICINA DE 1.º ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS

Joalheria

R. CARIQCA N.º 28

LUIZ R. RICART

TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES



Dois gerações de palhaços trabalhando no mesmo picadeiro. O palhacinho do centro é "Pirilito" (na vida civil Luiz Olimecha), único descendente da grande família circense que está continuando a arte de seus pais, avós e bisavô. Ao seu lado estão os seus tios "Tomé" e "Tonino" (Bartolo e Manoelito), "clowns" e acrobatas, cujas glórias do picadeiro nacional. Na página à direita: Ida Olimecha, esposa de "Tomé" e também artista, numa cena cômica com "Maitaca" (Alfredo Olimecha). A família Olimecha — cinco irmãos, esposas, filhos e sobrinhos — pode realizar, sosinha, um espetáculo completo de picadeiro e palco.

OLIMECHAS E QUEIROLOS, REIS DO CIRCO NO BRASIL

MUITO mais antigo que a era cristã, antecessor do teatro, o circo tem atravessado os séculos conservando a sua mesma unidade espiritual dos tempos dos seus fundadores, e conservando muitas das características existentes quando o Imperador romano Tarquínio, o Antigo, construiu em Roma, 425 anos antes de Cristo, o primeiro grande circo do mundo. A finalidade de suas funções, fazer rir e entreter o povo, nunca se alterou. O povo romano no tempo de Nero — grande entusiasta da arena — bradava por pão e circo. O povo de nossos dias reclama ainda a mesma coisa. O circo vem resistindo a tudo. É raríssimo o circo de hoje que não possua um palco e após uma primeira parte de números equestres, acrobáticos e de "clowns", vem na segunda parte a apresentação de um drama ou comédia. O circo-teatro está substituindo o circo-zoológico. O público circense, constituído em grande parte de analfabeto, depois de regalar a vista com as emoções do trapézio e do arame, adora abrir o coração às peças que se seguem, cujos títulos, "A donzela roubada", "A vingança do barão", "Honra de marselhês", etc. traduzem um mundo de situações melodramáticas. Existe um circo no Brasil que representa fielmente a evolução do picadeiro entre nós, um circo que já passou por todas as fases, desde o circo-zoológico ao atual circo-teatro.

O CIRCO MAIS ANTIGO DO BRASIL

É o Olimecha, de propriedade dos romanescentes irmãos Olimecha. Tem uma história que atravessa três gerações e já se transmite à quarta descendência, pois o garoto Luizinho, provável continuador da glória duas vezes centenária dos Olimechas, com apenas cinco anos de idade, é um dos ídolos do público que acorre ao seu pavilhão.

A história dessa família que sempre

AS DINASTIAS CIRCENSES MAIS ANTIGAS DO BRASIL — QUATRO GERAÇÕES DE ACROBATAS E SALTADORES — MANOELITO, RECORDISTA DE SALTOS ORNAMENTAIS — NOIVANDO DURANTE VINTE E SEIS ANOS — OSCARITO E ALDA GARRIDO, EX-ARTISTAS DO CIRCO OLIMECHA — JOSÉ QUEIROLO, DE AÇOUGUEIRO A CANTOR LÍRICO — CHICHARRÃO É HOJE DONO DE UM CINEMA — QUANDO ERA PROIBIDO RASPAR O BIGODE — RECEITA E DESPESA DE UM CIRCO NOS DIAS QUE CORREM.

Reportagem de
NEY MACHADO

Fotos de
ARNALDO VIEIRA

BRASIL, PONTO FINAL

viveu para o circo começa com o avô dos atuais irmãos Olimecha e bisavô de Luizinho, o japonês Torakitch Haytaka Olimecha, nascido em Osaka, e que, por volta do ano de 1700, era tido como o maior empresário do Império do Sol Nascente. Os Olimecha nunca foram japoneses. Seu pai foi um cidadão do mundo e os atuais descendentes, além de brasileiros natos, representam a mais lídima tradição da sua arte entre nós. O avô Torakitch empreendeu mais tarde uma excursão mundial com uma troupe de malabaristas e equilibristas japoneses, levando em sua companhia um filho de alguns anos de idade. Estiveram nos Estados Unidos, França e Inglaterra. Em Londres faleceu o velho Torakitch. Seu filho, Carlos Olimecha, tinha então apenas doze anos de idade e, apesar disso, tomou a direção da troupe, que continuou suas excursões. Por volta de 1800 excursionaram duas vezes pelo Brasil e foram a Montevidéu, onde casou-se Carlos Olimecha. E, depois de terem visitado Buenos Aires, voltaram para o nosso

país. basta dizer que seu pai, com a idade de 65 anos, era um lealista emérito e só mesmo a gripe hespanhola, em 1918, conseguiu abater aquela constituição privilegiada. Para os não familiarizados com acrobacias, esclarecemos que acrobata é o acrobata que equilibra e faz girar na ponta dos pés os mais diversos objetos e mesmo outros acrobatas. Hoje, seu filho Luis, apesar dos seus cinquenta e cinco anos e de sua terrível asma, que deixaria qualquer um de nós acamado, vence todos esses obstáculos e maravilha o público com seus prodigiosos números de lealismo.

OS SEIS OLIMECHAS SÃO AGORA CINCO

O Circo Olimecha apareceu somente em 1909. Antes disso, quando ainda o velho Olimecha era vivo, viviam dos contratos, que não lhes faltavam, atuando em outros circos e em teatros de variedades. No velho Circo Pery e depois no Spinelli estiveram muitos anos. Até que um dia, no Pará, o papai Carlos resolveu que já era tempo de ter o seu próprio pavilhão. A estreia foi um sucesso. Só a família valia por um espetáculo. Os irmãos naquele tempo trabalhavam todos. Manoelito, campeão mundial de salto, Luis, Alfredo, Jarbas, Bartolo e Marina, a única irmã. Com a única representante feminina da família deu-se mais tarde um caso interessante, que deixou não resta dúvida, uma tristeza imensa na família circense do Brasil. Marina apaixonou-se e veio a casar-se com um alto funcionário da Prefeitura. E aquela atleta perfeita ocupa hoje um prosaico emprego público, tendo deixado para sempre, pelo amor, a outra grande paixão, que fora o picadeiro. Uma exceção na família Olimecha. Alguns dos seus membros têm se casado com pessoas estranhas à profissão. Para o circo isso é um grande mal. Acusam que a descendência, desses ele-





A notícia sensacional da semana nos veio do Ceará, onde o governador, desembargador Faustino de Albuquerque, em tantas trapalhadas se meteu que acabou praticamente a pé, apeado do corcel governamental, ao menos metaforicamente, por um golpe de magia dos deputados à Assembleia Legislativa, os quais, por vinte e cinco votos contra vinte, aprovaram as emendas parlamentaristas à nova Constituição cearense. Ouvido pelo telefone pelo vespertino "A Noite", o desembargador Faustino declarou que o golpe de que foi vítima é inconstitucional, adiantando que recorrerá ao Supremo Tribunal Federal, afirmando de que este decreto a inconstitucionalidade dessas emendas. Fervem, em outros Estados, em razão disso, os pruridos parlamentaristas, que são a táboa de salvação de muitos descontentes... E enquanto o Ceará pegava fogo, o general Canrobert Pereira da Costa, que é hoje o ministro da Guerra e no passado foi um revolucionário dos mais entusiasmados, afirmava à imprensa serem absolutamente verdadeiras as notícias divulgadas sobre a imprensa sobre o projeto de uma intenção de sergatos, destinada a repor o Sr. Getúlio Vargas no trono de senhor absoluto do Brasil... O ex-ditador teria dito a esses sergatos de que ainda dispõe de trufos no Exército, mas que a hora não é mais de generais e sim de sergatos... Em todo caso, o Sr. Getúlio Vargas e os jornais queremistas desmentem a notícia, embora a essência do quererismo seja mesmo essa, — a da volta do ex-ditador ao poder... O processo sobre o assunto vai ser enviado à Câmara dos Deputados, visto estar envolvido no caso um senador, coberto pelas imunidades parlamentares... Chegou ao Rio de Janeiro, pela primeira vez, o navio "Portugal", vindo de Lisboa, com 226 passageiros, sob o comando de um oficial de Marinha Mercante que é também jornalista. É o capitão Joaquim Sant'Ana da Silva, que foi redator do "Diário de Notícias", do Rio. E o outro navio que vinha de Lisboa para o Brasil, apesar do seu apregoadíssimo radar, abalou com outro, a caminho de Funchal, voltando a Lisboa rebocado e fazendo muita água... Tivemos, também, desastres de aviação a granel e mortes em quantidade, encerrando-se a semana com uma nota de tragédia. Foi preso pela polícia um dos reis do jogo do bicho, o cidadão Fernando Lopes, — não pelo delegado da sua zona, que andava ausente, mais pelo Sr. Mario Lucena, que é delegado da economia popular. Talvez o Sr. Mario Lucena tivesse achado que havia muita gente matando as suas economias no jogo do bicho... Deixou o elenco de "Os Comediantes" a brilhante atriz Olga Navarro, que criou magistralmente a peça "Desejo", de Eugene O'Neill, e que, na Itália, trabalhou nas mais notáveis companhias dramáticas. Olga Navarro foi convidada para filmar o primeiro papel de um grande filme brasileiro. Com grande festividades, foi comemorado o vigésimo primeiro aniversário do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Rio de Janeiro, instituição que tem prestado os melhores serviços. Estiveram presentes às comemorações os generais Milton de Freitas, Zenobio da Costa, Raymundo Sampaio, Americano Freire, Souza Dantas, Saldanha Maza, etc. Notícias do Paraguai informam que os revolucionários contra-atacaram violentamente. Enquanto isso, o embaixador Francisco Negrão de Lima faz o papel de pomba da paz, com um ramo de oliveira no bico, visitando ora os rebeldes, ora os governistas, afirmando de obter um "arreglo" que ponha termo à luta. Na Itália, caiu o gabinete chefiado pelo Sr. Alcides de Gasperi, para ser substituído pelo gabinete chefiado pelo Sr. Alcides de Gasperi. Sim, é isso mesmo. Não se trata de erro de revisão. Depois que Francesco Nitti e Vittorio Emmanuel Orlando fracassaram na organização do novo gabinete, o presidente De Nicola recorreu ao próprio demissionário. E o resultado foi o gabinete seguinte: Presidente do Conselho, Alcides De Gasperi. Ministros: Interior, Mario Scelba; Justiça, Giuseppe Grassi; Estrangeiros, Carlo Sforza; Defesa Nacional, Mario Cingolanni; Instrução Pública, Guido Gonella; Obras Públicas, Umberto Tupini; Agricultura, Antonio Segni; Transportes, Guido Corbellini; Comunicações, Umberto Marlin; Indústria e Comércio, Giuseppe Jogni; Trabalho, Amintore Fanfani; Marinha Mercante, Paolo Cappa; Coordenação e Orçamento, Luigi Fimandi; Comércio Exterior, Cesare Merza. Estando na moda caírem gabinetes, caiu também o da Hungria, chefiado pelo Sr. Ferenc Nagy, sendo substituído por outro, chefiado pelo Sr. Lajos Dinnyes, um general que pertence ao partido dos pequenos proprietários. Se há algum húngaro interessado em saber quem são os outros membros do gabinete aqui estão eles: Aposto que o linotipista há longo tempo não gasta tantos "yy" e tantos "zz"... E, para finalizar, mais uma façanha do generalíssimo Francisco Franco, o "el Supremo" da Espanha. O homem fez prender a duquesa de Valencia e iniciou uma "blitzkrieg" contra os monarquistas. Eis o que diz um telegrama da United Press: MADRID, 31 (U. P.) — Fontes fidedignas dizem que a polícia deteve cinquenta e dois monarquistas na primeira ofensiva em grande escala para fazer abortar a propaganda monarquista anti-franquista. Informações divulgadas aqui dizem que a polícia descobriu uma oficina gráfica clandestina e impressos incitando os espanhóis à luta contra Franco. Os detidos estão na chefatura de segurança, que se recusa a revelar a identidade de um suspeito de dirigir a propaganda. Diz que este se chama Ricardo Sanchez Herrero. A propaganda inclui apelos aos republicanos, falangistas e católicos para que lutem contra o regime franquista. Não há indícios de que atividades policiais paralisarão a campanha de propaganda monarquista que se mantém ativa desde antes de Franco anunciar o seu projeto de sucessão, mas admite-se que há dificuldades para a sua impressão em grande escala. Franco parece desorientado... Não há dúvida que ele se debate entre areias movediças e que acabará se atolando...



No dia seguinte...

É muito comum, no dia seguinte ao de reuniões infantis, as crianças amanhecerem indispostas, sem apetite, com vontade de vomitar, dores no ventre e outros desarranjos do estômago e intestinos.

Às vezes, os efeitos das gulodices (que, não raro, já encontram um estômagozinho sujo, mal preparado para recebê-las) se fazem sentir até no mesmo dia, ou durante a noite. De qualquer modo que isto aconteça, a pobre criança pagará caro alguns breves momentos de prazer, se o seu mal não for prontamente atalhado com um remédio de confiança, que lhe proporcione rápido alívio. Quem tiver ocasião de constatar os resultados surpreendentes do **Ventre-Livre** certamente não deixará mais de empregá-lo em tais casos.

As mães cuidadosas não devem, entretanto, esperar que as crianças tenham uma perturbação forte para recorrer ao **Ventre-Livre**. Compete-lhes impedir que as horas felizes de seus filhos se convertam em sofrimento. Serão evitadas as intoxicações se, além de uma alimentação sadia, o estômago e intestinos dos pequenitos forem mantidos sempre bem limpos e bem tonificados com o uso frequente de **Ventre-Livre**.

De ação suave e gosto agradável, **Ventre-Livre** evita e trata as indigestões e todos os distúrbios causados pela prisão de ventre, sendo muito aconselhável o emprêgo desse remédio antes e depois das festas infantis.

Não esquecer nunca:

Ventre-Livre não é purgante

O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na rôlha de rosto do conto e, na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA".

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

O PINCE-NEZ DE OURO

OFICINA DE 1.º ORDEM
AVIAME RECIPTAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORÇONS

R. CARIOCA N.º 23

Joalheria

LUIZ R. RICART

TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES



mentos, talvez por viver fora do picadeiro, não continua a tradição paterna. Os veteranos Olimechas de hoje olham angustiados a ameaça de desaparecimento do circo que leva o nome da família. Que acontecerá quando os cinco irmãos tiverem desaparecidos desse mundo? Luizinho, que provável será o continuador da dinastia profissional, tem apenas cinco anos de idade. Seu pai, Luiz Olimecha, tenciona fazê-lo estudar e doutorar-se. Abandonará Luizinho o picadeiro por um diploma? Talvez isso não aconteça. Talvez estude e se forme, mas continue também no circo, como por exemplo o Dr. Albano Pereira Neto, que de dia é um austero advogado criminal e, à noite, no circo de seu pai, se transforma no impagável "Dr. Fuzarca".

GLÓRIAS DA FAMÍLIA

Essa família muito se orgulha de uma distinção que foi conferida no tempo do Brasil Império. O Imperador Pedro II foi admirador do velho Carlos Olimecha. Quando o japonês se radicou em nosso país, foi diversas vezes ao Paço de São Cristóvão, a pedido do próprio Imperador. E o monarca iniciou seu aprendizado da língua oriental com aquele artista. Posteriormente, em sinal de reconhecimento pela dedicação que o velho Olimecha sempre lhe dispensara, D. Pedro II agraciou-o com o título de comendador. Não ficam aí as glórias da família. Alguns anos depois, em 1908, Manoelito sagrou-se campeão mundial de saltos ornamentais. Esse triunfo foi conquistado pelo artista brasileiro em terras estranhas, concorrendo a uma competição mundial organizada pelo grande empresário Leonard Parish, em Madrid. Os espanhóis, tidos como mestres nessa difícil acrobacia, ficaram maravilhados com o brasileiro que se aventurara a ir de tão longe para disputar o certame. Competiu e, sob a estupefação de todos, venceu o concurso. Seu famoso salto triplice ou duplo salto, e pirueta nunca foi sequer imitado. São duas voltas em salto mortal e mais uma rodada horizontal, ainda no ar. O rei de Espanha, Afonso XIII, ovacionou-o e mandou felicitá-lo em seu nome. Essa glória conquistada por Manoelito nunca mais foi arrebatada do Brasil, pois até hoje nenhum outro saltador conseguiu realizar tão prodigiosa façanha. Manoelito foi o absoluto na sua especialidade, de 1908 até 1935, recorde assombroso de tempo, considerando-se que os saltadores conservam-se nessa especialidade durante, no máximo, dez anos.

TOMÉ, O CÔMICO NÚMERO UM

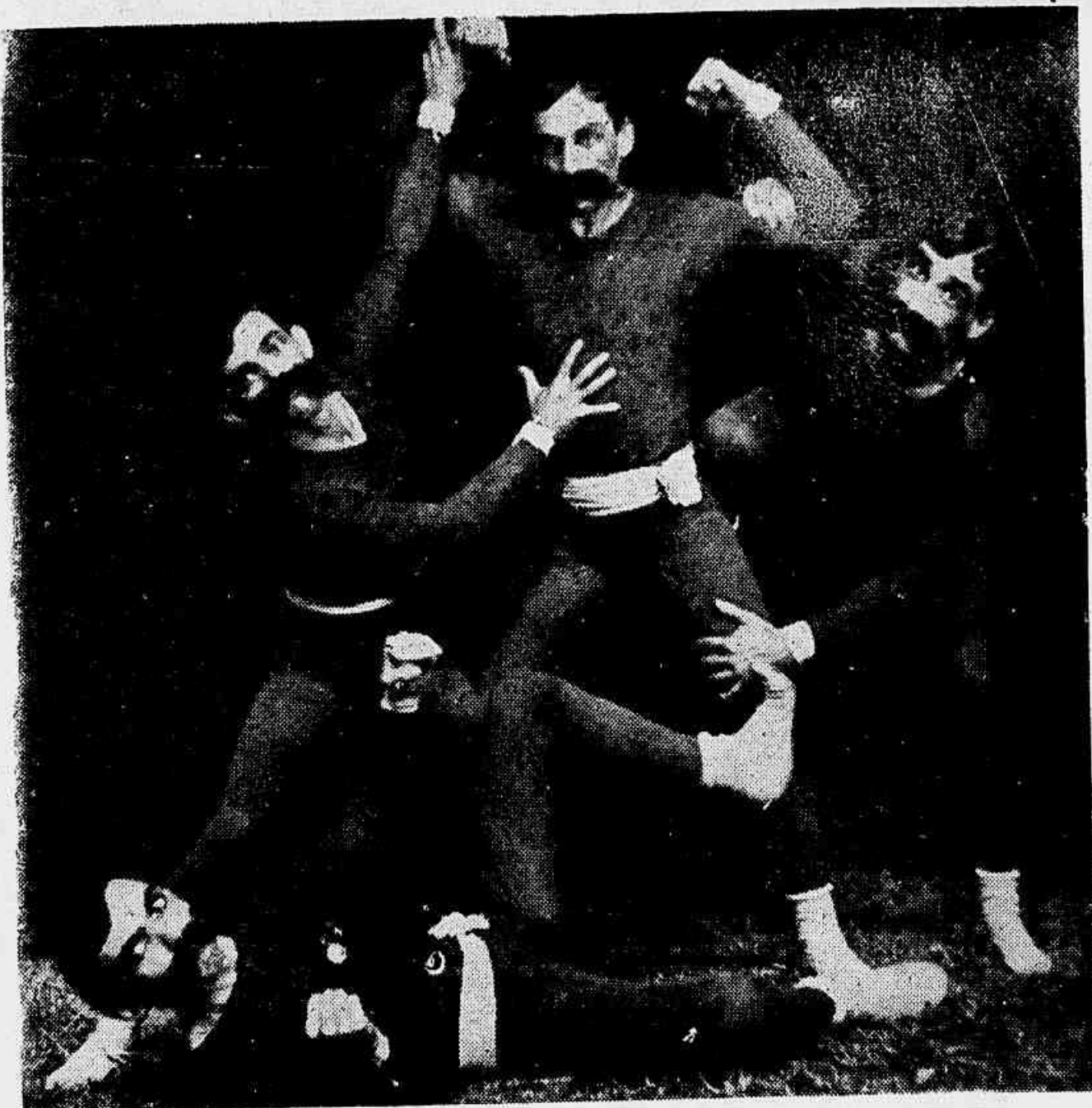
Embora todos os cinco irmãos sejam equilibristas, saltadores, icaristas e peritos em um sem número de formas atlético-acrobáticas, cada um possui uma especialidade preferida de apresentação são obrigados a abandonar os números no picadeiro. Mesmo porque com a idade extenuantes e a se dedicar a outras apresentações. É o caso do palhaço Tomé (Bartolo Olimecha, no registro civil) que se tornou o comico da família. Tomé e Pioli são atualmente os maiores comicos circenses do Brasil. Tomé, entretanto, leva grande vantagem sobre o seu rival de São Paulo, pois o Olimecha, antes de ser "clown", era um acrobata magnífico e hoje, com seus quarenta e poucos anos, ainda se utiliza de seus músculos bem treinados para, com piruetas ridículas, arrancar gostosas gargalhadas da assistência. Alguns de seus números cômico-acrobáticos são, por sinal, bem difíceis, como o que executa sobre o cavalo que galopa em redor do picadeiro. Tomé faz "miséria" em cima do equino e a gente fica sem saber se ri das suas monices ou se bate palmas pela sua acrobacia equestre. Tomé possui um troféu glorioso: a medalha de ouro que lhe foi ofertada pela Municipalidade de Campos. Os campistas quiseram dessa forma expressar-lhe o agradecimento pelas horas de bom humor que Tomé lhes proporcionou. E a graça de Tomé é de um humor sadio, sem pimenta, bom exemplo para algumas das nossas revistas teatrais.

"Tomé" e "Tonino" em pose especial para a REVISTA. "Tomé" rejeitou há pouco um contrato para trabalhar em um teatro de revistas, com ordenado mensal de vinte mil cruzeiros. "Tomé" preferiu ganhar menos no circo...



Luiz Olimecha, com sua experiência de empresário do circo que leva o nome da família, garantiu-nos: "Enquanto houver crianças no mundo, o circo não morrerá. A arte do palhaço será eterna. Os flagrantes que ilustram esta página foram feitos nos circos Olimecha, armado à rua Siqueira Campos, e no dos Irmãos Queirolos, montado na Ponta do Cajú. Embora predominem as crianças nas arquibancadas dos pavilhões, os adultos também se regalam com as diabruras espontâneas dos palhaços e com as emoções dos números arriscados do trapézio, da percha, dos saltos de icarismo e do arame. O circo agrada a toda a gente.





Ao lado: uma "pirâmide" feita pela família Olimecha. As três irmãs que aí aparecem (Maria de Lourdes, Ida e Blanda) casaram-se com três dos irmãos Olimechas. Na foto acima: uma paródia cômica feita pelos irmãos Queirolos, satirizando os atletas do começo do século.

OS AMORES DA FAMÍLIA

Em geral, como anotamos, os Olimechas têm se casado fora da profissão, fato incomum entre artistas de circo. Marina por vontade do marido abandonou o picadeiro. Alfredo Olimecha, acrobata e "clown", teve um romance de amor digno de ser descrito em folheins ou novela radiofônica. Aos vinte e poucos anos apaixonou-se por uma jovem da nessa melhor sociedade, prima do conhecido político Dr. Maurício de Lacerda. O amor lhe foi correspondido com ardor igual e o noivado durou exatamente vinte e seis anos. Sómente no ano passado, tendo Alfredo quarenta e oito anos de idade, foi realizado o romanesco enlace. Por que tamanha espera? Simplesmente porque Alfredo não queria que sua jovem noiva suportasse as agruras de uma vida de saltimbancos, prometendo a si mesmo que só a desposaria quando o

circo não mais efetuasse excursões fora do Rio. Durante esse período de espera o Rio cresceu, teve sua população duplicada e os Olimechas puderam armar acampamento definitivo nesta cidade. Alfredo cumpriu o juramento, pediu a mão da moça que tão fielmente o aguardava e os dois iniciaram sua esperada lua-de-mel. Conta-se a esse respeito um episódio humorístico. Em 1932, quando prefeito de Vassouras, sua cidade natal, o Dr. Maurício de Lacerda dissera em uma reunião familiar: — "Se esse Circo Olimecha aparecer aqui em Vassouras, pego o Alfredo por um braço e o obrigo a escolher: ou casa-se com você ou ponho-o na cadeia". E para mofar da prima, acrescentava:

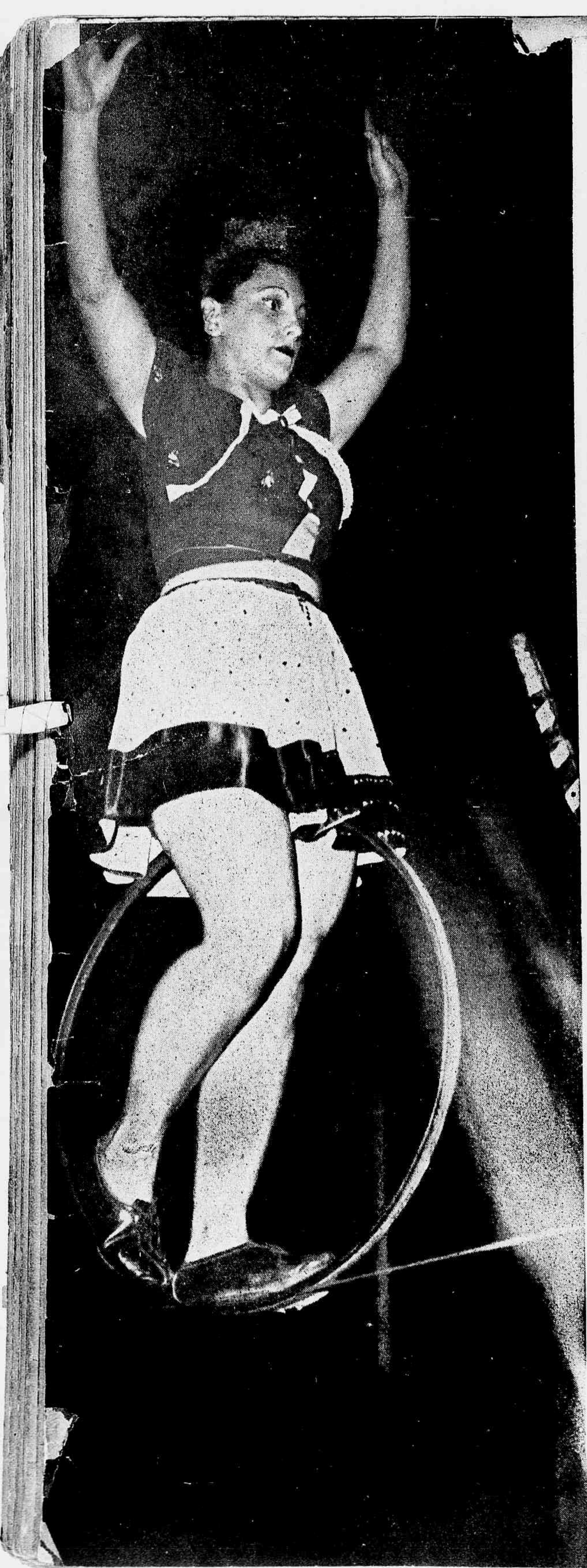
— "O Alfredo é bem capaz de preferir a cadeia". E' claro que isso era apenas por brincadeira, pois os Olimechas têm no dr. Maurício de Lacerda um dos

Em baixo: os acrobatas saltadores "Irmãos Queirolos". No centro está Aldo, de cinco anos, continuador da tradição da família. Seu pai, Alcides Queirolo (à esquerda, na foto), além de exímio icarista, é o impagável palhaço "Kipolim" que a criançada do Rio adora.

Na página à direita: Uma gostosa gargalhada de responsabilidade de "Ripolim".







A esquerda: Maria de Lourdes Olimecha, mãe do palhacinho "Pirolito" — visto páginas atrás — num difícil número de arame. Na foto acima: Maria de Lourdes e seu marido, Luiz Olimecha, num detalhe de um número oriental, apresentado com toda a riqueza de indumentária.

seus mais antigos e leais amigos. Luiz, Olimecha, atual diretor da compênia, casou-se duas vezes, sendo que no segundo matrimônio consorciou-se com uma sobrinha de sua primeira mulher. Sua atual esposa, dona Maria de Lourdes, vivera desde pequenina naquele ambiente e ali se fizera uma artista emérita. Suas irmãs Ida e Blanda casaram-se também, com dois dos irmãos Olimechas, Tomé e Jarbas. Todas elas, jovens ainda, serão naturalmente as responsáveis pela continuação das glórias profissionais da família circense mais antiga do Brasil. Luizinho, filho de dona Maria de Lourdes e de Luiz Olimecha, parece ser o indicado para continuador da obra. Os filhos dos outros irmãos se dedicam a outras misteres e nenhum deles chegou sequer a aprender a profissão paterna.

PADRE CICERO, "FAN" DOS OLIMECHAS

O circo diverte e emociona ao garoto como ao homem adulto. Por isso tantas celebridades, desde os mais remotos tempos, foram entusiastas das artes do picadeiro. No Brasil os "fans" dos Olimechas contam-se aos milhares. O "santo" Padre Cicero, do Ceará, figura entre eles. Tanto que autografou um retrato seu para Manoelito, cujos saltos extraordinários entusiasmaram o pároco milagreiro. O circo esteve em Joazeiro por volta do ano de 1926. Herbert Moses escreveu certa vez que "o Circo Olimecha é uma das mais belas tradições da nossa terra". Belmiro Braga, o inspirado poeta julzeforense, foi um dos seus grandes admiradores.

ASTROS DE HOJE QUE VIERAM DO SEU PAVILHÃO

Assim como os Olimechas, além dos ensinamentos do pai, aprenderam muita

coisa com os Perys e os Spinellis, eles também se tornaram, mais tarde, quando possuíram o seu próprio pavilhão, mestres e encaminhadores de outros artistas, que são hoje "astros" do nosso teatro. Vic, o parceiro de Joe, na conhecida dupla de ginásticas "Vic and Joe", iniciou sua carreira de atleta nesse circo, quando então fazia parte do famoso "Trio Abelardo" (Abelardo, Vic e Miguel). Dali também se projetaram hoje, a popularíssima Alda Garrido e seu marido Américo Garrido, que naquele tempo fazia papéis típicos, enquanto que Alda imitava o tipo das nossas roceiras, em caracterização que a levou à fama. Nesse tempo os Olimechas estavam associados a esta outra grande figura do picadeiro nacional, o grande palhaço Benjamin de Oliveira. E o que muitos não sabem, porque ainda não foi revelado antes, é que ali também se fez o não menos famoso Oscarito, "astro" do teatro e do cinema nacional.

O PALHAÇO NAO MORRE

Os irmãos Olimechas depois que passaram a residir permanentemente no Rio adquiriram uma casa em São Cristóvão, onde residem. De lá descem todas as tardes para o bairro onde está armado o pavilhão. Sómente o mano Luiz mora no próprio circo, pois sendo o responsável pela companhia prefere ele mesmo fiscalizar e dirigir todos os trabalhos. Passa o dia inteiro entre as armações, ensinando os mais jovens, cuidando dos inúmeros aparelhos que constituem o acervo do circo.

— Nasci no circo — diz-nos ele, — criei-me aqui e aqui dentro morrerei.

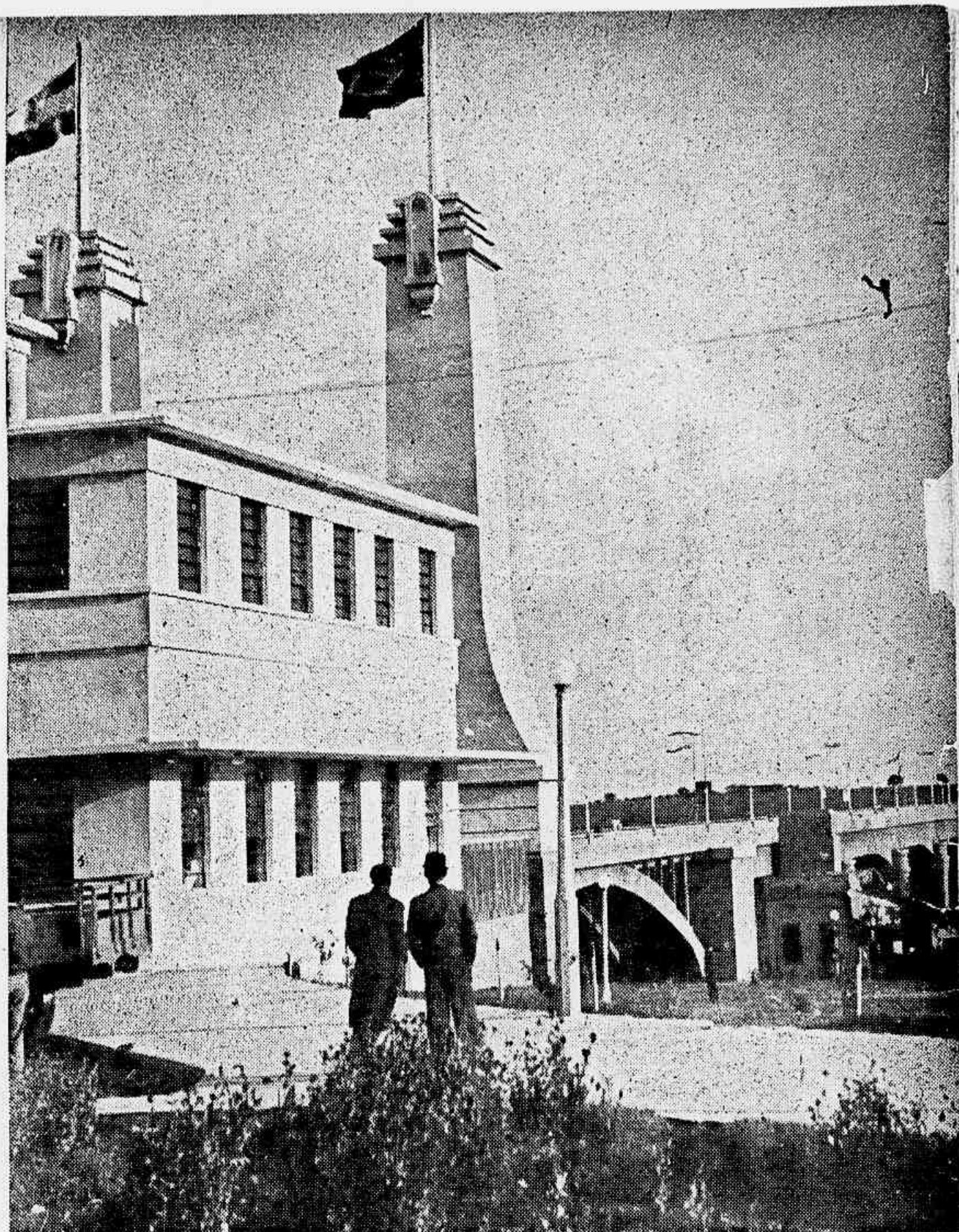
— Fez fortuna com a profissão? — perguntamos-lhe.

— Isso não dá para fazer fortuna.

(Continúa na pág. 49)

Os irmãos Quelrolos aparecem novamente na pose característica dos atletas do tempo de nossos avós. O vasto bigodão não podia faltar ao artista que se prezasse. Seu pai e tios, acrobatas de renome internacional, foram os primeiros a se apresentar, ao público, com a cara completamente raspada.





A INAUGURAÇÃO da ponte internacional ligando o território brasileiro ao argentino, sobre o rio que, outrora, dividia as cidades de Uruguaiana, na nossa fronteira, e Paso de Los Libres, na fronteira argentina, deu ensejo a expressivas demonstrações da cordialidade argentino-brasileira, traduzidas pelo encontro dos presidentes Eurico Gaspar Dutra e Juan Domingo Peron, os quais se abraçaram sobre o novo marco da amizade entre o Brasil e a Argentina, construído por cooperação entre os dois países. O acontecimento teve grande repercussão, tanto no Brasil como na Argentina, interessando especialmente às popula-

ções de Uruguaiana e de Paso de Los Libres, onde os dois chefes de Estado receberam as mais expressivas homenagens. Ao alto, vemos um flagrante em que aparece o presidente do Brasil, em palestra com a primeira dama da República Argentina, e outro em que o general Eurico Gaspar Dutra entrega um mimo à senhora Eva Duarte Peron, como lembrança da inauguração da ponte; em cima, à direita, um aspecto da ponte recém inaugurada e, em baixo, um detalhe da multidão de argentinos e brasileiros que se aglomerou para assistir o grande acontecimento. (Fotos da Agência Nacional).

CONFRATERNIZAÇÃO ARGENTINO-BRASILEIRA

O ENCONTRO DOS PRESIDENTES
EURICO DUTRA E JUAN PERON
NA INAUGURAÇÃO DA PONTE IN-
TERNACIONAL





— Conserve-se nessa posição, por favor!

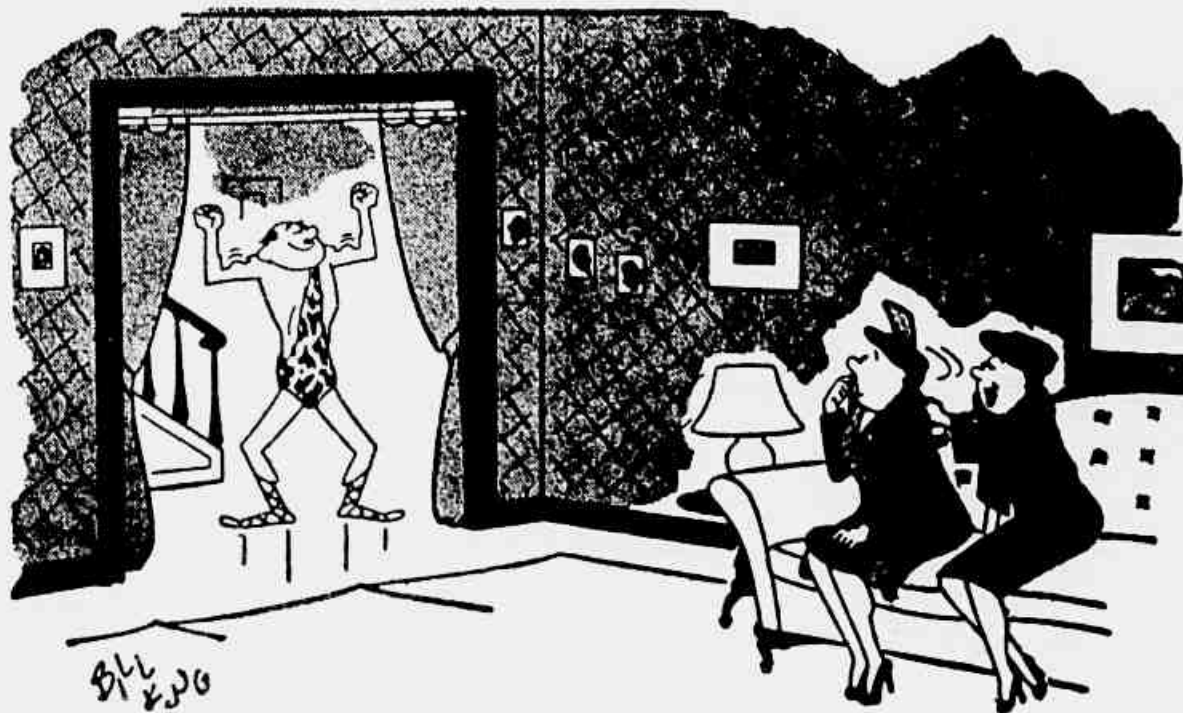


— Por que você não fez isso às segundas, terças, quartas, quintas e sextas?



— Puxa! Foi a nota mais alta que eu já ouvi de um trompete!

**BOM
HUMOR**



— Não se assuste! Diga-lhe que ainda está muito bem para um homem de 51 anos e logo ele irá lá para cima...



— Oh, por favor... pôde usar mesmo os dedos!





Em cima e na página ao lado: Bibi Ferreira, com a caracterização que apresenta no seu primeiro filme inglês, no qual faz o papel de uma jovem mestiça, esposa de um índio, interpretado pelo famoso ator Sabú.

BIBI FERREIRA, "ESTRELLA" DO CINEMA INGLÊS

BIBI Ferreira chegou ao Rio na semana passada. Terminou a filmagem de seu filme, conhecido ora com o nome de "End of the river", título do romance de Desmond Holdridge, de que foi extraído, ora pelo nome de "Blue days and green days". Fomos procurá-la, no seu apartamento. E ficamos então inteirados de novos incidentes que rodeiam o filme, um dos mais acidentados dos últimos tempos. Se tiver cabimento a velha superstição teatral de que quanto mais acidentada é a preparação de uma peça tanto maior é o seu sucesso, o primeiro filme de Bibi Ferreira em inglês será um êxito universal, de fazer variar o trânsito.

Bibi Ferreira recebeu-nos um pouco aborrecida com um incidente de viagem.

— Imagine! Minha mãe está na África!

— Como? Caçando leões?

— Que nada! Ficou retida lá, por falta de lugar no avião. E eu não sei quando virá! Estou aborrecidíssima com isso...

No curso da conversa, surge uma outra novidade:

— Sabe? — diz Bibi. — Meu filme foi terminado pelo famoso diretor Michael Powell, considerado o maior talento do cinema inglês. E' que o diretor com quem Sabú e eu estivemos no Amazonas, Derek Twist, apanhou malária e ficou impossibilitado de terminar a película no prazo marcado. Michael Powell, que no momento estava livre, assumiu o bastão. E' um magnífico diretor. Gostei imenso de ter trabalhado sob as ordens dele...

E' sabido, aliás, que, Bibi Ferreira também teve malária, embora sob forma benigna.

— E o incêndio que houve no seu apartamento?

— Ah, vocês souberam, aqui?

— É claro. As agências telegráficas

DE VOLTA DE LONDRES, A JOVEM ARTISTA DIZ QUE ESTÁ ENCANTADA COM A INGLATERRA E COM A CALMA DOS INGLESES — SOLTEIRA, OUTRA VEZ, MAS "FRONTA PARA OUTRA" — O TRISTE CASO DE CLÉIA BARROS.

Reportagem de DEMÓSTENES VARELLA
Especial para "REVISTA DA SEMANA"

transmitiram a notícia, embora sem dar muitos detalhes... Os danos foram ligeiros ou representaram coisa séria?

— MUITÍSSIMO séria, — explica Bibi Ferreira. — Imagine que, em pleno inverno londrino, lá se foram os meus quatro capotes de peles... Foi um desastre total. Perdi tudo quanto tinha. E isso numa época em que as roupas estavam racionadas na Inglaterra. A muito custo, arranjei uns cupons suplementares. Presa pelo meu trabalho no estúdio, não podia arrear o pé de Londres. Mas, assim que pude, apanhei um avião e fui passar cinco dias em Paris, não só para ficar conhecendo um pouco a cidade, mas para poder comprar as roupas que precisava com toda a liberdade, sem precisar de cupons...

— Terminaram aí os incidentes relacionados com o seu filme?

— Absolutamente, não, — informa Bibi Ferreira. — Houve ainda uma enorme trapalhada, em torno do noivado do Sabú e do casamento dele comigo...

— Com você?

— Espere... Eu explico. Saiu nos jornais dos Estados Unidos uma notícia dizendo que eu me havia casado com Sabú. Tudo foi resultado apenas de um malentendido, ou de uma publicidade mal feita. Em lugar de dizer que eu havia casado com Sabú numa cena do filme, fizeram crer que isso se dera na vida real. A

noiva de Sabú, sobrinha de um ator famoso, chamou-o de Hollywood pelo telefone internacional, exigindo explicações e perguntando-lhe como tivera coragem de casar com uma tal Bibi... Sabú disse que não existia uma tal Bibi, mas sim a atriz Bibi Ferreira, sua "leading lady" no filme e pessoa muito simpática, mas com a qual nada tinha em comum. A noiva bateu o pé e, para encerrar o caso, o pobre Sabú teve de fazer um programa especial, na BBC, dirigido aos Estados Unidos, explicando todo o equívoco...

— E agora?

— Está terminado o meu trabalho, mas voltarei a Londres, dentro de dois a quatro meses, para assistir ao seu lançamento e para, possivelmente, gravar em disco as músicas "Trepá no coqueiro" e "Moreno cor de canela", de Ary Kerner, que eu cantei no filme e que agradaram muito aos produtores. Fiz um "test" em technicolor, que foi considerado excelente, e meu próximo filme, na Inglaterra, será colorido, segundo me foi prometido. O papel que acabo de fazer, embora não sendo tão importante, no filme, quanto o de Sabú, é o segundo em importância e servirá para me situar bem no cinema. Não fazer grande propaganda em torno do meu nome. E é possível que, como contratada de J. Arthur Rank, eu não fique apenas nessas duas películas

Em seguida, Bibi — acrescentou:

— Quero que diga que estou encantada com a Inglaterra e sobretudo com a calma dos ingleses. Tudo ali se faz sem ruído, sem sufreguidão. Os próprios marceneiros descobriram como dar marteladas em pregos sem fazer ruído. São uma gente formidável, os ingleses. Conheci, na Inglaterra, muitas celebridades, como, por exemplo, Deborah Kerr, que é encantadora. Fui apresentada a Robert Taylor e Barbara Stanwyck. Fui à "première" de "The Black Narcissus", ótimo filme inglês, a que compareceu a rainha-mãe, Mary. Constatei que Sabú é popularíssimo entre os ingleses. E vivi dias maravilhosos!

— Ouvimos dizer que você iria a Hollywood fazer filme para a Universal...

— Não sei ainda, mas é bem possível, porque, sendo J. Arthur Rank um grande acionista da Universal, os seus artistas podem trabalhar para essa empresa, quando ela reclamar os seus serviços. Aliás, um dos meus companheiros de filmagem, Robert Douglas, já foi para os Estados Unidos, afim de ser o galã do próximo filme de Bette Davis. Dois outros artistas que trabalharam no filme de que Sabú e eu fomos interpretes são Esmond Knight e Thorin Fletcher.

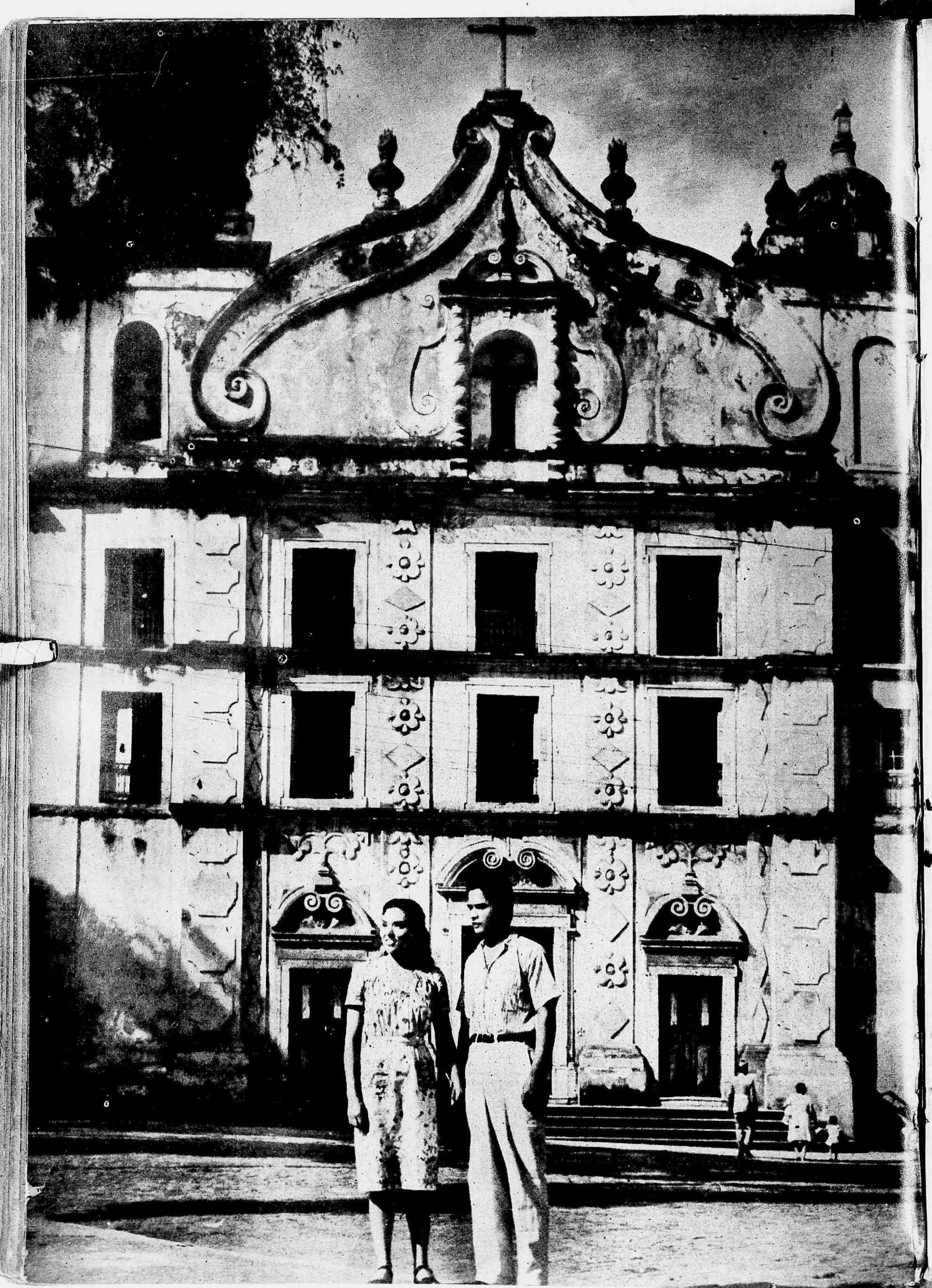
Bibi Ferreira falou-nos, ainda, de sua colega, a atriz Cléia Barros. E falou com pesar. Parece que seu contrato será cancelado. Estava estudando inglês e arte dramática com afinco, mas, sofrendo de reumatismo agudo, não poderá viver num clima como o de Londres.

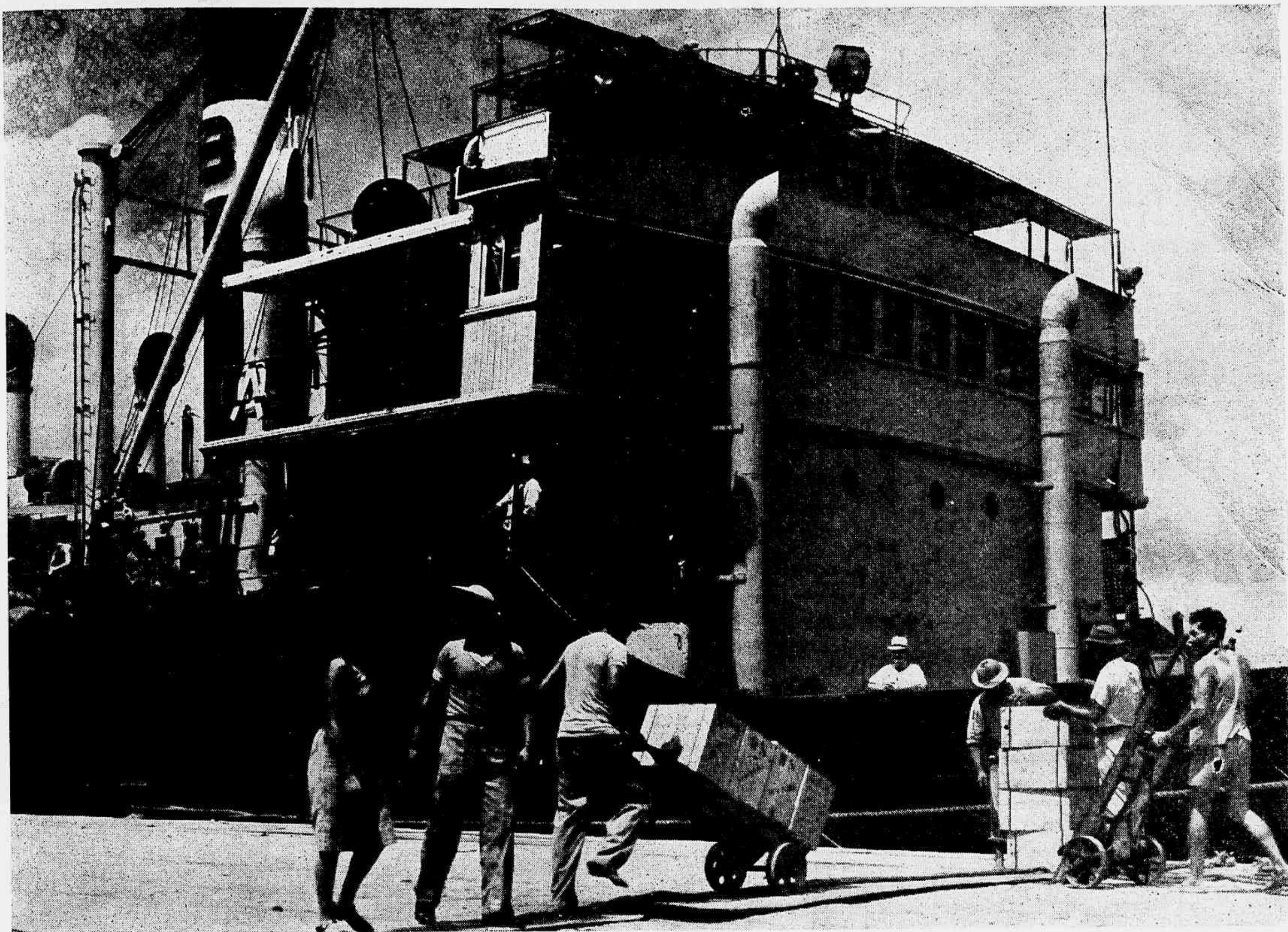
— Mais alguma novidade? Em que deu seu divórcio?

— Ah, está tudo acabado. Estou solteira de novo. E pronta para outra...

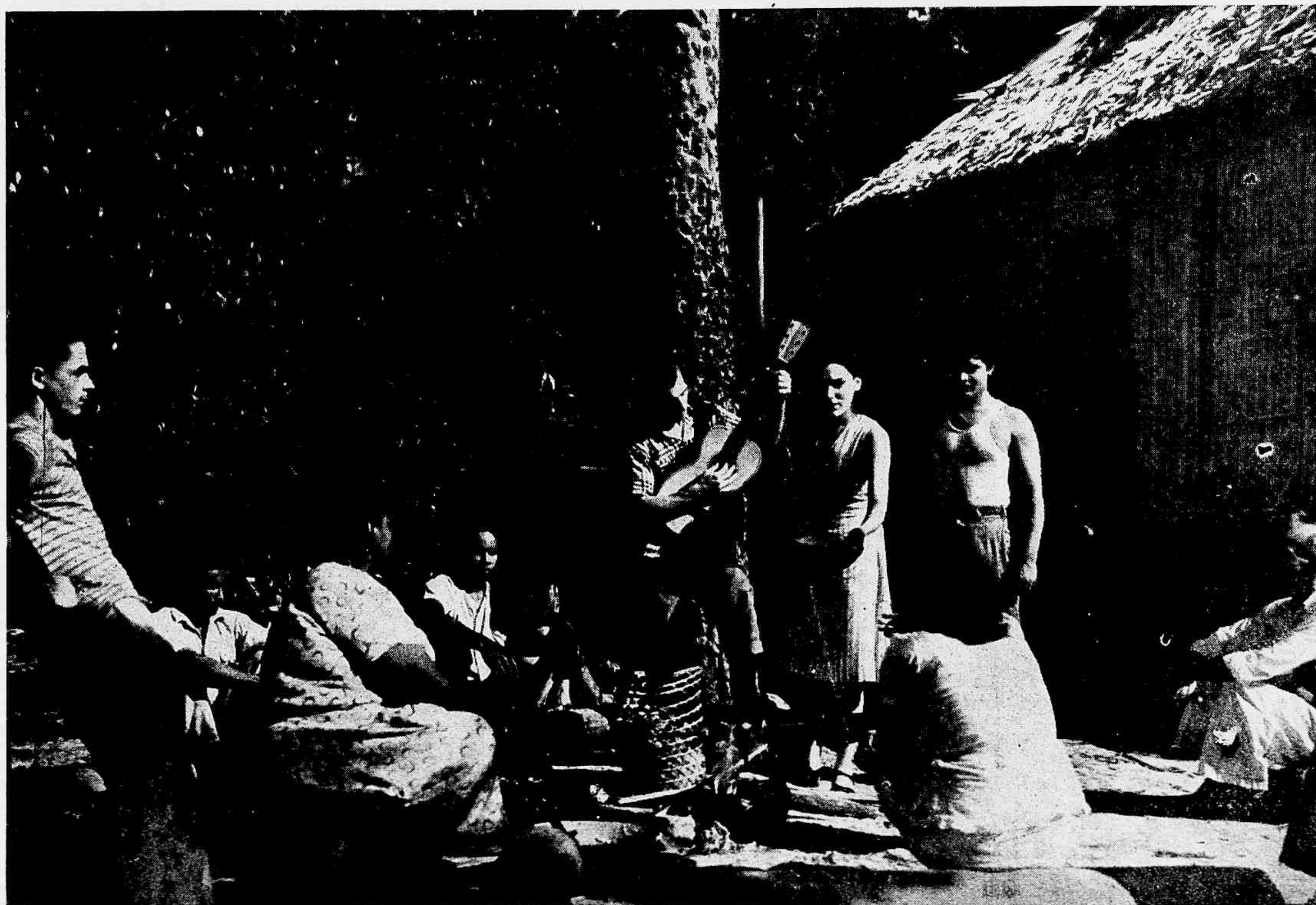
Rindo, com aquele riso que os seus "fans" se habituaram a admirar no teatro, Bibi Ferreira encerrou a breve palestra que nos concedeu, no dia seguinte ao seu regresso de Londres.

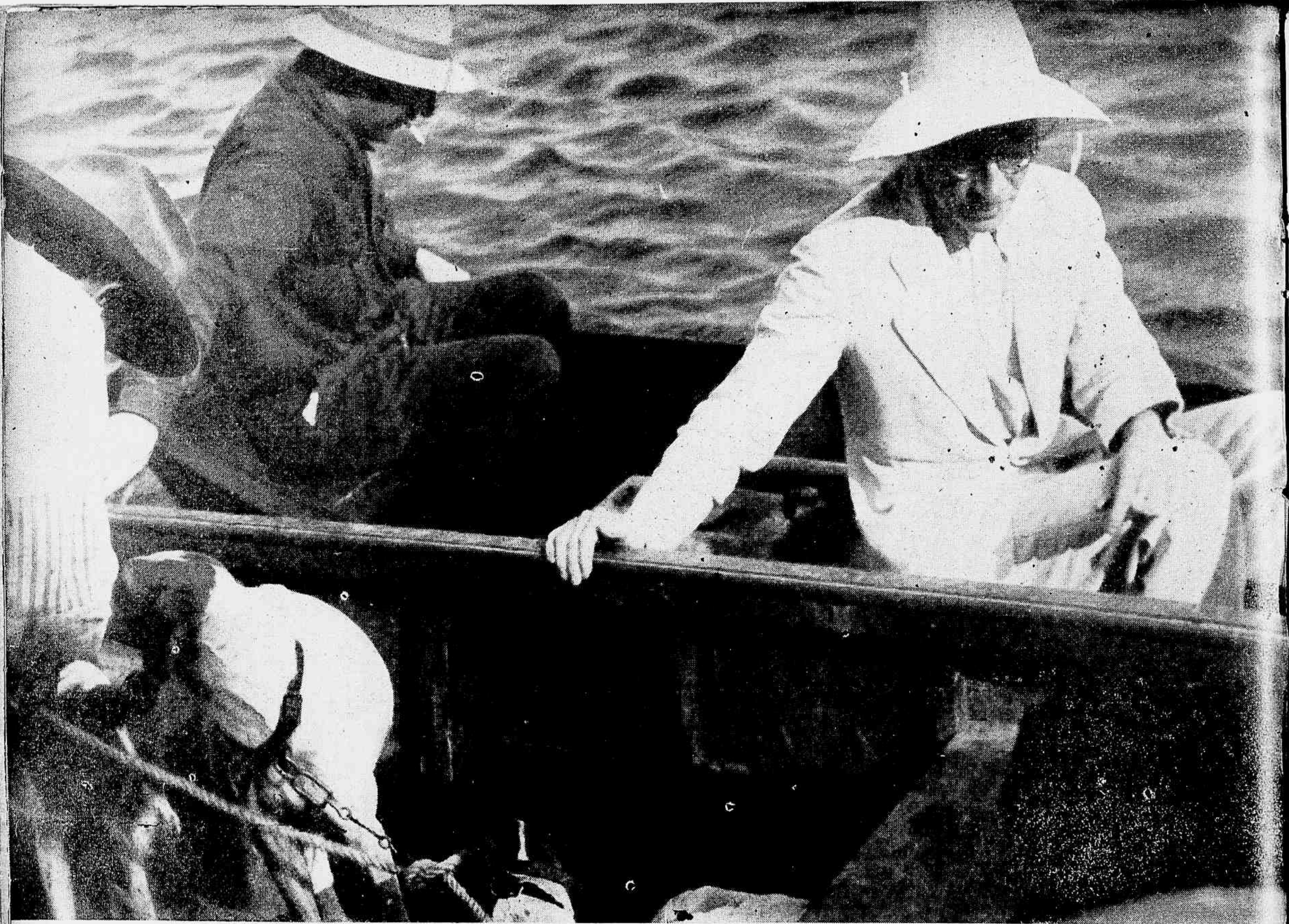






Na página à esquerda, Bibi Ferreira e Sabú, em uma cena do filme inglês, tendo como cenário uma velha igreja de Belém; em cima, uma cena com Bibi e Sabú nas docas da capital paraense e, em baixo, num dos episódios filmados à margem do Amazonas, com "extras" brasileiros, contratados no próprio local da filmagem.





Manotti Del Picchia, o autor de "Juca Mulato", gosta da vida ao ar livre, tal como seu herói. Foi-lo aqui numa pescaria em companhia do Sr. Adhemar de Barros, hoje governador do Estado de São Paulo.

"JUCA MULATO" COMPLETA TRINTA ANOS

JUCA MULATO, GECA TATÚ & JUCA PATO — 200.000 EXEMPLARES DO FAMOSO POEMA ESPALHADO POR TODO BRASIL — TREMENDAS CONFUSÕES DÃO ORIGEM A UMA SÉRIE DE INCIDENTES E ANEDOTAS — JUCA MULATO VISTO PELOS CRÍTICOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS — AS MAIORES MANIFESTAÇÕES QUE O JUCA DEU AO SEU AUTOR — A SORTE DE "JUCA" EM SEUS TRINTA ANOS.

Por **NELSON VAINER**

(Especial para "REVISTA DA SEMANA")

JUCA Mulato, o filho espiritual de Manotti Del Picchia, que em 1917 apareceu no cenário da nossa literatura, completa neste 1947 trinta anos. E o mundo intelectual da Paulicéia, que durante esses longos anos assistira à sua evolução até alcançar a glorificação de figura nacional, mobiliza-se para prestar-lhe as merecidas homenagens.

Mas por que se dá a essa mera sombra a feição de uma personalidade tão viva que acaba de fazer anos como qualquer cidadão da República? — E' porque Juca Mulato, tal como Geca Tatú e Juca Pato, passou a ser uma criatura que penetrou em todos os lares brasileiros de norte a sul do país.

Foi Pirandello quem, em "Seis personagens à procura de um autor", melhor apresentou o problema do personagem que passa a ter uma essência autônoma, independente do autor, mais vivo do que ele. Muita gente já não sabe que existiu Cervantes, mas todos falam, todos sentem e compreendem Dom Quixote. Assim diremos dos "mosqueteiros", de Dumas, tão vivos que passaram a

caracterizar a bravura, o romantismo, a temeridade

"Geca Tatú", de Lobato, é conhecido de todos como um tipo familiar, um caboclo opilado, de barbicha e toco de cigarro na boca. E' mais que um homem: é um símbolo. "Juca Mulato", de Manotti, a personagem rural que encarna o tipo sentimental do "caboclo" do mato e encerra, na sua psicologia melancólica, o "gênio triste de uma terra e de uma gente triste". Na realidade, Geca e os dois Jucas têm entre si a parentela — ou melhor — a quase identidade de serem três expressões do mesmo tipo: do homem rural ou comum brasileiro. Geca é caipira desalentado, filho da raça abandonada à sua própria sorte pelos governos; Juca Pato é a expressão mordaz e polêmica desse mesmo tipo. Juca Mulato a sua expressão sentimental e lírica. Daí o amor que cercou o caboclo rude que era "forte como a peroba e livre como o vento", mas que encarnava toda força do sentimento de que é capaz nossa raça.

O fato de tal criatura completar trinta anos — dada sua popularidade e o fato de ter penetrado nas mais lon-

ginqas regiões do país — toma as proporções de um acontecimento nacional. Porque não há brasileiro que saiba ler que não conheça o poema de Manotti Del Picchia, quando não saiba trechos dele de cor.

VINTE E UMA EDIÇÕES EM TRINTA ANOS

Chega-nos, pois, Juca Mulato, à sua idade balzaqueana em plena força, com vinte e uma edições, perfazendo 200.000 exemplares espalhados por este nosso imenso Brasil. Várias vezes passou as fronteiras da sua terra natal; traduzido pela poetisa Emilia Bernal, foi objeto de estudos na Academia Cubana de Letras; vertido para o italiano por Maria Alessandrini e agora, para o francês, por Marcel Baunach, será lançado em Paris dentro de muito breve. Não podia, pois, ter sorte mais auspiciosa o feliz poema. Uma edição riquíssima, em seda, será tirada este ano. Dele, praticamente, foram feitas três edições ao alcançar seu 30.º aniversário: a que consta das "obras completas", do autor, volume III, tiradas pela Editora Nacional, com a IV.ª edição dos Poemas, e a de "Catléia".

AS AVENTURAS COMICAS DE JUCA MULATO

A popularidade de Juca Mulato e, por outro lado a do endiabrado boneco Juca Pato, do pranteado Belmonte, tem causado confusões incríveis. Vamos relatar algumas, que nos foram contadas por várias pessoas, que as presenciaram.

Duma feita, ao ser solenemente inaugurado o serviço de informações radiofônicas de "A Noite", edição de São Paulo, jornal do qual Menotti foi fundador e diretor, ao verificar-se a irradiação inicial, o orador que antecedeu o poeta no microfone, anunciou solenemente, com grande pasmo, júbilo e hilaridade dos rádio-ouvintes:

— Val agora ocupar o microfone de "A Noite" seu diretor, o magnífico criador de Juca Pato!

Outra: Cornelio Pires, poeta e prosador regionalista, criou livros excelentes, muito populares e lidos em todo o país. Fácil é, pois, para os que têm apenas anodotários, imaginar que Juca Mulato — nome que se liga ao de caboclo, caipiras e homens rústicos — como Joaquim Ben-tinho, seja um livro dialetal humorístico. Foi essa confusão que faz com que um orador — por sinal vigário do logarejo — saudando solenemente Menotti Del Picchia, numa cidadezinha do interior, proferisse estas inspiradas palavras:

— Vão ouvir agora a oração de Menotti Del Picchia, autor de Juca Mulato, livro de magníficas pilherias que tem feito rir o Brasil inteiro!...

De outra feita, Menotti, quando deputado, foi recebido festivamente numa localidade do seu distrito eleitoral. Na sua comitiva ia um rapaz moreno, tostado. E como a curiosidade em torno do político era menor da que girava em torno do poeta, um dos presentes, muito "fan" do criador de "Máscaras", mas que nunca vira um retrato seu, disse a um vizinho, mostrando sobejamente o rapaz moreno:

— O Juca Mulato deve ser aquele, porque o outro, o magro e loirinho, não tem cara disso...

JUCA MULATO E A CRÍTICA

Menotti tem sido muito discutido exaltado, sublimado, atacado, negado. De toda sua obra, porém, "Juca Mulato" sofreu uns ataques. Um único investiu contra o poema de Menotti. Mas eu tenho a certeza de que esse ilustre crítico não leu direito o trabalho de Menotti, pois, ao atacá-lo, afirmou que o mesmo fora escrito em versos alexandrinos, quando "Juca" tem todas as métricas: da redondilha maior ao verso-livre, do soneto decassilabo ao alexandrino.

A primeira e mais notável crítica a aparecer sobre "Juca Mulato" foi escrita por um intelectual cearense, Raimundo Magalhães, na "Gazeta de Notícias", do Rio. Menotti ainda hoje, depois de tantos anos, recorda com simpatia o belíssimo artigo que Raimundo Magalhães escreveu sobre o seu lindo poema.

Mario de Andrade tinha pelo de Menotti o mais admirativo respeito. Jackson Figueiredo e Tristão de Ataíde têm dois notáveis e consagrados estudos sobre o "Juca". Deliciosa a crônica de Henrique Pongetti, que sobre Menotti inseriu no seu livro "A Flauta de Pan"; importantes as críticas de Agripino Grieco, Cassiano Ricardo, Andrade Muricy, Guilherme Figueiredo, Medeiros de Albuquerque, Afranio Peixoto e muitos outros, nacionais e estrangeiros. Não podemos furtar-nos ao desejo de transcrever estas expressivas palavras, de Julio Dantas: — "Juca Mulato" revela um artista de raça, eloquente, sóbrio, às vezes lapidar nos conceitos... possuindo tão extraordinários do-

tes de comunicativa emoção que eu próprio, endurecido no ofício de escrever, senti ao ler os seus versos, que os olhos se me enevoaram de lágrimas".

O nome de Menotti Del Picchia figura nos dicionários biográficos entre os dos poetas contemporâneos de maior fama.

AS MAIORES SATISFAÇÕES QUE O "JUCA" DEU AO SEU AUTOR

Procuramos Menotti Del Picchia no seu gabinete de trabalho. Nunca, desde que de tão longa data que convivemos com o grande poeta paulista, o encontramos em ócio. Trabalha de mil-e-uma maneiras, ora dirigindo jornais, revistas, tomando parte em inúmeras instituições culturais, ainda tendo tempo para pronunciar conferências, discursos, como também para aparecer nos banquetes e nas festas civis. Jamais notamos a mínima pöse nesse homem tão discutido.

Depois de uma longa palestra procuramos saber quais haviam sido as maiores satisfações que "Juca" dera ao seu criador.

— Muitas, respondeu-nos o poeta. "E" é um filho grato e amável. Tudo faz para me agradar, inclusive atrapalhar a minha vida. Parece ter ciúmes das outras criações e é absorvente e exclusivista. Não deixou, entretanto, de me dar algum prazer. Por exemplo: quando foi visitar o porto de São Sebastião, ainda em construção. Um grupo brilhante de jovens engenheiros por vários meses vivia naquelas solidões marinhas, entre guindastes, pedras e ondas. Ao saberem que eu havia chegado ao porto, eles foram procurar-me. Fiquei perturbado com o seu interesse pela minha pessoa, uma vez que era eu quem estava cheio de admiração pelo seu gênio construtor e sua bravura, arrancando ao mar o seu domínio e impondo a força criadora de sua vontade.

— Confortamo-nos nesta solidão lendo os seus versos! — disseram-me.

De outra vez, recebi uma carta de três estancieiros gauchos. Homens rudes, afeitos ao serviço do campo, nada tinham de letrados. Haviam-se reunido num rancho para me escrever uma carta. Nela diziam: eram brasileiros da fronteira e, do outro lado da divisa, em outra língua, homens de outra patria se orgulhavam dos versos dos seus poetas. Eles, então, cham Juca Mulato. Era para eles a voz da terra materna e, em conjunto, queriam me agradecer o ter escrito o poema, como brasileiros e como fronteiriços.

Essa carta falou-me mais que todas as críticas e todas as amáveis manifestações que me tem cercado...

A SORTE DE "JUCA MULATO" EM SEUS TRINTA ANOS

— E o que tem acontecido com o seu poema, nestes trinta anos?

— Vive sua vida normal. Traduziram-no, editaram-no fora do país, recitaram-no no microfone e nos salões. Aconteceu-lhe o trivial. Um fato, porém, parece-me muito mais expressivo: foi a sua interpretação — quase que teatralizada — por um clube de pretos, em São Paulo. Comoveu-se o carinho que demonstraram pelo "Mulato", recitando a cena de Mandique com um preto bem e facilmente caracterizado e com um belo e galhardo "Juca Mulato", escolhido entre a flôr dos rapazes do Clube. Esse fato mostrou-me como meu pobre e simples poema penetrou fundo na alma da raça. Ele era querido, compreendido e amado sobretudo entre os de sua raça e da sua cor".



De cima para baixo: Menotti Del Picchia, na época em que escreveu "Juca Mulato". Menotti Del Picchia quando pronunciava o seu discurso na Academia Brasileira de Letras, após da sua recepção. O autor de "Juca Mulato" quando deputado à Assembleia Paulista.

O Coração de



MISS Winchelsea ia a Roma.

Havia mais de um mês que essa viagem preocupava o seu espírito e era o tema favorito de sua conversação, de maneira tal que muitas pessoas de suas relações — que não iam e, provavelmente, nunca iriam a Roma — começavam a aborrecer-se com aquela insistência, recebendo-a como uma verdadeira ofensa. Algumas tentaram — se bem que inutilmente — convencê-la de que Roma estava longe de ser um lugar tão sedutor como pretendiam fazê-lo; outras tinham mesmo chegado a murmurar que ela estava se tornando terrivelmente "estafante" com a sua viagem a Roma. A pequena Lily Hardhurst dissera ao seu amigo, Mister Binns, que Miss Winchelsea bem podia ir a Roma, essa Roma de que ela contava tantas histórias, e lá ficar quanto bem lhe parecesse, porém, que ela (Miss Lily Hardhurst) bem pouco se importava com isso.

E era um espanto geral ouvir-se Miss Winchelsea falar, em termos particularmente emocionantes, de Horácio Benvenuto Cellini, Raphael, Shelley, Keats; — a viúva de Shelley não teria manifestado um interesse mais vivo pelo tumulto do marido do que ela manifestava.

O seu traje de viagem era uma maravilha de bom gosto e discreção: confeccionado de uma maneira prática e não muito "touriste" — miss Winchelsea tinha horror ao "touriste". Até mesmo a capa vermelha do seu Baedeker achava-se escondida sob um envoltório cinzento.

Chegou finalmente o grande dia da partida, e quem passasse no cais de Charing Cross, veria aí mover-se levemente a pequena silhueta, agradável e interessante, de miss Winchelsea. O dia estava belíssimo; a viagem seria boa e todos os presságios eram excelentes.

A sensação, desconhecida ainda, da partida, juntava-se a alegria antecipada das aventuras por que ia passar.

Não ia só; acompanhavam-n'a duas amigas que tinham sido suas colegas n'um internato; todas duas moças honestas e bonitas, embora menos iniciadas do que miss Winchelsea em história e literatura. E si, fisicamente, elas eram superiores à sua companheira, intelectualmente esta lhes levava vantagem e elas bem o reconheciam testemunhando-lhe uma respeitosa deferência, e miss Winchelsea prometia a si própria passar agradáveis momentos "elevando-as" ao nível do seu próprio entusiasmo histórico e estético.

As duas amigas já escolhido os seus lugares e fizeram à companheira, na porta do compartimento, uma efusiva recepção.

Esta, logo à primeira vista d'olhos, notou o efeito muito "touriste" de uma correa de couro que Fanny levava a tiracolo. Helena não pudera resistir à atração que lhe causara um vestuário de sarga, provido de bolsos, de um e outro lado, onde ela trazia metidas as mãos. Mostravam-se, porém, tão satisfeitas consigo mesmas e com a idéia da viagem, que miss Winchelsea não ousou fazer então a mínima alusão a esses detalhes desfavoráveis.

Fanny exultava de alegria ruidosa e inconveniente, que se manifestava a cada momento com exclamações entusiásticas.

— Oh! Imagina bem! Nós vamos a Roma, minha querida, a Roma!

Passados os primeiros momentos de entusiasmo, e estando os animos mais calmos, principiaram a observar os companheiros de viagem.

Helena desejava reservar o compartimento só para elas e, afim de afastar os intrusos, postou-se na entrada, vedando a passagem. Miss Winchelsea, espiando

por cima do hombro d'ela, expunha as suas reflexões zombeteiras a respeito dos viajantes que enchiam o cais, as quais divertiam loucamente Fanny.

Elas faziam parte de uma das caravanas de mister Thomas Gunn — quatorze dias em Roma por quatorze libras esterlinas — mas não de uma dessas em que é necessário seguir um guia passo a passo: oh!... naturalmente não! Miss Winchelsea tivera especial cuidado n'esse ponto, — porém elas partiam na mesma ocasião em que partia também a caravana, por causa das vantagens que nasciam desta combinação.

O conjunto desta caravana oferecia ao olhar o aspecto mais bizarro possível, e imensamente divertido.

Era guiada por um individuo de tez rubra, que vociferava em todas as linguas e agitava furiosamente os longos braços e as longas pernas, vestido com um terno cor de sal e pimenta. Fazia toda sorte de recomendações; quando tinha alguma instrução particular para dar a alguém, estendia um dos braços, compridos como tentáculos, e agarrava o auditor, não o deixando senão quando tinha terminado a arenga. Uma das mãos estava repleta de bilhetes, talões e diversos outros papeis.

A caravana parecia ser composta principalmente de duas classes de pessoas: umas que eram, por toda parte, procuradas pelo condutor, que não conseguia encontrá-las; e outras, que ele não procurava e entretanto o seguiam, formando uma cauda, cada vez mais longa e densa, que tomava o cais de uma a outra ponta. E toda aquela multidão de pessoas parecia convencida de que o meio mais seguro para chegar a Roma é o de seguir obstinadamente os passos do condutor.

Entre todos distinguiam-se três velhinhas, que empregavam, em persegui-lo, uma furiosa energia; tanto fizeram que ele, fóra de si, viu-se obrigado a metê-las em um compartimento, com proibição expressa de sair sem sua ordem; mas, durante todo o tempo de espera que se seguiu, uma cabeça, e às vezes duas e três, espiavam constantemente para fóra, emergindo da portinhola do compartimento, reclamando lamentavelmente uma maleta de vime, cada vez que ele passava pelas proximidades.

Havia também um senhor muito gordo e sua mulher, uma senhora gordíssima, com um vestido preto excessivamente lúcido, e um velho que parecia ser um mordomo aposentado.

— Que irão todas estas pessoas fazer a Roma? — disse miss Winchelsea. — De que lhes servirá fazer esta viagem?

Nessa ocasião passou um eclesiástico muito alto, com um chapéu de palha muito pequenino; e um outro, muito baixo, atrapalhado com um grande cavalete de máquina fotográfica.

Este contraste divertiu imensamente Fanny.

— Snooks! — exclamou repentinamente uma voz.

— Pensei que esse nome só existisse nos romances — disse miss Winchelsea. — Vejam só! Snooks! Desejaria bem vêr este senhor Snooks!

E as três companheiras conseguiram finalmente descobrir um sujeito muito corpulento, de aspecto decidido, trajando terno de xadrez.

— Si não é este o tal Snooks, deveria sê-lo! — exclamou miss Winchelsea.

— Neste momento, o condutor percebeu os esforços que Helena fazia para impedir a entrada no wagon.

— Há aqui lugar para cinco! — exclamou ele, reforçando a palavra com o

Miss Winchelsea

CONTO DE H. G. WELLS
Ilustração de ARMANDO PACHECO

gesto da mão estendida e os dedos levantados, bem separados uns dos outros.

Imediatamente um grupo, composto de quatro pessoas, invadiu o compartimento — a mãe, o pai e duas filhas — sendo que os três últimos estavam visivelmente muito excitados.

— Assim vai bem m'mãe, deixe-me esta, — disse uma das meninas, desordenando o chapéu da mãe com um saco que ela se esforçava para meter na rede.

Miss Winchelsea detestava as pessoas que estorvam os outros e que chamam a mãe de "m'mãe".

Pouco depois subiu ao wagon um rapaz. Miss Winchelsea reparou que o seu traje não revelava ser um touriste; o seu saco de viagem era de um belo couro, e as etiquetas indicavam que ele havia passado por Luxembourg e Ostende; os seus sapatos, se bem que fossem amarelos, eram muito elegantes. Trazia no braço um sobretudo.

Antes que os viajantes tivessem conseguido instalar-se definitivamente em seus lugares, vieram registrar os bilhetes; depois as portinholas estalararam, e adeus! O trem deixava a estação de Charing Cross: a caminho de Roma!

— Roma! — exclamou Fanny. — Vamos para Roma, querida amiga! Ainda agora parece-me um sonho! Quasi não acredito!

— Miss Winchelsea, com um sorriso, acalmou a emoção de Fanny. A senhora a quem chamavam "m'mãe" achou-se na obrigação de explicar a todos os passageiros o motivo pelo qual ela escapou de perder o trem. A duas meninas interromperam diversas vezes a "m'mãe", rogando-lhe, pouco amavelmente, que falasse mais baixo, o que finalmente conguiraram, pois, já persuadida, ela principiou a inspecionar, em voz baixa, o conteúdo de um saco de viagem. Repetidamente levantou a cabeça.

— Meu Deus! — exclamou. — Não é que eu os esqueci!

— Oh! m'mãe! — protestaram as duas meninas.

E ninguém pôde saber a natureza dos objetos desastrosamente esquecidos.

Em breve Fanny tirou do saco o volume dos *Passeios em Roma*, de Hare, espécie de guia muito usado pelos que visitam a Cidade eterna.

O pai das duas meninas examinou minuciosamente os bilhetes, aparentemente à procura de palavras em inglês. Depois de observá-los bem de um lado, voltou-o do outro, e, finalmente, empunhando um estilografo, poz-se a datá-los, empregando nesta operação um cuidado meticuloso.

Por seu turno, o rapaz elegante observava discretamente os seus companheiros de viagem, e, quando terminou a inspeção, abriu um livro e absorveu-se na leitura dele.

Ao passarem em Chislehurst, Helena e Fanny puzeram-se na portinhola para admirar a paisagem. O lugar interessava Fanny por ser o em que estivera a pobre Imperatriz de França. Miss Winchelsea aproveitou a rápida ausência das companheiras para observar furtivamente o livro do moço: não era um guia de viagem, mas sim um pequeno volume de poesias, encadernado. Depois lançou ao leitor uma rápida vista d'olhos, e pareceu-lhe ser um rapaz distinto e agradável. Usava um pequeno pincenês de ouro

— Julgas que ela vive ainda aí? — perguntou Fanny.

Esta pergunta poz fim, ao exame de miss Winchelsea.

Durante o resto da viagem, ela falou pouco, tendo o cuidado de dar a tudo, o que dizia, uma nota de graça e distinção, tanto quanto lhe era possível. O timbre da sua voz era sempre grave, claro e agradável: ela tomou especial cuidado, nessa ocasião, para torná-lo particularmente grave, claro e agradável.

Quando chegaram ao fim dos penhascos gredosos, o rapaz guardou o livro de poesia e, quando enfim o trem se aproximou do barco para dar passagem aos viajantes de um para o outro, ele mostrou uma amável precipitação em se ocupar das menores bagagens de miss Winchelsea e das suas duas companheiras.

Miss Winchelsea "detestava as ninharias" porem ficou lisongeada por ver que o moço compreendia que elas eram "senhoras" e lhes tinha prestado auxilio sem muita familiaridade. Com que delicadeza ele soubera mostrar que as suas atenções não eram um pretexto para impor-se à gratidão das moças e esperar futuras recompensas!

Nenhuma delas saíra jamais da Inglaterra, e a travessia da Mancha causava-lhes um imenso júbilo e punha-se em um estado nervoso bem compreensível.

Conservaram-se agrupadas no centro do barco, no lugar em que o rapaz colocara a mala de miss Winchelsea, explicando que era o melhor, e contemplavam, sumindo-se no horizonte, as brancas praias da Albion, evocando Shakespeare, e arriscando algumas inocentes zombarias a respeito dos seus companheiros de viagem.

Divertiam-se especialmente, ao vêr as precauções que tomavam todas as pessoas muito gordas contra vagas inofensivas, — rodela de limão e beberagens fortificantes. Uma senhora estava quasi deitada em um banco de convez, com o rosto coberto com um lenço. Um sujeito largo de hombros, de aspecto decidido trajando um terno de "touriste" castanho, vagueou de um para outro lado do convez, durante todo tempo que durou a travessia, conservando as pernas o mais afastadas uma da outra que a Providência lhe permitia. Todas estas precauções foram excelentes, sem dúvida, pois ninguém ficou doente.

Até o momento em que se viu obrigado a esconder-se nas profundezas de entre-ponte, o condutor da caravana foi seguido pelo pessoal que compunha a mesma, da pôpa à proa, de bombordo a estibordo, e faziam-lhe mil perguntas, de tal maneira que lembrou a Helena a imagem, por demais vulgar, de um galinheiro onde tivessem atirado um pedaço de pele de toucinho.

Durante esse tempo, o rapaz possuidor do livro de poesias, conservava-se em pé na pôpa, contemplando ao longo as costas de Inglaterra, e miss Winchelsea achou que ele tinha um aspecto reservado e melancólico.

Chegaram a Calais e os tumultos renovaram-se; era grande a confusão porém o rapaz não se esqueceu de tomar especial cuidado com a mala de miss Winchelsea.



A VIDA DA RAINHA ELIZABETH

(1533 — 1603)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

ELIZABETH era filha de Ana Bolena, aquela rainha risonha e desditosa que fôra enviada ao cadafalso por ordem de Henrique VIII. Durante toda a sua vida, a sombra da mãe se projetou na tela subconsciente da personalidade de Elizabeth.

Dêsde que aprendeu a falar percebeu que não tinha mãe e que, de algum modo, sua progenitora não tinha morrido da mesma forma como morrera a de Maria, sua irmã consanguínea, ou a de seu meio-irmão Eduardo. Notava intrigada que, sempre que se falava em mães, as pessoas a fitavam com estranho olhar de piedade; que as criadas murmuravam em segredo a respeito de certos acontecimentos... da infidelidade duma mulher... do machado do carrasco; e que Maria sempre se mostrava arrogante com ela. E' verdade que Maria tinha o dobro da idade de Elizabeth, mas seria aquela a razão do perpétuo desdém que lhe demonstrava? Apenas alcançou a idade de sentir conscientemente, começou a sentir que sua mãe fôra, por qualquer motivo, uma mulher de quem devia envergonhar-se. Ninguém parecia guardar com carinho a sua memória. Era como se Elizabeth estivesse envolvida num pesadelo que devia ser repellido para as trevas de onde vinha.

— Dize-me, — perguntava a menina ao jardineiro do rei, — como era minha mãe?

E o jardineiro respondia, com um ligeiro fulgor nos olhos:

Era uma mulher belíssima, Alteza.

— E era feliz? Gostava de dançar? — A voz da menina vibrava de excitação.

— Sim. Ela era a graça em pessoa. E havia muitos homens...

— Muitos homens?

— Muitos homens... e mulheres também — acrescentava ele prudentemente — que a amavam.

Uma vez Maria se enfureceu com alguma coisa que Elizabeth tinha feito e arrancou-lhe o livro latino em que ela estudava a sua lição. Maria era pálida e doentia, e tinha os olhos encovados pela constante meditação.

— Então andas muito enfatuada com os teus livros de latim, hein? Gostas desta linda e régia casa, não, marotinha vaidosa? És mesmo filha da tua mãe, não há dúvida. — E acrescentou, desdenhosa: — Mas sabe Deus quem é o teu pai!

Elizabeth ficou furiosa.

— Como te atreves a falar assim? O rei é meu pai. Eu sou a princesa Elizabeth.

Maria riu sarcasticamente.

— Como quiseses, pirralhinha.

Elizabeth deixou o aposento e precipitou-se à procura do gordo, ruidoso e terrificante chefe da família, Henrique Tudor. Este se achava sentado num círculo de cortesãos, gozando imensamente uma anedota, com a sua grossa risada característica.

— Pai — murmurou ela, com as trêmulas pálpebras umedecidas pelas lágrimas. O homenzarrão abraçou-a com ternura e acariciou-lhe os cabelos.

— Eu sou a sua filhinha, não é? — perguntou a pequena, com os lábios pousados no ombro do pai.

— Claro que sim, tolinha. Quem te disse o contrário?

II

Os excessos de Henrique terminaram levando-o ao túmulo; deixou um filho fraco e doente — uma caricatura de rei — que foi o último varão da estirpe dos Tudors. Com sua morte prematura a pálida, a ascética Maria subiu ao trono. Esta, verdadeira filha de Catarina de Aragão, primeira mulher de Henrique, estava resolvida a vingar o infortúnio da mãe. Como o único homem da Europa que sustentara os direitos da desventurada Catarina no processo de divórcio tinha sido o Papa, Maria intentou reconduzir a Inglaterra à Igreja Católica.

A nova rainha, entretanto, era uma criatura patética. Filha duma mulher sofredora, era morbidamente supersticiosa. Atormentavam-na a doença e o temor. Tinha uma dedicação apaixonada a seu marido, o rei da Espanha que a abandonara. Vivia com o pressentimento de que havia de morrer prematuramente.

Em consequência disto, descarregava a sua amargura sobre as outras pessoas, inaugurando um reinado de perseguições e violências que lhe valeram o cognome de "Maria a Sanguinária". Por mais que odiasse o mundo, porém, ainda maior era o ódio que tinha a sua irmã.

A jovem Elizabeth vivia agora no palácio da rainha-mãe, Catarina Parr, última esposa do tirano. Neste palácio os mensageiros tinham-se apresentado ao fraco Eduardo, proclamando-o rei. O menino, quando lhe disseram que teria de ir para Londres sem Elizabeth, agarrara-se com a mãozinha rechonchuda à saia da irmã, repetindo entre lágrimas que não a deixaria nem para ser coroado. Mas ela o beijara na face e dissera-lhe que fôsse bonzinho e se deixasse coroar.

E a este mesmo palácio tinham vindo buscar Maria, ao morrer o jovem Eduardo. Alguns dos conselheiros se haviam abeirado cautelosamente de Elizabeth, para em voz melíflua lhe oferecerem farta compensação em terras e dinheiro se quisesse assinar uma renúncia dos seus direitos ao trono. Mas Elizabeth se esquivara às propostas com uma prudência pouco comum na sua idade. Tendo ficado só no mundo, sem um amigo que a aconselhasse, teria de cuidar de si mesma ou sucumbir.

De fato, ela já adquirira boa dose de experiência em defender-se. O último marido de Catarina Parr, um certo Sir Thomas Seymour, tinha observado com olhar matreiro o gradual desenvolvimento dos atrativos de Elizabeth. Era um pai adotivo afetuoso — um pouco afetuoso demais, a falar verdade, para o bem-estar da menina. Frequentemente ele a abraçava com a força dum urso e apertava os seus lábios contra os dela com brutal paixão. A mulher olhava-os, rindo cínicamente. Quando Elizabeth começou a compreender a natureza da afeição de Sir Thomas, ficou aterrada. Batia-lhe no rosto quando ele insistia nas suas carícias. Mas isso não o desanimou. Ao contrário, ainda mais admirava a moça pela sua coragem.

Elizabeth pisava terreno perigoso. Em dado momento, durante o febril reinado de Maria, o embaixador espanhol exigira, como uma das condições para o casamento da rainha com Felipe de Espanha, a execução de Elizabeth, por ser filha dum casamento protestante. Mais tarde o próprio rei da Espanha, ao fazer uma visita à Inglaterra, pediu que Elizabeth comparecesse diante da rainha para expor as suas crenças religiosas. Fizeram-lhe perguntas especialmente acerca da significação da Eucaristia, e ela respondeu com a coragem duma fé sincera:

Cristo foi o Verbo que falou;
Partindo o pão, Ele o abençoou;
E o que Sua palavra ensinou,
Apenas nisso crente sou.

Houve um breve silêncio após esta profissão de fé. Então um soldado da guarda avançou, a uma ordem murmurada pelos juizes. Agarrou-lhe com força o braço, mas Elizabeth não se atemorizou. Conhecia aquele velho soldado desde quando, em criança, aprendia a dar os primeiros passos vacilantes.

Silenciosamente ele a conduziu à famosa fortaleza medieval sobre o Tamisa.

— Devemos entrar aqui, Alteza — disse o idoso guarda quando chegaram ao portão.

— Mas eu não sou uma prisioneira. Por que hão de encerrar-me na Torre?

A menina deteve-se, recusando mover-se de onde estava.

— Vós sois uma prisioneira, sim — respondeu ele tranquilamente.

— Foi para cá que trouxeram minha mãe. — A princesa recusou instintivamente ao acrescentar: — E ela não salu viva daqui.



A rainha Elizabeth da Inglaterra, notável estadista.



— Ora essa, Alteza! E' apenas uma detenção temporária.

— A Torre está manchada com o sangue de mais de uma vítima — disse Elizabeth. — Eu sei. Primeiro foi Lord Hastings. Depois veio Lady Jane Grey, e Catarina Howard, e Ana Bolena, minha mãe. E agora é a mim que eles querem.

— Vamos, Alteza — disse o velho, não sem ternura. — Não nos compete discutir a sabedoria dos que nos governam.

Ela seguiu-o sem mais protestos. Mas ia repetindo consigo mesma constantemente: "Dá-me coragem, ó Senhor, dá-me coragem".

Foi posta em liberdade a seu tempo. E ficou a esperar um destino melhor.

III

Em novembro de 1558, tendo completado vinte e cinco anos, recebeu a notícia da morte da rainha Maria. Elizabeth era a sucessora imediata.

A coroação foi simples. Um único bispo oficiou. O Evangelho foi lido em inglês e cantou-se a missa em latim. Um cheiro desagradável, o daquele óleo com que a sagravam, pensou a nova rainha.

Fazia um frio cortante no dia da cerimônia. Elizabeth apanhou um resfriado. Sua primeira noite de realeza, passou-a encolhida na cama, com os braços e pernas aquecidos por tijolos quentes. Sentia-se feliz. Logo depois de terminadas as festividades, os conselheiros iriam pedir-lhe que se casasse. Devia haver sempre um herdeiro do trono. Bem, não faltavam pretendentes à sua mão. O Império Britânico era um belo dote. E ela era uma rainha moça e atraente.

Decerto sealaria num casamento com um príncipe espanhol, ou com o arquiduque Carlos, filho do imperador alemão. E havia lord Robert Dudley, um belo fidalgo inglês, que não era estimado pelos seus pares. Mas ela o conhecia melhor do que os outros. Tinha brincado com ele quando eram crianças, no parque de Hatfield House. Frequentemente montavam o mesmo cavalo — e então ficavam muito juntinhos... Elizabeth suspirou e fechou os olhos para evocar mais vividamente as suas recordações. Mas uma união com Sir Robert estava fora de cogitações, pois ele casara com uma megera ruiva, uma tal Amy Rosebart. Bem. Agora seu primeiro ato oficial seria fazê-lo chanceler de qualquer coisa, só para mostrar que não lhe guardava rancor.

Apertou com força o travesseiro e sorriu. Pouco tempo antes ninguém se interessava pela sua vida, e hoje a questão do seu casamento prendia a atenção do mundo inteiro. Pois bem, ela também teria algumas palavras e dizer a esse respeito. O matrimônio era um assunto delicado, que muitas vezes dava em tragédia. Pensou no infortunado casamento de sua própria mãe, Ana Bolena. E recordou a vida infeliz da pobre Maria Tudor, como esposa do rei da Espanha. Por toda parte podia ver terríveis exemplos de mulheres e homens mal casados.

— Milords — disse ao Parlamento, quando recebeu a solução oficial, — eu me darei por satisfeita, se, quando morrer, uma lápide declarar que uma rainha, em tal e tal tempo, viveu e morreu virgem.

Não se casaria, esta Rainha Virgem.

Os conselheiros curvaram a cabeça em sinal de obediência, mas depois, entre eles, deram à língua ativamente. Alguns, mais imaginosos do que os outros, lembraram certos rumores que haviam corrido a respeito da soberana — rumores segundo os quais ela era na realidade um homem criado como mulher em circunstâncias curiosas. Murmurava-se que a pequena Elizabeth morrera muito criança, e que as amas, temendo a cólera do rei quando o descobrisse, tinham pôsto em seu lugar um menino.

— Temos um homem no trono — diziam, sacudindo gravemente as perucas...

Os cortesãos mais românticos acreditavam que uma secreta afeição por Lord Robert Dudley impedia a rainha de partilhar sua vida com outro homem. Não há como explicar os gostos duma rainha. Um João Ninguém daqueles! Ela estava portando-se como uma colegial desajuizada. Dudley era casado, graças a Deus. Imaginem aquela aventureiro desordenado e de baixa origem sentado no trono da Inglaterra só porque a rainha era incapaz de dominar um impulso da adolescência! O corpo dela, vestido de púrpura real, está agora identificado com o corpo político da nação. E as cousas estão ficando mal paradas. Mestre Dudley foi nomeado Chancellor of the Horse. E morreu-lhe a mulher: quebroa o pescoço ao cair por um alcapão do sótão, no castelo do marido. Dudley está novamente livre. Dizem que foi um empurrão dele... Mas isso são murmurações ociosas. Calemo-nos, pois, e fiquemos a ver o que acontece.

IV

Elizabeth devia fazer uma profissão de fé. Continuaria ela as perseguições da rainha Maria contra os protestantes do país? Ou recorreria à política paterna de acossar implacavelmente os católicos? O próprio direito de Elizabeth ao trono baseava-se no casamento protestante de Henrique VIII com sua mãe. O Papa não sancionara a união. Evidentemente a rainha devia insistir, como seu pai, em que só a ela tocava a chefia da Igreja Anglicana. Assim.

(Continua na pag. 56)



CACILDA Becker nasceu para a arte. Começando no Teatro Universitário, levada que foi por Miroel da Silveira, entusiasmou quantos assistiram seus trabalhos, inclusive a Raul Roulien, que nesse tempo organizava companhia para o Cassino Copacabana. Este convidou-a para seu elenco, dando-lhe papel de importância. Mais tarde ingressou na Companhia de Bibi Ferreira, a qual trocou pela Rádio Cultura de São Paulo. Daí, transferiu-se para a Rádio América, onde a foi buscar a Atlântida, para filmar "Luz dos meus olhos". Uma vez no Rio, a Nacional proporcionou-lhe vantajoso contrato, cabendo a Cacilda Becker fazer o programa "Uma velha amizade", além de tomar parte nos diversos espetáculos de rádio-teatro. Nascida em São Paulo, fez o curso superior na Escola Normal de Santos, onde a descobriu Miroel da Silveira, quando de uma festa realizada nesse educandário e na qual a nossa biografada exibiu seu talento artístico, dançando e representando programas, Cacilda Becker veio a conhecer Tito Fleury, de quem recentemente se tornou esposa. Fôra do rádio, ela fundou uma agência de propaganda, com a qual espera enriquecer dentro em breve. Aliando seu talento artístico à cultura que possui, a exclusiva da PRE-8, tem trabalhado para o progresso da radiofonia apresentando planos interessantes e levando ao microfone "broadcasts" que em muito a elevam. Sua participação nos espetáculos de teatro-cego, constitui garantia para o mesmo, pois a jovem artista procura tirar o máximo do papel que lhe é confiado. No momento, faz parte do elenco de "Os Comediantes".



A MÚSICA folclórica tem no "broadcasting" carioca interpretes de valor, como Dili Melo, Léa de Holanda, Stelinha Egg e Antonieta Lopes. E' desta ultima que vamos falar, não só pelos seus dotes vocais, como ainda pelo variadissimo repertório que possui. Estrelando ao microfone da Rádio Club da Bahia, no programa "Novos em desfile", mais tarde veio a estrear o "cast" da Rádio Ipanema, a convite de Campos Ribeiro. Na PRE-8 manteve-se pelo espaço de três meses, quando então ingressou na Rádio Nacional, como atração do programa "Picolino", sob os cuidados de Barbosa Junior. Dêse prefixo foi para a PRA-3, interpretando sempre composições folclóricas. Mais tarde transferiu-se para a Rádio Transmissora, tomando parte em "Poeira de estrelas", "Música brasileira" e outros programas de estúdio. Cantou nas audições da Liga Brasileira de Radiodifusão; em vários "shows" e acabou assinando contrato com a Rede Fluminense de Broadcasting", para uma longa temporada. Finda esta, excursionou pelos Estados do norte, demorando-se na Bahia, sua terra natal, onde tomou parte em diversas audições da Estação local. Regressando ao Rio, Antonieta Lopes logo recebeu diversas propostas, sendo mais provavel seu ingresso no "cast" da Rádio Club do Brasil. Possuindo o bonito material de voz, venceu no "broadcasting" nacional sem precisar de interferências, caso raro em nosso meio radiofônico. Na recente excursão que empreendeu, Antonieta Lopes trouxe números novos para seus "fans" cariocas, já saudosos de sua ausência, e ansiosos para voltar a aplaudir a festejada cantora folclórica.

**DE QUATRO
EM QUATRO**

Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
Por **ARMANDO MIGUEIS**



A IGREJA DA CANDELARIA. ASPETO ATUAL.

PEDRA fundamental baseia construções. Ao tratar-se de edificar com grandesa, a colocação de pedra básica demana cerimonia pública especial e presença de pessoas gradas.

Em geral as pedras fundamentais vão a fundo de sólo para marca histórica de uma época a enterrar testemunho de sua vida para ciência de vindouros.

Para tanto nas pedras angulares é de praxe encerrar ata de inauguração, devidamente assinada, o documento especificando data, lugar e outras circunstâncias do tempo da colocação da pedra, posta na ata a menção das pessoas presentes à cerimonia e daquelas sob cujos auspícios a colocação se realizou.

Entre festas e concurrencia de autoridades e de povo, são frequentes as colocações de pedras fundamentais, de edificios ou monumentos consideraveis.

Fique lembrado que as pedras basicas recebem no seu interior moedas de ouro e prata, jornais do dia da inauguração, tudo de acompanhamento à ata da solenidade visando futuro com o qual as edificações não devem contar. O homem gosta extraordinariamente de destruir o que construiu e isto não raro em breve espaço de tempo.

Acntece que em certas demolições necessarias ou determinadas per parada de desenvolvimento mental de administradores, não se consegue encontrar pedra fundamental.

Assim parece ter ha pouco succedido ao destruir-se o edificio do Tesouro Nacional na Avenida Passos, contiguo à antiga Academia das Belas Artes na travessa de tal nome.

Houve afan em procurar a pedra fundamental da Academia onde por tantos seguidos anos se ensinaram artes plasticas.

E' de acreditar haver na busca da pedra basica da Academia só curiosidade numismatica ou desejo de lêr jornais velhos contidos na pedra fundamental do edificio da casa de instrução almejada por D. João VI para o Rio de Janeiro onde primitivamente recebera aquela casa a denominação abrangedora de Real Academia de Desenho, Pintura, Escultura, Gravura e Architectura.

A vôo de resumo vão ser lembradas algumas das pedras fundamentais de nota recebidas por sólo carioca e às vezes por ele avaramente guardadas como no caso já apontado, recusando-se a pedra basica das Belas Artes a voltar à flor da terra.

E' principio de civilidade tratar com respeito as pessoas idosas. Aplicando o principio a cousas vetustas, exemplifique-se isto tomando para consideração a pedra fundamental da igreja carioca da Candelaria, templo maior do centro urbano do Rio de Janeiro e levantado por gente escapa de naufragio em honra de intercessão salvadora da Virgem de tantas invocações na sua ladainha. Nas igrejas cariocas os altares votados a N. S. dos Navegantes são bem expressivos e muito cultuados por maritimos que do oceano sabem os perigos de ventos em agoite e vagas empoladas às vezes por dias e dias de colera undosa.

A pedra fundamental da igreja da Candelaria, de inteira lembrança à salvação de naufragio, em 1944 e 1945 suscitou debate de controversia historica entre componentes da irmandade do SS. Sacramento da Candelaria. Participou no debate a repartição do Patrimônio Historico e Artístico Nacional, interveio o monge beneditino D. Clemente Nigra, a feito a pesquisas no *ora et labora* de sua ordem.

ESCRAGNOLLE DORIA

Interferiu também na controversia o dr. Iberê Nazareth, secretário da irmandade e filho de um dedicado provedor dela, o dr. Mario Nazareth.

Ao fundamentar opinião, revelou-se o secretário da irmandade, por buscas e argumentação um amigo de cousas do passado patrio, dando à estampa em opusculo o resultado de suas indagações e da sua convicção concludente.

Até a epidemia de febre amarela de 1850, os templos e conventos cariocas serviram de cemiterios a pessoas livres. As de concepção escrava, eram dados chãos de humildes sepultura em varios locais da cidade. Em tais necropoles um cruzeiro, de pedra ou de madeira deterioravel, se acimava no patentear o que a Cruz patenteia, as ideias de sofrimento e perdão no nada humano.

Fixando-se fóra de patria, nem por isto, em toda parte do mundo, deixam de lembrar os ingleses a ilha natal. Vivem-na na terra dos outros. Para tanto isolam-se quanto possivel na sociedade alienigena na qual os retêm interesses de qualquer ordem.

No tempo do Principe Regente no Rio de Janeiro, a colonia britanica desejou e obteve templo e cemiterio proprios. Estabeleceram necropole em eminencia da Gambôa onde repousassem os que no Rio de Janeiro adormeciam *in the Lord*, o que succede até hoje sem maior conhecimento da população carioca.

Pensou também a colonia inglesa, do tempo do Principe Regente entre cariocas, no estabelecimento de hospital para acudir a compatriotas. Acabou entretanto apenas erguendo templo anglicano no terreno de antiga propriedade de bispo catolico, dono de casa á rua dos Barbosas, ora Evaristo da Veiga.

Na pedra fundamental do novo templo foram incluídas moedas e numa garrafa em cujo bojo encerrados jornais ingleses. Para homenagem aos Principes Regentes da Inglaterra e de Portugal ficou o templo protestante sob o patrocínio de São Jorge e São João.

Equestremente proclamada a Independencia, aos ecos do Ipiranga, recebeu Brasil um Imperio. A sua Constituição reconhecendo liberdade de cultos não os permitia praticados em casa com fóma exterior de templos.

A cerimonia de colocação da pedra fundamental deve constar de ato oficial e de noticias de imprensa coeva.

Durou a situação restritiva dos cultos no Brasil até a Republica separadora da Igreja e do Estado, secularisadora de cemiterios.

No Rio de Janeiro do século XIX muita atenção mereceu a colocação de uma pedra fundamental, a do novo hospital da Santa Casa da Misericórdia à praia de Santa Luzia. Pompeiou a cerimonia, a 2 de Julho de 1840, dela magno participante D. Pedro II pouco antes de ser declarado maior, a 23 de Julho.

Em nome do soberano a emancipar-se, lançou pedra fundamental da nova casa de caridade o Illmo. Exmo. Snr. Pedro de Araujo Lima, regente do Imperio, servindo de provedor da Santa Casa o também Illmo. Exmo. Snr. José Clemente Pereira.

Previamente benzida pelo bispo diocesano, D. Mancel de Monte, foi a pedra básica conduzida em padiola carregada por D. Pedro II, pelo Regente, pelo ministro da Marinha, interino do Imperio, o conselheiro Rodrigues Torres e pelo provedor José Clemente.

Na cavidade aberta na pedra angular depositou-se caixinha de chumbo contendo medalha comemorativa do ato, duas moedas e uma inscrição impressa em pergaminho e lançada de um lado em lingua portuguesa e do outro na latina.

Deveria a pedra básica ficar onde se assentasse a soleira da porta grande do futuro hospital, seis palmos acima do nivelamento em que a pedra fosse assentada dando começo à fábrica erguida para amparo dos enfermos pobres, conforme consignava o termo da inauguração, assinado pela Mesa da Santa Casa, um dos mesarios Euzebio de Queiroz.

Quasi meio século após a cerimonia da praia de Santa Luzia, o Apostolado Positivista do Brasil procedia à solenidade da colocação da pedra fundamental da Capela da Humanidade, na então rua de Santa Isabel, ora Benjamin Constant à Gloria.

A 12 de Outubro de 1890 da era catolica aos 5 de Descartes do anc 36 da era normal reconhecida pelo positivismo se procedia à colocação da pedra fundamental da Capela Positivista do Rio de Janeiro, em nome da Humanidade.

Na pedra lá íca foi colocado o volume sagrado em que Augusto Comte reuniu o seu testamento, as suas orações quotidianas, as suas confissões anuais, a correspondencia com Clotilde de Vaux, sua inspiradora.

Na tradução brasileira do Catecismo Positivista, no volume devido do Fundador foram postas folhas de arvores crescidas junto das sepulturas do Mestre e da Inspiradora.

Encerrou igualmente a pedra fundamental pequena urna contendo terra do cemiterio carioca de São João Baptista, a começar pela zona ocupada pelas sepulturas dos proletarios.

Para memorar as únicas relações conhecidas de Comte com brasileiros, a pedra fundamental da Capela da Humanidade encerrou um exemplar das cartas dirigidas por Comte à brasileira Nisia Floresta.

Tambem a pedra lá íca da Capela Positivista conteve obras de vários autores positivistas e cartas de propagadores da Religião da Humanidade, sobrelevadas as cartas de Comte a Edger, tudo em memoria da cooperação das igrejas positivistas chilena, britanica e brasileira, sem esquecer os esforços dos positivistas franceses orthodoxos, tudo acompanhado pelos relatorios unos quais historiada a vida da Igreja Positiva Brasileira.

Tendo funcionado, por bastante tempo, o Apostolado Positivista em predio da travessa do Ouvidor, o mesmo Apostolado em breve prude inaugurar o seu templo na antiga rua de Santa Isabel, templo de muita originalidade e carater expressivo digno de atenção.

Em 1922 celebrava o Brasil o centenário de sua Independencia, memorando quem subscreveram em 1888, a independencia de uma raça. A 28 de Setembro de 1922, dia e mez já de relevo em 1871, pela lei do Ventre Livre, era lançada a pedra fundamental de estatua à Princesa Isabel.

Foi o ato presenciado pelo presidente da Republica, pelo prefeito do Distrito Federal, pelo cardeal arcebispo diocesano e numeroso público. Quinhentas assinaturas recebeu o auto da inauguração de futuro monumento, de iniciativa da professora Joaquina Daltro, tão devotada à instrução feminina em generoso coração altruistas.

Ao retirar-se da inauguração disse alguém: está lançada a primeira pedra, queira Deus não seja a ultima.

Íá se vão vinte e cinco anos. Para avivar memoria, a 13 de Maio de 1938, cinquentenario da Lei Aurea, o Centro Carioca deixou no local marcado na Praça 15 de Novembro uma placa relembadora, atenuando assim o dito incredulo do convidado da festa prestigiada de 28 de Setembro de 1922.

PEDRAS FUNDAMENTAIS

MUSICA

A TEMPORALIDADE deste ano já vai adiantada. Apesar do acúmulo de serviço, a OSB tem dado conta da parte sinfônica, eficientemente, de uma maneira geral e, não raro, com brilhantismo. Assim, a série de concertos que nos devolveu Erich Kleiber marcou um dos pontos altos nas realizações: que o conjunto apresentou, este ano. Depois de ter provado, com auxílio da Orquestra do Teatro Municipal, que temos bons instrumentistas nem sempre entregues a regentes capazes de extrair deles o máximo rendimento de que são capazes, Kleiber despoz-se a repetir a façanha, tomando a direção da OSB. E' desnecessário salientar que teve pleno sucesso. Alas, como já tinha sido o caso anteriormente, os músicos foram os primeiros a reconhecer que lhes tinham sido abertas novas possibilidades e a demonstrar, publicamente, seu entusiasmo. No último concerto, na hora da despedida, quando Kleiber acenou para que agradecessem aos aplausos, eles juntaram suas palmas às do público que, de pé, renovava, de maneira definitiva, aquela consagração de há alguns anos, terminado o ciclo de Beethoven, que Kleiber trouxe aos cariocas.

Um único senão veio comprometer, em parte, o sucesso da Kleiber. Em primeiro lugar, o alto preço pôs longe do alcance da maioria aquelas soberbas demonstrações de arte e, em segundo lugar, os programas organizados pelo regente, atendendo, talvez, a considerações de que não temos conhecimento, ficou muito aquém dos seus méritos. Tendo-se caracterizado, em sua primeira visita, como audacioso na escolha das obras a executar, Kleiber, desta vez, trilhou o caminho seguro, batido e re-batido, das sinfonias de Tchaikovsky e das valsas de Strauss. Qualquer contrariedade que isso possa ter causado aos que preferiam outra espécie de música ficou, porém, suficientemente compensado pela satisfação proporcionada pela segurança do maestro, pela conscienciosa nitidez de suas interpretações, firmes ao sublinhar as linhas mestras de cada partitura e finas ao destacar cada detalhe.

UM NOVO DIRETOR, UMA VIDA DEDICADA À MÚSICA

A passagem de Kleiber não deixou de ser acidentada. De início, não se sabia com que orquestra ele haveria de se apresentar. Ficou, finalmente, estabelecido que a OSB o tomaria para os concertos que vem organizando. A solução não podia ser mais feliz. Aquele conjunto reúne, hoje, dentro de seus quadros, a maior parte dos bons instrumentistas de que dispomos e ainda nos tem trazido solistas estrangeiros especialmente concentrados.

Logo após os primeiros concertos, porém, Kleiber teve que passar para o Rex, pois surgiu dificuldade interna no Municipal, felizmente solucionada com a intervenção do novo diretor daquele Teatro, maestro Walter Burle Marx.

Alas, não poderíamos deixar passar sem registro a nomeação desse velho trabalhador para o posto que agora ocupa. Somente uma dedicação extraordinária à arte poderia ter mantido, durante todos esses anos, aquele mesmo entusiasmo com que Burle Marx se fez chefe de campanhas memoráveis em prol da elevação do nível da nossa vida artística. Regente cuja competência foi sancionada pelos seus mestres alemães, junto aos quais ele encontrou o segredo da firme e harmoniosa exteriorização



Ao alto: O maestro Walter Burle Marx, o novo chefe do Serviço de Teatros da Prefeitura Municipal. Em baixo, à esquerda: O maestro Erich Kleiber. Começou no Rex e terminou sua série de concertos no Municipal.

TRÊS MAESTROS E UM COREÓGRAFO

SOB A DIREÇÃO DE BURLE MARX, O TEATRO MUNICIPAL INICIA UMA NOVA FASE — A OSB E OS CONCERTOS SINFÔNICOS DA PRESENTE TEMPORADA — ERICH KLEIBER, DUAS CONSAGRAÇÕES E ALGUNS PROGRAMAS — SZENKAR TROUXE NOVAS PARTITURAS — A ESTRÉIA DO "BALLETE" DA JUVENTUDE" E A DIVULGAÇÃO DA ARTE.

De **ROBERTO LYRA FILHO**

Especial para "REVISTA DA SEMANA"

das partituras, compositor e, sobretudo, caráter forte, personalidade marcante, Burle Marx atravessou a atmosfera preciosa das vaidades feridas e das calúnias organizadas, sem abdicar, sem ceder. A força de seu talento se impôs, finalmente. De volta dos Estados Unidos, onde ele acrescentou ao crédito de nossa admiração o valor de uma divulgação intensa da música brasileira, Burle Marx poderá, agora, à frente do nosso principal Teatro, realizar alguns dos planos que, sem auxílio oficial dessa ordem, iniciou, anos atrás.

Burle Marx tem grandes planos de realizações, que comentaremos, oportunamente.

UMA VISITA AOS ESTADOS UNIDOS

Volteu ao Rio, sem trombetas de publicidade, o maestro Szenkar. A discrição com que se portou, deixando de exibir recortezinhos com notas sobre sua atuação no es-

(Continua na pág. 58)



CONTO DE **G. DE ALMEIDA** ★ ILUSTRAÇÃO DE **ABELARDO ZALUAR**
PREMIADO NO CONCURSO PERMANENTE DE "REVISTA DA SEMANA"

res de dona de casa, junto ao pai, encanecido na luta com os tapiquinhos peraltas e curtos de inteligência.

— Menino, este a é minúsculo e este A é maiúsculo. Que a é este?

— Este a é b...

Antes que o velho professor desesperasse, uma porta se abriu, e:

— Papai, olha o café...

★★★

A's três e dez da tarde, ou às quinze e dez, como invariavelmente corrigia o Bento, recebia o chefe da estação o staff das mãos do maquinista, que indagava bregeiro:

— Quando saem esses doces, chefe?

Um zun-zun na gare. Os maledicentes tinham suficiente combustível para a serata no bilhar do Maneco.

★★★

Mas um dia a casa cáe.

— Verdade! O professor achou a Julinha na sala, sozinha com o Bento...

— Abraçados?...

— Não! Conversando. Mas como pai e como professor, o velho achou oportuno dar uma lição e o Bento ficou comprometido.

★★★

— Quem?... Aquele?... O Bento?... santinho de pau ôco...

★★★

Houve uma variante na vida de Tapioca. A proximidade de uma eleição dividiu o eleitorado em dois grupos irreconciliáveis. Os "péludos" contavam com quinze eleitores. Os "mitras" tinham apenas quatorze.

A luta desenvolveu-se em torno da pessoa do chefe da estaçãozinha. Desde o começo o Bento se declarou neutro, pois o seu alto posto exigia que servisse a gregos e troianos igualmente.

— Com esse barulho de eleição, até esquecemos do noivado do Bento.

— Maneco, uma cerveja! Quem?... Aquele?... Nunca!...

— Cala a boca, "péludo".

— "Mitra" aqui não manda. Arretire-se.

★★★

Mais dois dias e ficariam "péludos" e "mitras" livres daquele trabalho insano da eleição.

Tapioca, até em política, sabia ser mordaz. Os seus dois poderosos partidos tinham o nome que mereciam: — os "péludos" eram assim conhecidos por ser seu chefe o capitão Zequinha da Samambaia, que tinha uns respeitáveis pés que só cabiam em sapatão número 44. Os "mitras", chefiados pelo tenente Chico Miséria, eram considerados sovinos como o seu luminar.

★★★

Nessa noite, contudo, no bilhar do Maneco houve uma clareira de bom senso. Deram um tiro na política e se lembraram que o Bento ainda não participara quando faria o casamento da Julinha.

— Quem?... O Bento?... é boa. Só si for na polícia, — rosnou em um canto o Chico Miséria.

Bastou isso para que um "péludo" se esgueirasse, afim de levar o "telegrama" ao Bento. A vitória estava assegurada com essa perfídia.

De fato, dois dias depois a terrível púgna eleitoral de Tapioca terminou pelo "score" de 16 a 14.

★★★

Três e dez da tarde, isto é, às quinze e dez, conforme retificava invariavelmente o Bento, este recebia o staff. O maquinista ficou muito admirado, deu um salto para fora da máquina e abraçou o chefe:

— Então! que é isso? E' hoje... pois vejo você todo encarnado de novo... gravata branca...

(Continua na pág. 58)

A VIDA ERA ASSIM EM TAPIOCA...

A CONQUISTA DO MÉXICO NO CINEMA

EM FILMAGEM UMA GRANDE PELÍCULA EM TECNICOLOR, COM TYRONE POWER, CESAR ROMERO, JEAN PETERS, ANTÔNIO MORENO E OUTROS ARTISTAS FAMOSOS.

Por LUIS SERRANO

(Correspondente especial de "REVISTA DA SEMANA" e "A CENA" em Hollywood)

Em baixo, à esquerda: uma cena de "O capitão de Castela" com Tyrone Power e Barbara Lawrence; em cima: uma cena do mesmo filme com Tyrone Power e Jean Peters, a vencedora de um concurso de beleza na Universidade de Ohio; e em baixo, à direita, uma empolgante cena de "O capitão de Castela", com esses mesmos artistas.



HOLLYWOOD, maio — Tendo pedido uma entrevista para "A CENA" ao veterano ator Antônio Moreno, o galã de Alice Terry em "Mare Nostrum" e de Greta Garbo em "Terra dos Homens", telefonei-lhe para que me confirmasse se era verdade um boato por mim ouvido em torno de sua volta ao cinema, num importante filme, ouvi dele próprio não só a confirmação dessa notícia, como ainda recebi um convite para assistir a uma filmagem.

— Mas qual é o filme? Em que companhia está sendo feito?

Preparava-me para ouvir uma menção à Monogram ou à Republic, mas Antônio Moreno me disse:

— O filme é da Twentieth Century Fox, companhia para a qual muito trabalhei no passado... E se chama "O capitão de Castela"... Lá eu lhe darei a entrevista que me pediu... Para "A CENA", não é mesmo?

Bem. A verdade é que cai das nuvens.

Fiz a
pedido
— é
— e
muito
parte
dade
do
Antô
"O C
afirma
pompo
de
to
se
Twent
o se
uniu
de
Jean
lumb
curso
Ohio
iguale
pur
a



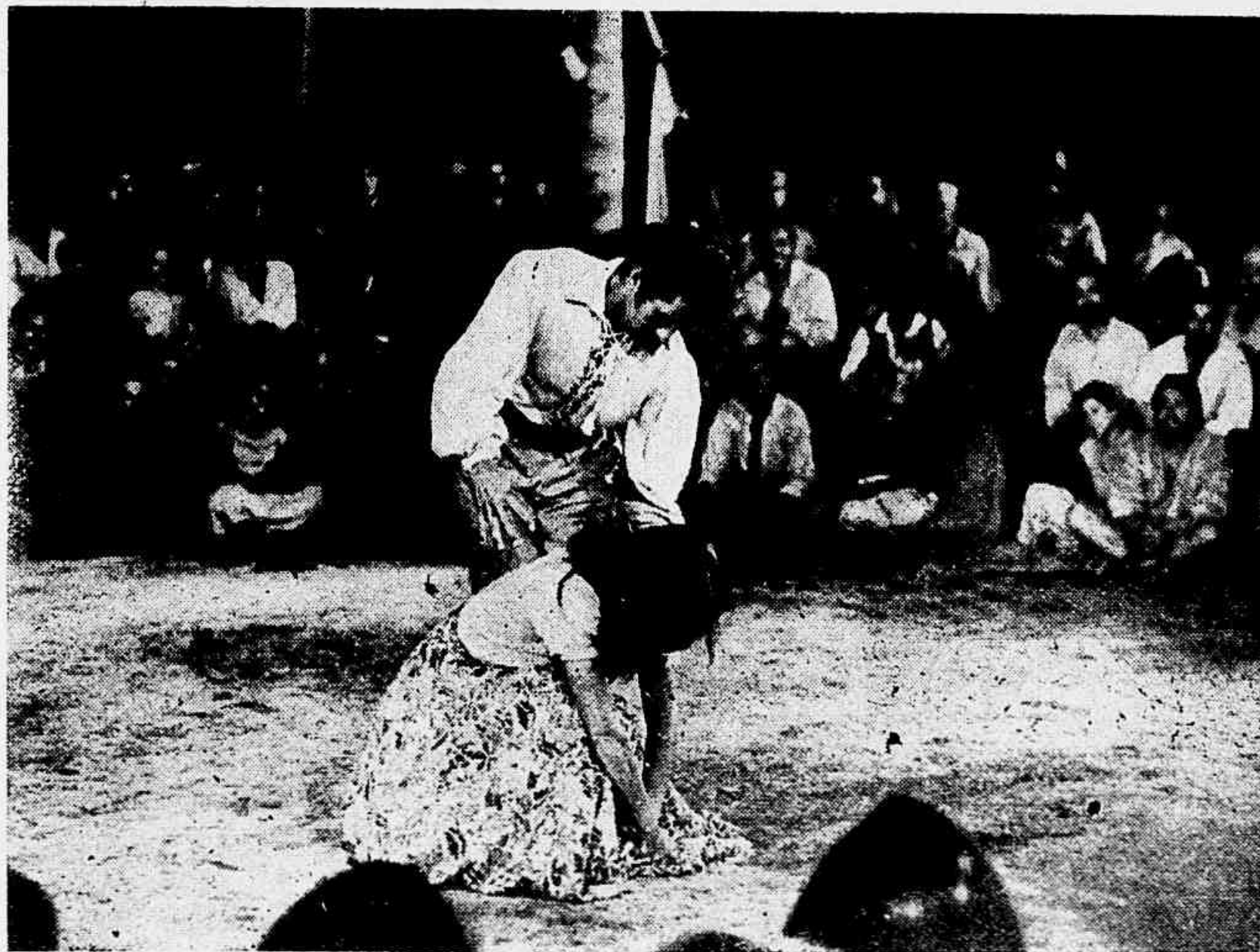
Fiz a entrevista para A CENA, a pedido dos "fans" de Antônio Moreno, — e fiquei a fidelidade desses "fans", — e depois para assistir algumas filmagens da película, acompanhando uma parte do elenco a Morella, uma velha cidade do México, de avião. E nessa parte do filme é que ia o nosso conhecido Antônio Moreno.

"O Capitão de Castela", segundo se afirma em Hollywood, será uma das mais importantes produções da cinematografia, de modo a constituir um novo "E o vento levou" em matéria de bilheteria. Nesse filme dirigido por Henry King, a Twentieth Century Fox não só colocou o seu filme mais caro, como ainda reuniu o melhor elenco e um "cast" de nível valor. A heroína da película, Jean Peters, é uma figura nova, de deslumbrante beleza, vencedora de um concurso de formosura da Universidade de Ohio, de cujo grêmio dramático era, igualmente, uma das mais brilhantes aspirantes a atriz. John Sutton, Cesar Ro-

mero, Antônio Moreno, Alan Mowbray, Barbara Lawrence, Thomaz Gomez, etc.

Evidentemente, a filmagem de "O capitão de Castela" será demorada, porque, terminadas as cenas ao ar livre, no México, terão de ser feitos os interiores, suntuosos e empolgantes, fazendo a ligação do que já foi filmado.

Tyrone Power, durante a filmagem, tem se mostrado entusiasmado com as possibilidades que esse novo papel lhe oferece e está certo de que poderá superar, no papel de D. Pedro Vargas, a interpretação de Larry em "O fio da navalha". Lamento que os negócios e a necessidade de minha presença em Los Angeles não me tivesse permitido um contacto mais demorado com o elenco e a "crew" de técnicos que empregam seus esforços em "O capitão de Castela". Mas o que vi me pareceu lindo e tenho a impressão de que grande parte da película será uma espécie de idílio bucólico, de sinfonia pastoral...





Em cima, à esquerda, cena de "O capitão de Castela", com a sensacional descoberta da Twentieth Century Fox, Jean Peters, e o ator Thomaz Gomez; em cima, à direita, Tyrone Power e Jean Peters, num momento de grande beleza pictórica; em baixo, esse mesmo casal de artistas, num dos momentos dramáticos do tecnicolor sôbre a conquista do México.





A filmagem de "O capitão de Castela" em Morelia, no México foi pontilhada de incidentes pitorescos. Jean Peters tinha de fazer algumas cenas descalças e pisou num espinho. Coube ao assistente de diretor "operá-la", retirando o espinho. E o que vemos acima. Em baixo: dois fragmentos dos ensaios ao ar livre. O homem de chapéu branco e em mangas de camisa é o diretor Henry King.



TOQUE, PIANISTA, TOQUE!

CONTO DE MARQUES REGENTE ★ ILUSTRAÇÃO DE
A. MCURA

Premiado no Concurso Permanente de REVISTA DA SEMANA

NUNCA procurei saber se o mal era grave. Mas os cuidados que tive deviam significar alguma coisa mais que exaustos efetivos. Não sei. O corpo estava cansado, descarnado, as forças eram poucas. Se algum mortal, porém, já alcançou a completa paz, alcancei-a eu por aquela época. Hoje, quando recorrendo, não encontro uma explicação clara, precisa, satisfatória para aquele meu estado de bem-aventurança, sim, digo bem, e, mais que isso, de bem-aventurança total. Sei que meu espírito era leve, sutil, vazio de preocupações, inexplicavelmente alheio à doença que existia em mim. E o pensamento manso vagava a esmo, sem desejos, por entre sonhos doces, amáveis, maternos...

Bem, talvez me explique.

Era, à noite.

Quando as visitas partiam e os ruídos cessavam. E a enfermeira branca, muito branca, já tomara a última temperatura do dia. Eu ficava só. Nem luzes, nem sons. Apenas uma claridade difusa, suave, esgarçava levemente tenues sombras que o branco das paredes não escondia. O quarto fazia-se mais amplo, era alegre, parecia sorrir. E eu sendo invadido por uma doçura inefável, branda, que não era nem torpor.

Então, o vento, maestro invisível de sinfonia desconhecida, dava o sinal. Não, não, não era o vento! Era a brisa. Gracil, voluptuosa, feminina. Um ruflar de asas, arruinhos de pombas, suspiros de primeiro beijo, primícias de bem-amada. Em pouco as venezianas cediam, pareciam contentes de própria fraqueza, entregavam-se felizes, par-a-par, como rendidas de amor. Eu também não resistia. E logo o quarto era um palco, uma bailarina etérea, dansava, dansava, caporosa, silente, para depois vir depositar em mim, nas minhas faces, nos meus membros, no meu corpo, o ameno beijo da brisa sussurrante de promessas...

E vinham.

Vinham macias, aveludadas pelas carícias da brisa, pianíssimas notas de um piano incognito e distante. Alguém tocava e eu tinha a impressão que era para mim.

Música, música, divina música!

Não, senhores — espantem-se! — nada de clássicos. Nem Chopin, nem Mozart, nem Debussy. Nada de gênios. Músicas simples, despreziosas, efêmeras como as flores que desabrocham, a vida mesma. Músicas que eu próprio talvez não as reconheça. Canções, valsas, "blues", sambas doentes, profundos. Músicas do povo, ingenuas, "prosaicas", "detestáveis", "barbaras", se quiserem... Compositores talvez obscuros, cancioneiros modestos de morro, ou felizardos das fachadas luminosas da Broadway. Talvez...

Jamais, porém — jamais! jamais! — ouvi música mais sublime.

Blasfêmia? Não discuto. Nem ninguém discutiria se como eu fosse igualmente transportado para regiões outras onde o espírito se liberta, ou pelo menos parece se libertar. Sim, tal música simples fez este milagre. Já lhes disse, eu próprio não consigo uma explicação satisfatória.

Sei que todas as noites, com a brisa, a música vinha. E para mim o que eu ouvia era uma única música, variassem ou não os ritmos. Era a doce canção que a brisa trazia, envolta no perfume ameno de jasmineiro pálido dentro da noite estrelada. Eu me sentia como um noivo. E flutuava em bodas com os meus sonhos, alcançando a paz doce, a doce paz das coisas sempre sonhadas. Na claridade difusa as sombras tenues se esgarçavam...

O que afirmo é que minha molestia cedeu, e cedeu rapidamente. Fui ganhando forças, os ossos foram fugindo da pele. Os médicos surpreenderam-se, as enfermeiras comentaram — "da noite para o dia" — as Irmãs cochichavam milagres. Talvez fosse mesmo milagre de Deus, se o meu mal era lá tão grave, alguma coisa além que uma debilidade temporária, um esgotamento de menores consequências. Repito, não sei, e por incrível que pareça não procurei saber. O que não pos-

(Continuação na pág. 56)

A FIGURA de 1947 já não é mais aquela figura esquelética que exigia das mulheres os mais tremendos sacrifícios, chegando, muitas vezes, a se tornar fatal. A figura de 1947 é esbelta, porém de formas cheias, obedecendo às leis da estética e da saúde.

Para as que não conseguiram chegar a esse meio termo, as muito gordas ou muito magras, damos hoje duas dietas "concientes" que as ajudarão a adquirir a linha de 1947.

Para a gorda, aconselhamos antes de mais nada, uma visita ao médico. De nada serviria modificar a alimentação se os ovários ou as glândulas tiroídes funcionam mal. Visitado o médico e com a certeza de que não há nada de mais, então, recorra à mudança da alimentação.

Não é a quantidade, mas a qualidade que deve ser observada. Antes de tudo, são necessárias três regras absolutas:

1.º — Comer a horas fixas; não tomar alimento algum entre as refeições. Três refeições por dia, pela manhã, ao meio-dia e à noite, devem bastar. O lanche é um grande inimigo das linhas esbeltas.

2.º — Não beber durante as refeições. Terminada a comida, uma xícara de bebida quente, como um chá leve, por exemplo, faz bem. Quanto à água deverá ser bebida pela manhã em jejum, durante o dia e à noite. Bastam três copos por dia.

3.º — Não introduzir variações no menu. Estas excitam a gula e come-se demais sem perceber.

Convém ainda eliminar gorduras (com exceção da manteiga fresca e do bom azeite), queijos gordurosos e fermentados, pasteis, azeitonas, amendoas, mel, chocolate, fculas, pão, atum, arenque, conservas.

Póde-se comer, em pequenas quantidades, manteiga fresca, leite desnatado, farinha e ovos. Póde-se comer livremente, carnes magras, peixes magros, legumes verdes, frutas cruas ou em compota.

Para engordar, o problema é bem mais difícil de se resolver, pois é muito mais fácil perder uns quilos do que ganhar os que fazem falta. Também é interessante fazer a visita ao médico. Em caso de estar tudo em ordem, deve-se modificar a alimentação. Não é comendo muito que se consegue aumentar de peso, com isso só se consegue dilatar o estomago e fatigar as suas funções digestivas. O que é preciso, é escolher alimentos que ingeridos em quantidades normais, possam oferecer o resultado esperado. Três princípios são também indispensáveis:

1.º — Comer a horas fixas, porém frequentes. Refeições ligeiras e constantes, assimilar melhor do que um almoço pesado e copioso. Depois das nove horas da noite convém não comer mais, para não carregar o estomago.

2.º — Beber às refeições, de preferência vinho misturado com água.

3.º — Variar o menu de modo a despertar o apetite.

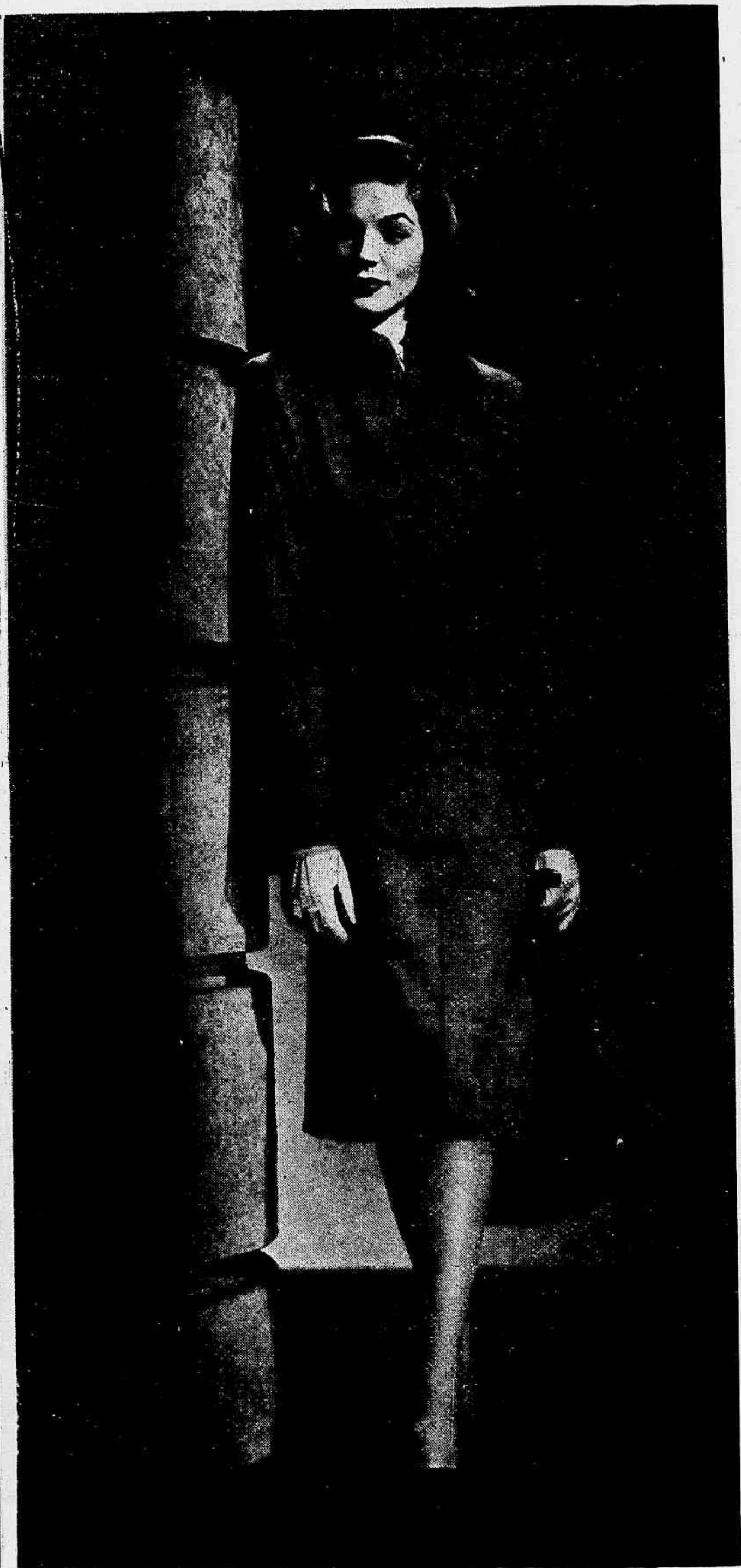
Deve-se ainda evitar todos os alimentos indigestos que fiquem o estomago, como frituras, conservas, crustaceos, etc. Os legumes verdes, frutas acousas devem-se ser comidos moderadamente. Comer livremente, batatas, fculas, doces, mel, bananas, leite e produtos láteos, manteiga fresca, azeite, pasteis, e coisas assucaradas. Não deverá faltar no menu o figado, a carne quasi crua e os peixes "gordos".

—:o:—

Constance Bennett, estrela da Warner, que é um dos exemplos do que afirmamos acima. Sem ser muito gorda nem muito magra, Constance consegue apresentar sempre uma silhueta atraente e elegantíssima.



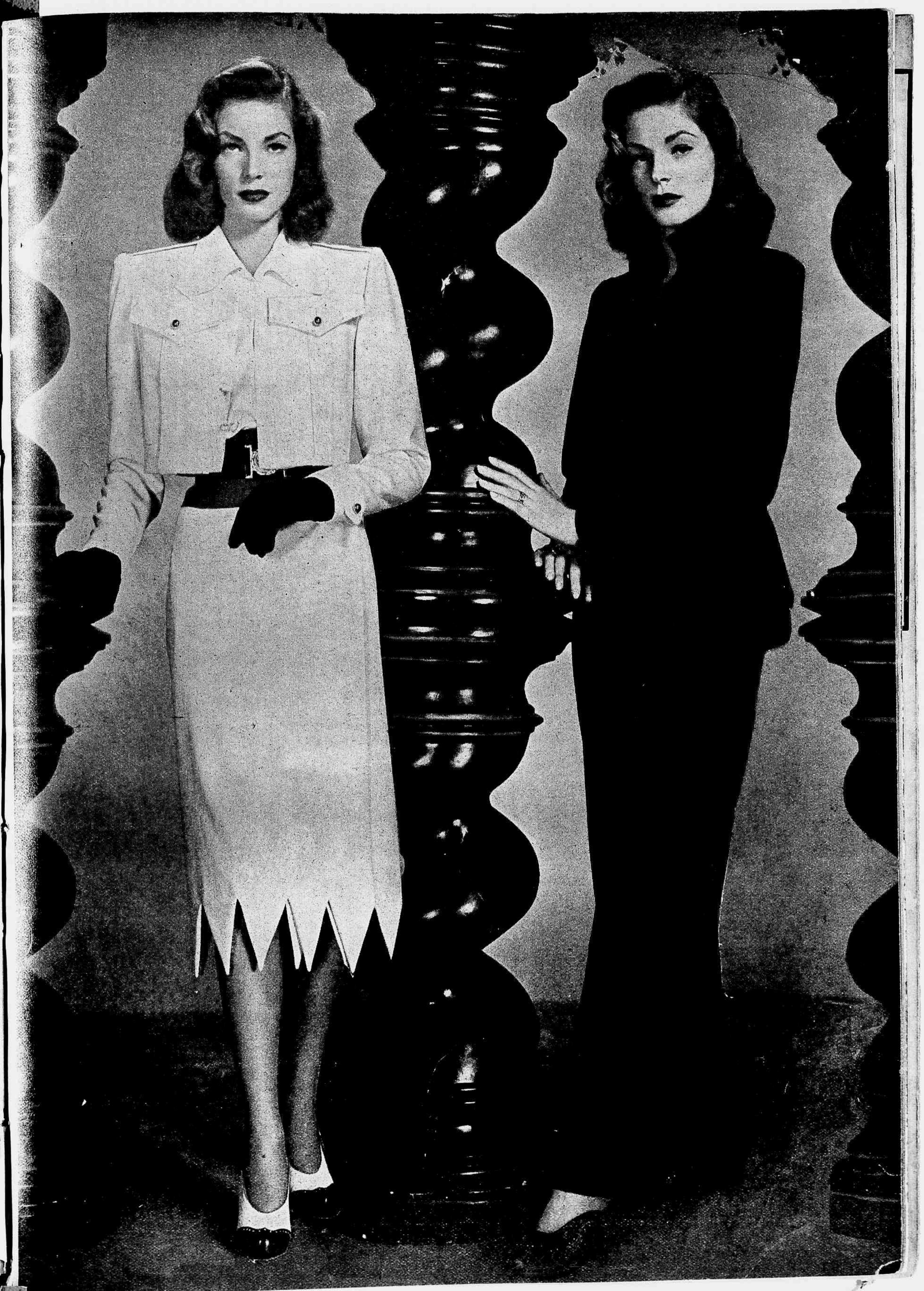
NOS BASTIDORES FEMININOS



SUGESTÕES DE LAUREN BACALL

ESSA pequena expressiva que conseguiu roubar a calma à um dos casais mais antigos de Hollywood, apresenta hoje, às nossas leitoras as suas sugestões para a nova estação: da esquerda para a direita: Sobre um vestido de lã quadriculada preto e branco, ela usa um casaco vermelho, largo, com grandes bolsos. O cinto do vestido é de couro vermelho. Bernard Newman desenhou para Mrs. Boggart esse "duas-peças" de lã bege,

de gola alta, grandes bolsas e cinto do mesmo tecido. Inspirando-se em uniforme militares, o famoso figurinista criou para Mrs. Boggart este modelo em flanela bege, a saia com pontas em "V", bolero com botões dourados e na cintura uma faixa de seda vermelha sobre a qual é colocado o cinto de couro preto. Aqui a "estrela" da Warner Bros., apresenta um maravilhoso pijama, estilo chinês, confeccionado em veludo vermelho.



ELEGÂNCIA DE JUNHO

O INVERNO carioca permite uma grande variação. Há dias frescos, outros de temperatura pouco mais baixa e há finalmente os dias frios. Há também os de calor, porém, não cuidaremos desses aqui. Para esse nosso instável inverno, é necessário que tenhamos um guarda-roupa apropriado, com trajes que agasalhem mas que sejam também um pouco leves. Na foto em baixo: Este modelo, ilustra bem o que dissémos acima. É um vestido simples, de lã azul marinho com



gólas e punhos de "piqué" branco. Nas pontas das golas, duas abelhas de ouro. As mangas são largas, ajustadas por punhos. Creação de Milo Anderson da RKO para Jane Wyman. Na página ao lado: Para os dias um pouco mais frios, Ann Jeffreys sugere este "tailleur" de lã cinza, enfeitado com grossos cordões do mesmo tecido. A direita ao alto: Para a tarde ou para sair à noite, a elegantíssima Myrna Loy usa este "tailleur" de "gros-grain" preto, bordado nos ombros com "pailletés" sobre uma sombra cor de rosa. Em baixo: Edward Stevenson, criou para a "estréia" de "Os melhores anos de nossa vida", este modelo de seda preta, com interessante "linha" no decôte. Mangas "komono". Notem o colar de Miss Loy; são perolas enfiadas numa fita de veludo preto





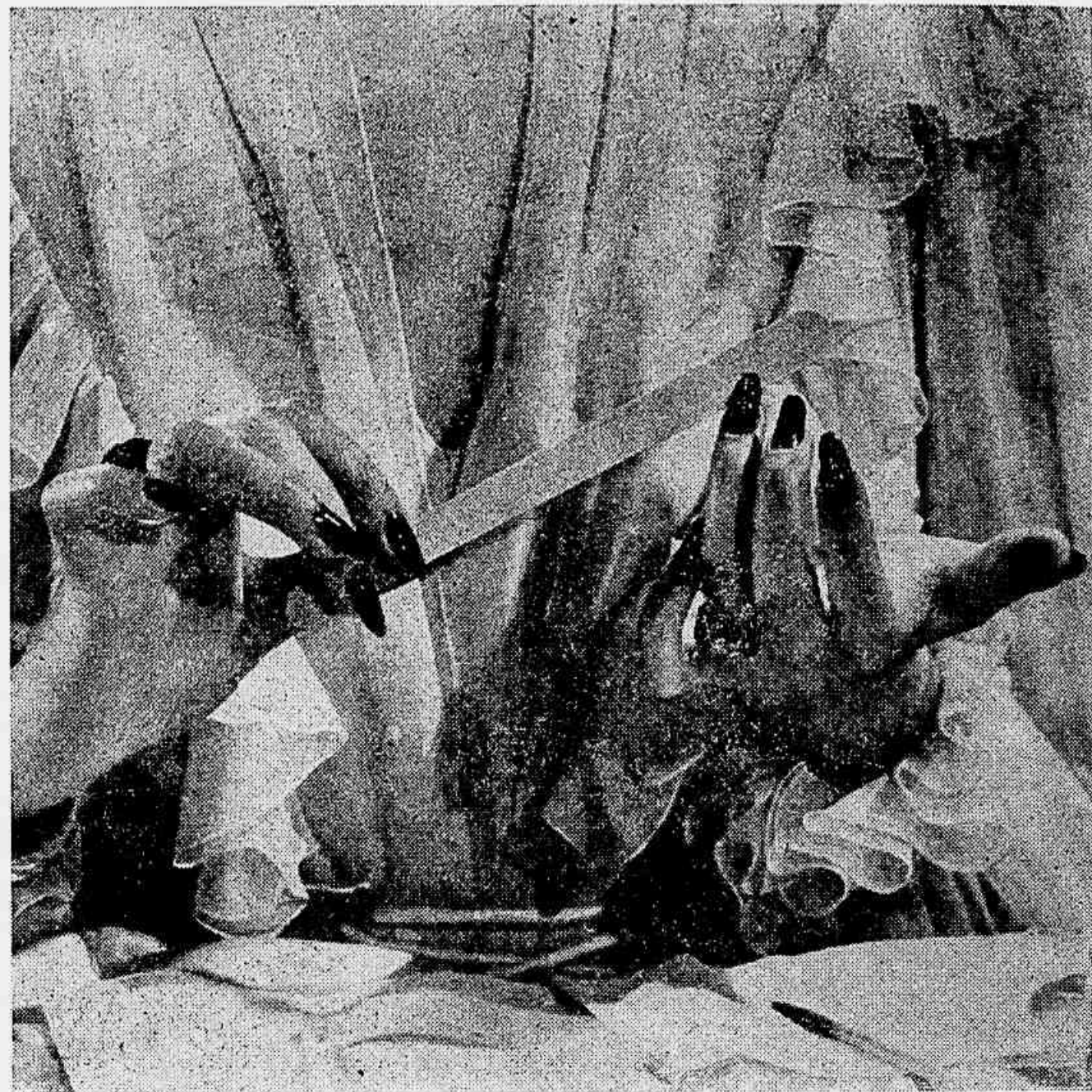


BLUSAS



A blusa é uma peça indispensável no guarda-roupa de uma mulher elegante. Com algumas blusas e dois ou três "tailleurs" você poderá atravessar uma estação inteira mantendo sempre a mesma "classe". Em baixo da esquerda para a direita: Esta, é confeccionada em cetim ligeiro azul claro. Tem pala sobre os ombros, mangas compridas e a gola é formada por viéz duplo, terminando na frente com grande laço. Sugestão de Stephanie Bachelor da Republic. Uma blusa "camponesa" que pôde ser usada para traje de noite, si for acompanhada de uma longa saia preta. A blusa é crêpe romano branco bordada em "paillettes" de cores vivas. Uma blusa original... Phyllis Thaxter, "estrelinha" da MGM, exhibe aqui uma blusa bastante original, onde vamos encontrar bandeiras de todas as nações... Miss Thaxter é francamente da paz... Na página ao lado: Jane Wyman em foto da Warner Bros., com uma blusa esportiva bem interessante. E' de seda branco com figuras militares estampadas. À direita: Uma blusa bem "habillé" é esta que também nos apresenta Jane Wyman. Usada com uma saia preta, "goçei", forma um elegantíssimo conjunto. E' de seda preta, com bordado aberto. O decote é de grande efeito,

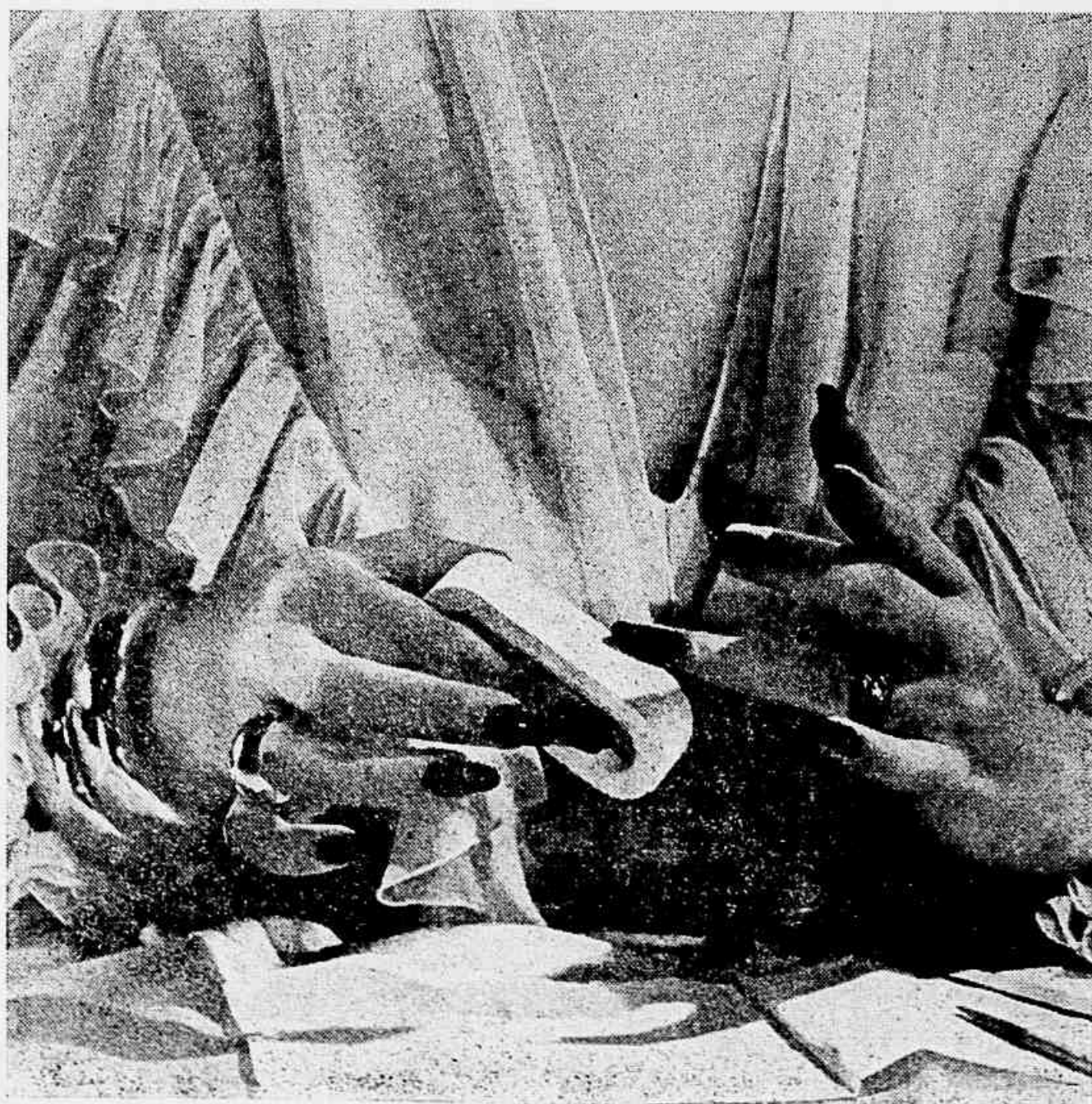




MÃOS BONITAS

As mãos bonitas dependem de muitos fatores. Exercícios próprios, loções para a pele, e unhas impecáveis. Mãos amareladas ou encardidas, unhas com o verniz descascando, compridas demais ou excessivamente curtas, tudo isso causa péssima impressão, comprometendo até a sua portadora. Si você não vai à manicure (o que deve ser feito uma vez por semana), poderá fazer mesmo em casa as suas unhas. Mas, por favor escolha um momento em que você disponha de tempo, e não vá fazer como muita gente espalha o pincel de "qualquer maneira, mesmo sem retirar a camada anterior

Ann Miller, "estrela" da Columbia, oferece a vocês alguns conselhos relativos ao tratamento das mãos. A esquerda ao alto: Ela aplica o verniz primeiro no centro. Depois faz a meia lua e enche os lados. Só depois de uma hora é que ela aplica o óleo para cobri-las. Isto faz com que o verniz dure mais e brilhe mais também. Em baixo, à esquerda: Um dos seus cuidados, é empurrar, com um algodão embebido em óleo para a cutícula, as peles ao redor das unhas. Isto ela faz todas as noites antes de deitar. Ao alto, à direita: A forma da unha é dada com uma lima especial. Ann nunca usa a tesoura para esse fim. Em baixo, à direita: Com uma pedra pome ela remove todas as asperezas dos cantos das unhas.





PENTEADOS

Anne Baxter, encantadora figurinha de Hollywood, apresenta-nos nesta página, os quatro interessantes aspectos que pôde oferecer um penteado discreto, porém bastante interessante. Constituído por tranças que se agrupam no alto da cabeça, tem como único adorno dois lindos "clips" em platina e brilhantes, em formato de flôr.





LARAINÉ DAY

A bonita e elegante "estrela" da RKO-Rádio que em breve veremos em "Angústia", veste este modelo "chiquíssimo" naquele seu filme. O vestido é executado em presado crêpe cinza, com bordados em "pailletés" ao lado do decote. Este é em "V", arrematado por laço do mesmo tecido. As mangas "três-quartos" são largas, ajustadas sobre os cotovelos. Com esse vestido Laraine usa um penteado de inspiração oriental, enfeitando-o com dois pentes que lhe aumentam a graça.



TRÊS MODELOS

A direita: Original e elegante este "duas-peças" de lã preta, com "basque" dupla e franzida terminando o casaco. Observem o feitiço arredondado da "basque". Saia lisa com profunda prega na frente. Em cima: "Duas-peças" mais esportivo, em lã azul marinho, com botões decorativos, "pences" marcam o casaco de alto a baixo. Saia com "machos" em toda a frente. Em baixo: Dois tons de preto. Fosco e brilhante... E assim se obtém um magnífico efeito, como se pôde verificar neste elegantíssimo modelo aqui apresentado. A saia, a parte superior do blusão e as mangas, são no tecido fosco, enquanto que o blusão, até a parte recortada, é do tecido lustroso. Como vêm, é grande a "linha" deste modelo, o qual aconselhamos especialmente às figuras esbeltas.





Um "tailleur" esportivo, sem gola. Três grandes bolsos. Casaco para viagem que combina lã unida com lã quadriculada. "Echarpe" do tecido quadriculado. "Robe" de tecido quadriculado que lembra aquelas que eram usadas pelas nossas avós. Os quadrados são usados em diagonal e em linha reta. Para os dias mais frios, um casaco folto, de lã quadriculada, com mangas "raglan", para ser usado sobre um costume ligeiro. Um costume muito jovial. Casaco cintado, com pregas na frente. Um vestido para a noite, de grandes quadradinhos, com pequena gola e mangas muito largas.



Dois flagrantes colhidos durante a inauguração.

A VIDA NOTURNA DA CIDADE MARAVILHOSA

A RECENTE INAUGURAÇÃO DE BLUE STAR, MODERNÍSSIMO CENTRO DE DIVERSÕES

Constituiu marcante acontecimento na vida noturna da cidade a inauguração do dancing Blue Star, elegante, luxuoso e moderno centro de diversões, situado no 18.º andar do Edifício Regina, à rua Alcindo Guanabara, 17/21, que devido a sua decoração artística e rara distinção causará por certo magnífica impressão a quem visitar. As famílias cariocas estão pois de parabens por terem sido presenteadas

(Continua na pág. seguinte)



Em cima: Um grupo de bailarinas felto durante a festa da inauguração. Em baixo: Aspecto do restaurante.



A vida noturna da Cidade Maravilhosa

(Continuação da página anterior)

com esse atraente e bem instalado estabelecimento, onde poderão se divertir num ambiente de rigorosa moralidade, alegria e conforto, pois, como todos sabem, o Rio de Janeiro não possui vida noturna intensa, em contraste com Buenos Aires, famosa pelos seus dancings, cabarés, boites etc., sempre repletos de frequentadores.

O Sr. Cornélio Carvalho da Silva, sócio-gerente da firma, em conversa com a nossa reportagem informou que pretende introduzir no Blue Star o que de melhor se possa oferecer aos seus "habitués" de maneira a satisfazê-los completamente. Assim é que Blue Star terá um corpo de quase cem bailarinas exímias, rigorosamente selecionadas, e para que o ambiente tenha sempre um aspecto novo e variado, essas mesmas profissionais terão as suas toiles renovadas diariamente.

Outro pormenor interessante que o Sr. Cornélio Carvalho da Silva nos informou, é o de ter obtido para o novo estabelecimento um marcador elétrico, único existente no Continente, o qual, facilitará registrar o número de vezes das contradanças, contribuindo assim para um perfeito controle, evitando confusões desagradáveis.

O Blue Star será também dotado de um restaurante a altura das outras instalações, o qual oferecerá por certo aos frequentadores e suas famílias, desde a cozinha até aos garçons, os quais foram escolhidos entre os mais competentes, um serviço perfeito sob todos os pontos de vista.

Olimechas e Queirolos

(Continuação da pág. 12)

Quando se é moço ganha-se muito, como foi o nosso caso. Mas gasta-se, por esse ou aquele motivo, tudo o que se recebe. Geralmente os grandes artistas do picadeiro, acrobatas ou palhaços, são boêmios. Hoje um bom palhaço ganha cinco ou seis mil cruzeiros mensais e um grande acrobata pode ganhar o dobro. Mas poucos fazem o seu pé-de-mela.

Velo à baila a transformação que vem se operando no circo. Quizemos saber se essas mudanças acabariam excluindo o palhaço do redondel. Luiz Olimecha interrompe com bom-humor:

— Quando o palhaço morrer o circo desaparecerá. O "clown" é a alma do circo. Observe que nunca se fez tanta palhaçada nos circos como atualmente, o que desmente a sua decadência. O que há é muita concorrência lá por fora, palhaços que trabalham fora dos picadeiros, por conta própria...

OUTRA FAMÍLIA DE SANGUE AZUL

Outra família de sangue real da arte circense no Brasil é a dos Queirolos. Há quatro gerações vêm fazendo dessa arte o seu ganha-pão e o seu ideal. Tudo começou por volta do ano de 1940, quando o avô dos atuais irmãos Queirolos se aborreceu com sua profissão de açougueiro. José Queirolo tinha uma bonita voz e muitas ambições. Depois de alguns êxitos como amador em audições de canto, resolveu abandonar o açougue e ganhar a vida cantando, como profissional. Apesar de não possuir estudos musicais, conhecendo música apenas de ouvido, fez sucesso como profissional. O governo uruguaio por duas vezes ofereceu-lhe bolsas de estudo para que estudasse e se aperfeiçoasse na Itália. José Queirolo recusou as duas ofertas. Na primeira vez estava noivo e na segunda os filhos já

atrapalhavam um pouco os seus projetos. Dona Petronia, com quem se casou, era também uma notável cantora e não faltavam bons contratos aos dois Queirolos. Desses matrimônios nasceram oito filhos, seis homens e duas moças, que viriam, mais tarde radicar-se no Brasil. Quando os oito filhos ainda eram garotos, seus pais aceitaram um contrato de um circo que se formou na Argentina, o circo "Alegria", que pretendia levar uma "troupe" de artistas uruguaios e argentinos à Espanha. Embarcaram os dez Queirolos e, poucos dias depois de terem chegado à Madrid, a companhia abriu falência. Foi uma situação crítica para aquela família numerosa, em terra estranha. O velho José Queirolo teve naquela hora uma idéia que até então nunca lhe ocorrera. Era preciso que a filha-rada também o ajudasse a ganhar dinheiro. E a solução mais prática que encontrou foi torná-los acrobatas e saltadores. Tinha nascido naquele momento a família circense dos Queirolos. Esteve dez anos na Espanha e quando de lá saiu a família se convertera numa verdadeira companhia. A voz de barítono do velho José Queirolo ainda era ótima e entre os rapazes havia acrobatas, saltadores, palhaços e malabaristas. Conheceram todo o mundo ocidental em memoráveis excursões. França, Austria, Holanda, Tchecoslováquia, Bélgica. O seu primeiro contrato de importância, ao saírem da Espanha, foi com o famoso Circo Schuman, em Berlim, onde estrearam a sua conhecida acrobacia, chamada "A Ponte Humana". Estiveram no Hipódromo de Londres e depois voltaram a Paris. De volta à Espanha faleceu o velho José Queirolo. Quando se preparavam para seguir para os Estados Unidos, onde atuavam no célebre Circo Barnum, o vapor que os deveria levar atrazou-se demasiadamente e os Irmãos Queirolos resolveram voltar à terra de seus pais e embarcaram para a América do Sul, depois de vinte longos anos de ausência. De na-

Distinção...



NA SOCIEDADE
E NO PRÓPRIO
LAR, A DISTINÇÃO
E O ASSEIO DOS
MÓVEIS, NECES-
SITAM DE CUI-
DADOS ES-
PECIAIS...

Glória de Peroba
O RENOVADOR DOS MÓVEIS

**GRIPE /
RESFRIADO /
NEURALGIA**



**DÔRES
de CABEÇA**

TRANSPIROL

CRÔNICA DE PARIS

O "TAILLEUR" FRANCÊS

POR SOPHIA JOBIM MAGNO DE CARVALHO

PARIS é e será sempre aquela Paris espiritual que um longuquo passado nos evoca na mais brilhante história da corte europeia.

Voltar a ver Paris depois de 8 anos de ausência é qualquer cousa de muito emocionante que eu não tentarei descrever aqui num pequeno espaço de papel destinado apenas a levar à minha leitora as últimas tendências de Moda.

Quando no curto caminho entre o coração e o cérebro os sentimentos se transformam em ideias tem-se pena de não se poder fugir ao assunto de roupas...

Enfim, como endumentarista, crente na influência de certos fatores psicológicos como força propulsora de certas modas, apresento nestes lindos vestidos de Drecoll algum material de estudo, donde os sociólogos poderão tirar suas conclusões.

Dominantes acontecimentos, como uma grande guerra, deixam sempre atrás de si, além dos incalculáveis estragos materiais e morais, uma enorme bagagem de novas ideias revolucionárias que terão de ser expressas, em todos os terrenos, por um grupo social dominante e senti-



CABARET

das por todo o resto da sociedade onde esse grupo lidere.

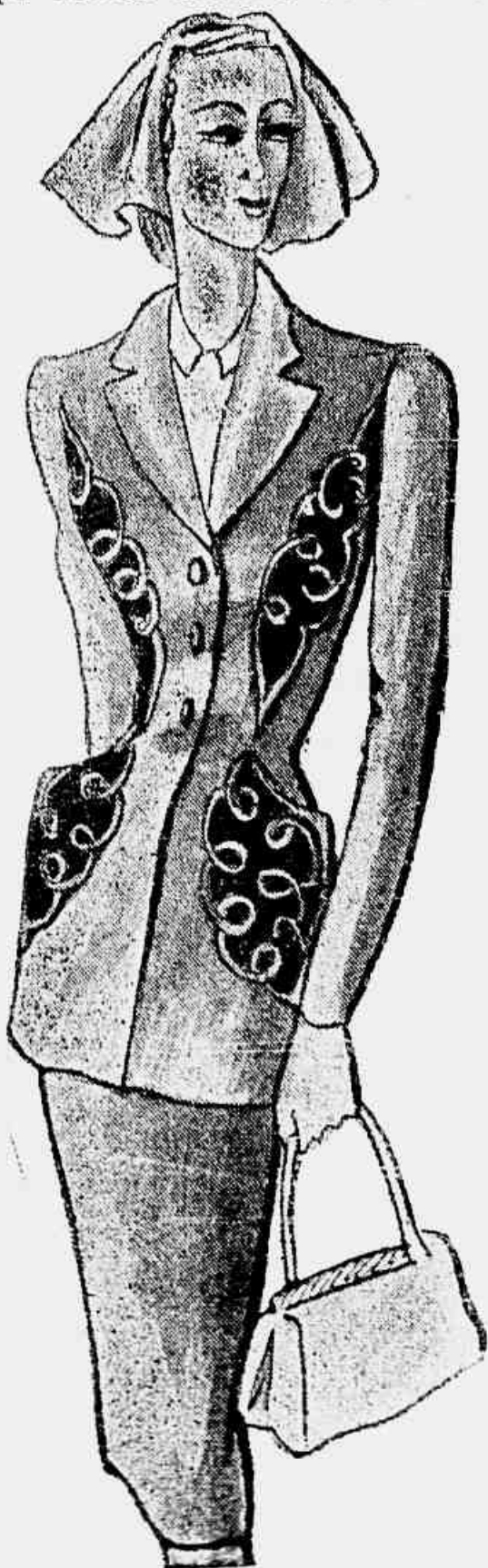
Assim, as modas que Paris nos apresenta agora tem para nós o grande interesse de uma "novidade" que não foi nascida ao acaso, mas que encontra suas raízes na própria essência da natureza humana, sacudida no íntimo pelos tristes acontecimentos destes últimos anos de guerra.

Sente-se, no próprio "tailleur" francês, assunto de minha página de hoje, uma gentil reação do sexo contra a imposição dos rijos uniformes que a mulher foi obrigada a envergar por disciplina de um momento que ela não gostaria de ter precisado viver.

Mais femininos do que nunca, os "tailleurs" magníficos de Drecoll que hoje aqui publicamos sugerem, através do espírito fantasista do francês, um sentimento de romance tão necessário e reclamado no prosaísmo da vida moderna.

O Modelo Cabaret foi executado em lã, com a lapela e os bolsos sublinhados de veludo e de "faillites" em baratinhas. Tudo em preto.

O Modelo Pinocchio é uma linda fantasia de veludo e cordões, sobre crepe de lã preta.



PINNOCHIO

da mais se recordavam da terra natal, quando, de volta, aportaram ao Uruguai.

SURGE O FAMOSO CHICHARRÃO

O Brasil conheceu muito de perto a passada geração dos Queirolos, que fizeram da nossa terra a sua segunda pátria. Francisco, Alcides, José Carlos, Julian, Aida, Otelo e Irma, todos eles, passaram a viver definitivamente no Brasil, e aqui criaram tradição. José Carlos é o famoso palhaço Chicharrão, nos quais os nossos pais falam com saudade, qualificando-o de inimitável. Apenas as duas mulheres não prosseguiram na vida de circo. Mas sua descendência não se tornou menos ilustre na carreira teatral. Bibi Ferreira, figura de projeção internacional no cinema e teatro, é neta de Dona Irma Queirolo, pois seu pai, Procopio Ferreira, foi quem desposou d'Aida Isquierdo, mãe de Bibi e filha de Dona Irma Queirolo. Os outros filhos de José Queirolo casaram-se alguns no Brasil, outros no Uruguai e na Argentina, mas a companhia que vivia em "tournées" por esses países, terminou por se fixar no Brasil. De 1912, data do retorno à América do Sul dos Irmãos Queirolos, até 1929, eles trabalharam sempre unidos. Casavam-se, novos filhos iam nascendo e o elenco circense continuava, ensinando os mais velhos aos garotos o que tinham apreendido, transformando-os em pequenos artistas. Houve tempo em que trabalhavam no mesmo espetáculo doze Queirolos, pais, filhos, tios e sobrinhos.

FORMA-SE A NOVA GERAÇÃO

A medida que nasciam e cresciam os filhos dos velhos Irmãos Queirolos, passavam por conveniência de trabalho a formarem companhia separadas e autônomas, também com o mesmo nome de Irmãos Queirolos. Mas, desta terceira geração, nem todos trabalham em circos. Chicharrão teve apenas um filho. Com o dinheiro economizado do tempo em que era o primeiro palhaço do Brasil, comprou um cinema em uma cidade do interior do Estado de São Paulo e seu filho o auxilia na gerência da casa. Julian, o "Harris" do picadeiro, companheiro na dupla cômica com Chicharrão, foi vítima de terrível moléstia, tendo que abandonar o circo. Há cerca de dois meses acha-se internado no Instituto Padre Bento, na cidade de São Paulo. Seus dois filhos, Lafayette e Sérgio, trabalham em Curitiba com seus primos e tios. Otelo, do seu matrimônio, teve apenas uma filha, Lúcia, que foi até o ano passado artista circense, tendo abandonado o pavilhão após seu casamento com um alto funcionário público de Curitiba. Seu pai, entretanto, ainda trabalha no redondel, com o nome, adotado há muitos anos, de "Chique-Chique". Outro dos antigos irmãos, Ricardo Queirolo, trabalha com seus dois filhos, Ricardinho e Julian, na mesma companhia. Os seis Queirolos de Santa Catarina formam o segundo núcleo dessa família no Brasil, mantendo acesa a chama já tradicional de sua arte circense.

OS QUEIROLOS DO RIO

Enquanto três dos irmãos, Ricardo, Otelo e Julian (este último, como dissemos, foi obrigado a abandonar o circo devido à moléstia que o tacou) se fixaram em Curitiba, no Pavilhão Carlos Gomes, os descendentes de um outro irmão, Alcides Queirolo, já falecido, fizeram acampamento definitivo nesta cidade. Depois de 1929 eles voltaram a trabalhar com seus tios e primos, mas novamente em 1936 resolveram separar-se. A isso os levaram motivos puramente profissionais, pois a boa harmonia entre a grande família nunca foi quebrada. Acontece que a especialidade de todos os da nova geração é mais ou menos idêntica e era contraproducente um grande número de atilhões apresentando as mesmas atrações. Os quatro rapazes que ficaram no Rio e que foram entrevistados no curso desta reportagem, como autênticos representantes da estirpe, são peritos como icaristas e saltadores. Alcides Queirolo Filho, Jorge, José e Rolando são jo vens ainda. Alcides, o mais velho, conta vinte e oito anos de idade. Casou-se e seu filho Aldo, com apenas cinco anos, é um ótimo volante nos números difíceis de icarismo.

Alcides esteve em nossa redação e foi ele quem nos resumiu a história de sua grande família. Tem uma excelente memória e nos conta fatos pitorescos ocorridos durante a sua vida incerta de saltimbanco:

A OBRIGATORIEDADE DOS BIGODES

— Papai e os meus tios tiveram além de seus méritos artísticos, uma glória bizarra. Foram os primeiros atletas a trabalhar sem bigodes.

Diante da nossa curiosidade, ele explicou:

— No século passado, e mesmo no começo deste, era formal que os atletas de circo e de teatros de variedades usassem vastas bigodeiras. Nenhum artista que se prezasse deixava de possuir bigodes fartos e retorcidos. Papai e seus irmãos afrontaram a tradição apresentando os seus números de força e de equilíbrio com a cara completamente raspada. Escandalizaram vários países com a inovação, mas a moda pegou.

Perguntamos-lhe sobre os problemas do circo nos dias de hoje. Alcides Queirolo nos informou:

— Não há decadência do circo, atualmente. O que existe é o seu obscurecimento, sua desvalorização, em confronto com as outras artes populares, como o cinema e o teatro. O responsável por esta pseudo-decadência é o empresário, o proprietário do pavilhão, em geral apenas comerciante, sem nenhum pendor artístico. É preciso valorizar o artista circense com eficiente propaganda. Sobre tudo é necessário dar conforto ao espectador que vai ao circo. O preço dos ingressos das gerais, a cinco cruzeiros, e das cadeiras, a dez, — superior aos do cinema dos bairros — exige uma contribuição equivalente em conforto para a assistência.

Alcides nos cita para corroborar suas afirmativas a organização dos circos dos Seissel e de Piolin, em São Paulo, modelos dos circos que deveriam existir em todas as grandes cidades do Brasil.

QUANTO SE GASTA PARA TER UM CIRCO

— É muito difícil montar uma casa de espetáculos do gênero a que você se refere?

Alcides, com franqueza peculiar, cita números e fatos:

— Um circo com picadeiro alto poltronas de madeira, como as dos cinemas, arquivancadas com encostos nos degraus e descanso para os pés; coberto de lona e circundado de zinco — o que significa: um circo de conforto regular — custaria, no mínimo, quatrocentos mil cruzeiros. — A lona atualmente está caríssima e são precisos setecentos metros para cobrir um circo pequeno. Entretanto a receita compensa. No circo onde estamos atualmente, no Cajú, a renda mensal nunca é inferior a setenta mil cruzeiros. Mesmo nos dias de chuva a bilheteria arrecada de três mil a quatro mil cruzeiros.

Os proprietários podem oferecer, por isto, conforto maior. O público, qualquer que seja a sua classe, gosta das atrações circenses. Durante a temporada que fizemos no teatro Glória — "Circo na Cinelândia" — batemos o recorde de arrecadação naquela casa. Passou certa noite pela bilheteria a importância de vinte mil cruzeiros.

— Que acha do circo-teatro?

— É uma necessidade imposta mais pelo público, principalmente dos subúrbios e bairros, do que pelo empresário. A falta de teatros fora do centro da cidade criou essa obrigação para os circos. Note-se uma coisa: enquanto o público grânfino aceita o gênero-chauchada, o suburbano exige os dramas-lhões, com tragédias em cada fala e muitas mortes em cada ato. No subúrbio e no bairro, o circo para viver tem que fazer teatro. Alcides Queirolo preparava-se para despedir-se. Estava com visita marcada com Dona Aida Isquierdo, sua tia e mãe de Bibi Ferreira, que acabara de chegar de Londres. Antes de sair contou-nos o grande desejo dele e de seus irmãos: possuir o seu próprio circo.

— Para isso — conclui Alcides — estamos juntando dinheiro e possivelmente até junho de 1948 a família Queirolo terá o seu circo. Com nosso próprio pavilhão é possível, então, que fiquemos ricos.

OCORAÇÃO DE MISS WINCHELSEA

(Continuação da página 23)

sea e todos os outros seus pequenos em-
brulhos.

Se bem que as três moças tivessem feito, em sua vida, toda espécie de exames oficiais da língua franceza, entretanto sentiam-se envergonhadas por causa da pronúncia e o rapaz continuou a ser um grande auxílio, servindo-lhes de interprete. Sempre sem querer impôr-se às três moças, instalou-as confortavelmente no trem e, tirando respeitosamente o chapéu, despediu-se. Miss Winchelsea agradeceu-lhe gentilmente, procurando fazê-lo com graça — graça da melhor qualidade — e Fanny, sem esperar que ele estivesse bastante longe, de forma a não poder ouvir, exclamou em voz alta:

— Oh! Como é gentil!

— Pergunto quem poderá ser, — disse Helena. — Sem dúvida ele vai também à Itália, porque eu vi os bilhetes verdes no carnet que ele levava.

Miss Winchelsea quasi falou no livrinho de poesias, porém deteve-se, achando melhor calar-se a este respeito.

Durante algumas horas, olhando pela portinhola do trem, observando a paisagem que lhes atraia completamente a atenção, esqueceram o rapaz. Viajando em um país em que os menores cartazes estavam escritos no mais puro francês, elas imaginavam fazer parte de alguma faustosa expedição. Miss Winchelsea chegou mesmo a fazer algumas comparações pouco patrióticas entre os minúsculos cartazes que ornavam o caminho que seguiam e as enormes paliçadas que enfeitavam as planícies inglesas.

Mas o norte da França é, verdadeiramente, pouco interessante. Ao cabo de algum tempo, Fanny pôs-se novamente a lêr os Passeios de Hare, e Helena lembrou-se do almoço. Miss Winchelsea acordou de um doce sonho, em que via Roma com todas as suas belezas; um gesto de Helena lembrou-lhe que era necessário almoçar, e as três, alegremente, esgotaram as provisões que traziam cada uma em uma cesta.

A tarde, sentiam-se fatigadas e conservaram-se silenciosas até o momento em que Helena pôs-se a preparar o chá.

Miss Winchelsea desejava bem dormir um pouco, mas, como sabia que Fanny dormia sempre com a boca aberta e como no wagon achavam-se também duas senhoras já idosas de aspecto pouco indulgente e que, de mais a mais, pareciam conhecer bem o francês e falá-lo correntemente, ela preferiu ficar acordada para impedir que Fanny adormecesse.

Porém a cadencia rítmica do trem tornava-se insuportável aos ouvidos, e a fuga da paisagem através os vidros, imensamente penosa aos olhos, de forma que, antes mesmo da primeira parada do trem, já as três moças se achavam enormemente fatigadas e aborrecidas da viagem.

A parada à noite foi mais alegre por causa da aparição do moço das poesias, o qual patenteou, como sempre, uma atitude corretamente discreta, enquanto os seus conhecimentos da língua franceza continuavam a torná-lo utilíssimo.

Os coupons que ele tomara determinavam o mesmo hotel que o das moças e, por um feliz acaso, ele sentou-se na mesa ao lado de miss Winchelsea.

O entusiasmo que esta última sentia pela cidade de Roma não a obcecava a ponto de ela não aceitar, de bom grado, a possibilidade desta vizinhança, e, quando ele arriscou algumas palavras sobre as fadigas causadas pela viagem — ele esperou para falar justamente a ocasião que medeia entre a sopa e o peixe — não só ela consentiu em escutá-lo, mas respondeu com uma frase amável. Bem depressa eles se tornaram mais afoitos, e chegaram a fazer comparações entre os seus programas de viagem; Helena e Fanny foram cruelmente esquecidas durante esta conversação. Chegaram à conclusão de que tinham os dois o mesmo itinerário: um dia inteiro para os museus de Florença.

— Pelo que ouço dizer, — observou o rapaz, um dia inteiro é apenas o estritamente necessário!

Todo o resto do tempo seria consagrado a Roma.

Ele falou de Roma satisfatoriamente; era, sem dúvida, muito instruído. A propósito do Soracte citou Horácio. Miss Winchelsea tivera, em tempos, como composição, a análise d'esta ode e ficou satisfeita por poder continuar a citação. Este feliz incidente deu um tom elegante, e ao mesmo tempo simples e distinto, à palestra.

Fanny declarou, por seu turno, algumas das suas impressões, e Helena fez algumas observações justas e sensatas; mas, da parte das moças, coube, naturalmente, a miss Winchelsea a maior parte das respostas.

Muito antes de chegar a Roma, o rapaz, por um tacito acôrdo, reunira-se definitivamente às moças.

Elas ignoravam como ele se chamava; não sabiam qual a profissão que exercia, mas era de presumir que fosse professor e Miss Winchelsea chegou a supor que ele ocupava uma cadeira de ensino na Universidade: em todo caso devia ser desta espécie a sua ocupação. Ele se apresentava "chic" e distinto, sem presunção ou afetada gravidade. Ela tentara, uma ou duas vezes, saber se ele vinha de Oxford ou de Cambridge, porém ele conseguiu sempre iludir as suas timidas insinuações.

Viram da Florença de Ruskin tudo o que lhes permitiu a sua curta permanência na cidade. As três amigas tornaram a encontrar o rapaz no museu Pitti; ele visitou-o em companhia delas conversando anímadamente e sem esconder a alegria que lhe causara o encontro. Era conhecedor de artes. Ficaram todos quatro encantados com a bela manhã que passaram juntos.

Que felicidade encontrar ao redor de si os mestres preferidos, e descobrir belezas desconhecidas, mormente quando tantos outros esquadrihavam inutilmente os seus Baedekers. "E ele não tem a menor fatuidade!" dizia miss Winchelsea; porquanto ela detestava a fatuidade. Transparecia, sob as suas palavras tão sérias, uma jovialidade natural e discreta; soube ser espirituoso e gracejador sem vulgaridade, quando, por exemplo, criticou a arte ingenua e simples de Beato Angelico, e apanhava, prontamente, a significação moral do assunto.

Fanny passava deslumbrada por entre aquelas obras-primas e declarava francamente que "não entendia muito de pintura" porém concordava de boamente que tudo aquilo era "extremamente belo".

Por fim, miss Winchelsea achava já bem monotonas as exclamações de Fanny e desejava ver desaparecer os últimos cumes dos Alpes, feridos pela luz do sol, afim de não ouvir mais os gritos de espanto e admiração que ela soltava continuamente.

Helena pouco falava; porém miss Winchelsea não ficou surpreendida, pois já ha tempos constatará nela uma ausencia quasi completa de sentimento estético. Aas vezes ela ria-se dos sutilíssimos gracejos do moço, e, outras vezes, parecia ficar completamente indiferente aos tesouros de arte que a rodeavam, perdida na contemplação do vestuário das outras visitantes do muscu.

Em Roma, o rapaz acompanhou-as, porém com interrupções. Um dos amigos dele, gênero "touriste" acentuado, monopolizava-o muitas vezes. Ele queixou-se disto, comicamente, a miss Winchelsea.

— Não tenho, infelizmente, senão duas semanas para passar em Roma — dizia ele, — e o meu amigo Leonardo perde um dia inteiro em Tivoli, para admirar uma cascata!

— Quem é este seu amigo Leonardo? — perguntou bruscamente miss Winchelsea.

— É o andarilho mais entusiasta que jamais tenho visto.

Esta resposta, dada em ar de chalaça, pareceu insuficiente a miss Winchelsea.

Tiveram, na sua estadia em Roma, dias bem alegres e felizes, e miss Fanny perguntava a si própria o que teriam elas feito sem o auxílio inesperado do rapaz. A curiosidade de miss Winchelsea era insaciável, e Fanny revelava inesgotáveis faculdades de admiração. Galerias de pintura e escultura, igrejas imensas repletas de povo, ruínas, museus, arvôres da Judéa, figueiras da Índia, carros de vinhateiros e palácios, tudo elas admiravam, de passagem, inexaurivelmente.

Nem um espinheiro, nem um eucalyptus passou sem ser designado pelo seu nome próprio e devidamente admirado; de cada vez que aparecia aos seus olhos, o Soracte enchia-as de admiração enlevando-as em extases. O entusiasmo em que se achavam adornava de maravilhas as cousas mais comuns.

— Cesar, sem dúvida, passou aqui!

— Raphael contemplou, certamente, d'este lugar o Soracte!

O tumulto de Bibulus as deteve um momento.

— O velho Bibulus! — proferiu o rapaz, enigmaticamente.

— O mais antigo monumento da Republica romana! — sublinhou miss Winchelsea.

— Eu sou bem ridícula, — disse Fanny, — mas quem é Bibulus?

Esta pergunta intempestiva foi seguida de um curto silencio.

Não foi o que construiu os muros de Roma? — perguntou Helena.

O rapaz lançou-lhe um rápido olhar, e pôs-se a rir.

— Não, foi Balbus! — respondeu.

Helena corou, mas nem o cicerone, nem miss Winchelsea dignaram-se de elucidar a ignorancia de Fanny a respeito de Bibulus.

Helena mostrava-se menos petulante do que as suas companheiras, porém sempre fêra taciturna por natureza. Ela ocupava-se, de ordinário, dos detalhes praticos, ocupava-se dos bilhetes dos tramways, ou, se por acaso o rapaz se encarregava destas cousas, ela não os perdia de vista e, em caso de necessidade, indicava a algarbera em que elle os colocara.

Os quatro passaram assim horas invidáveis na antiga cidade das recordações, que outrora foi o centro do universo.

O único desgosto que tinham era não poderem consagrar mais tempo a esta viagem. Acharam, sem dúvida, que os tramways electricos, as edificações dos bairros modernos e os reclames criminosos que deprimem a magestade do Forum, ultrajavam enormemente os seus sentimentos estéticos; porém tudo isto entrava no programa.

A bem dizer, Roma é uma cidade tão maravilhosa que, por vezes, miss Winchelsea olvidava os seus melhores entusiasmos, preparados de antemão, e Helena, tomada de improviso, deixava o mutismo habitual para exprimir o pasmo que a tomava, diante de algum espectáculo inesperado. Entretanto Fanny e Helena teriam desejado visitar, no bairro inglês, os mostradores dos armarinhos; porém, a hostilidade intratável que miss Winchelsea manifestava presentemente por todos os seus compatriotas, impediu-as de satisfazer esse desejo.

A camaradagem essencialmente intelectual e estética de miss Winchelsea com o jovem sábio, já se ia transformando em um sentimento mais profundo.

A exuberante Fanny fazia quanto lhe era possível por conservar-se na altura da admiração que os dois manifestavam a cada passo, à qual ela se associava, sem bem compreendê-la, proferindo a cada instante vigorosas exclamações: "Oh! como é belo!" ou "Oh! vamos lá", cada vez que um lugar interessante era nomeado. Por fim, Helena queixou-se de cansaço, pelo que miss Winchelsea muito se aborreceu. Disse mais que "não achava nada de extraordinário" na expressão fisionomica de Beatriz Cenci — a Beatriz Cenci de Shelley! — na galeria Barberini; e, n'um dia em que eles deploravam a introdução dos tramways electricos, ela replicou com um pouco de azedume "que as pessoas, de uma maneira ou de outra, necessitavam um meio de locomoção e que era sempre preferível recorrer aos tramways eléctricos do que subir a cavalo aquêles horribes monticulos". E, falando assim, aludia às sete colinas de Roma!

No dia em que elles subiram ao Palatino, Helena, sem que miss Winchelsea ouvisse, disse repentinamente a Fanny:

— Não te apresses tanto, querida amiga; elles passam muito bem sem a nossa companhia e, alem de tudo, não apreciam nada as nossas observações.

— Eu não tinha intenção de segui-los, — replicou Fanny, — certamente que não. E, esbaforida, afrouxou o passo.

Quanto a miss Winchelsea, tinha, verdadeiramente, encontrado a felicidade no ca-

Mitigal



Acaba com
as
coceiras

PO DE ARROZ
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
FINO, ADERENTE E INVISIVEL
A VENDA EM TODA PARTE

A Beleza e Obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto das Laboratórios Alvim



Encanto e
frescor
primaveril

Ginosedol

O "REMÉDIO DAS SENHORAS"

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

Nem se pergunta*



só uso Kolynos!

diz

Ann Rutherford

famosa e irmã de Samuel Goldwin
que aparece em "A VIDA SECRETA DE WALTER MITTY"

Por que? Porque sabe que o sorriso radiante é chave que abre todas as portas. Um centímetro apenas deste agradável creme dental concentrado se transforma em uma abundante e ativa espuma que deixa os dentes limpos e brilhantes, a boca toda deliciosamente fresca e perfumada. As mulheres mais atraentes do mundo sabem que Kolynos...

limpa mais... agrada mais... rende mais!



Para sorrir como artista,
mostrando dentes divinos...
não se esqueça do dentista,
nem se esqueça de Kolynos!



* Faça como eu:

Use Kolynos duas vezes por dia

K-405-PH

McCann

minho que seguia. Mais tarde, relembrando esses instantes, depois da hora trágica, é que ela compreendeu perfeitamente quão grande fora a sua ventura, quando, por entre as ruínas protegidas pela sombra dos ciprestes, trocava, com o seu jovem companheiro de viagem, os mais elevados pensamentos permitidos ao espírito humano, e as impressões mais delicadas que é possível compartilhar entre dois corações. Uma certa ternura insinuava-se, insensivelmente, nas suas relações de camaradagem, e expandia-se livremente desde o momento em que a presença importuna de Helena não se fazia sentir. O interesse que tomavam por tudo o que os rodeava, se transformava, pouco a pouco, em um mais vivo interesse pelos seus mais íntimos sentimentos.

Um e outro entraram em confidências: ela, fez alusão à escola em que lecionava, falou sobre os sucessos obtidos, exprimiu a alegria que lhe causava a lembrança de ter, enfim, acabado com os trabalhos e canseiras dos tempos de estudo e os sustos dos exames. Ele claramente deu a conhecer que exercia também o professorado. Falaram com ardor da grandeza e importância da tarefa que lhes competia, da necessidade de uma simpatia que os ajudasse a afrontar com coragem as particularidades fastidiosas que ela encerrava, da impressão de isolamento que ambos às vezes sentiam.

Isto passou-se no Coliseu, e nada mais disseram naquele dia, porque Helena voltara com Fanny, a qual ela, primeiramente, arrastara até os degraus superiores.

Entretanto miss Winchelsea, cujos sonhos começam já a tomar corpo, evocava agora quadros e cenas de uma realidade bem tangível. Via em imaginação o excelente rapaz dando aos alunos frutos mais edificantes de sua sabedoria enquanto ela trazia o auxílio mais modesto de colaboradora e os cuidados e deveres de esposa; sonhava já com uma casinha elegante, com duas secretárias, duas estantes branquinhas onde se alinhavam magníficos livros, reproduções de quadros de Rossetti e de Burne Jones sobre as paredes forradas com papéis artísticos, gênero William Morris, e profusão de flores nas jardineiras de cobre martelado; e ainda muitas outras cousas que lhe passavam pela imaginação.

No monte Pincio tiveram de nove alguns momentos preciosos em que ficaram completamente sós, enquanto Helena levava Fanny para apreciarem as duas o Muro Forito.

O rapaz falou então sem circunloquios. Declarou francamente o seu intento de que a mútua amizade que os animava fosse além, pois a presença da moça, para não dizer mais, era-lhe já bem agradável.

Dizendo isto, tornou-se nervoso: endireitou, com mão tremula, o pince-nez, como se recelesse que a emoção o fizesse cair.

— Eu queria falar-lhe a meu respeito, — disse ele. — Bem vejo que o meu procedimento está sendo incorreto, porém, o nosso encontro foi tão casual... ou, por outra, tão providencial... e sou obrigado a aproveitar a primeira ocasião. Eu vinha a Roma com o pensamento de fazer aqui uma excursão solitária... e fui tão feliz... tão perfeitamente feliz... consegui obter, recentemente, uma boa situação... Julguei poder esperar... E...

Nesse instante, lançando um olhar por cima do ombro, calou-se de súbito.

— Raios te partam! — pronunciou distintamente, sem que miss Winchelsea ouvisse censurar este recurso viril a uma tão horrível praga.

Por seu turno ela voltou a cabeça e viu o amigo Leonardo que se aproximava. Ao chegar junto deles, tirou o chapéu para cumprimentar a moça, sorrindo-se de um modo malicioso.

— Procurei-te por toda parte, Snooks! — disse ele. — Tinha-me prometido estar na Piazza ha meia hora!

Snooks! Este nome feriu miss Winchelsea como uma bofetada em pleno rosto. Ela não percebeu a resposta. Depois, refletiu que Leonardo a tomara, sem dúvida, por pessoa muito leviana; ainda hoje não está bem certa se foi ou não apresentada a ele, e não se recorda das palavras que lhe dirigiu. Uma espécie de paralisia invadiu o seu espírito. E não era para menos!... Tudo o que ela teria pensado de mais horrível... este nome Snooks!

Helena e Fanny voltaram. Depois de uma pequena permuta de cumprimentos, os dois rapazes afastaram-se.

Miss Winchelsea tentou mostrar-se calma e impassível ante os olhares interrogadores das suas duas amigas. Durante todo o resto do dia ela viveu como uma heroína sob a impressão do incrível ultrage daquela inesperada revelação; viu-se obrigada a conversar, rir, brincar enquanto o nome fatal "Snooks" lhe roía o coração. Desde o terrível momento em que as sílabas fatais lhe tinham ferido o ouvido, o edifício da sua felicidade desmoronara-se por completo, rolando no pó da terra. Todo o requinte do "chic" com que sonhara, evaporava-se ao sopro da inconfessável vulgaridade daquele nome.

Que importava, presentemente, a casinha elegante, as reproduções dos mestres, os artísticos papéis das paredes e as duas secretárias colocadas uma ao lado da outra? Através de tudo isto transparecia agora em letras de fogo uma inscrição extravagante e ridícula: "Mister Snooks!" Isto poderá ser considerado como cousa insignificante, porém, pensai um pouco na delicadeza e sutileza de espírito que possuía miss Winchelsea. Experimental tornar-vos, pelo pensamento, o mais sutil e refinado que puderdes ser e imaginai a necessidade de assinar o vosso nome acrescentando "S-n-o-o-k-s"!

Ela viu, em imaginação, todas as pessoas de seu conhecimento, que lhe eram desfavoráveis, chamando-a mistress Snooks e pronunciando este nome patronímico em ar de escarneio. Imaginou um cartão de visita com o nome de Winchelsea atravessado triunfantemente por uma seta. — seta de Cupido — em favor de Snooks.

Triste confissão de fraqueza feminina!

Ela via, de antemão, a alegria não disfarçada de algumas das suas amigas, de alguns dos seus primos negociantes, aos quais se tornara como uma estranha, pelo sua delicadeza e refinamento sempre crescentes. Como elas e eles escreveriam jubilosamente o seu nome, tão vilgar, no envelope que lhe traria as suas zombeteiras felicitações.

As próprias atenções e carinhos do seu marido, compensariam suficientemente esta humilhação?

CRITICA À EXPOSIÇÃO DA "MONSEIGNEUR" NO COPACABANA PALACE

No dia 25 de Maio deste ano foi inaugurada no COPACABANA PALACE HOTEL uma exposição rica e variada de ARTIGOS DE GRANDE LUXO, da FRANÇA INGLATERRA e ITALIA.

Reconhecemos e apreciamos o sacrifício feito pelos iniciadores desta exposição, apresentando, tão pouco tempo após o fim de uma guerra, que imobilizou durante quase 7 anos toda a vida cultural da Europa, ao público seletto da sociedade carioca, uma galeria tão completa e refinada.

Estamos certos que este público apreciará esta bonita iniciativa, o que aliás já se nota pelo grande sucesso que esta exposição vem obtendo durante os poucos dias que está funcionando.

....Temos apenas uma objeção a fazer: que o encerramento desta valiosa exposição foi marcado para uma data tão próxima, o dia 10 de Junho.

Por isso, é um dever de todo o público de bom gosto, aproveitar esta rara oportunidade, para visitar esta exposição de arte, refinamento e fino gosto.

— É impossível! — murmurou. — Impossível!... Snooks!

E lamentando o rapaz por possuir este nome, lamentava-se ainda mais a si própria. Sentia-se indignada com ele. Tão bem parecido, tão distinto e chamar-se Snooks! Encobrir sob aparências tão fementidas o emblema sinistro de semelhante nome! Não era isto uma espécie de traição? Ele abusara simplesmente de sua confiança.

Ela passou, sem dúvida, horas cheias de angustiosa perplexidade: passou mesmo por um período de frenesi, provocado pela violência louca da paixão, chegando quase a lançar ao vento as suas idéas de refinada distinção. Um sentimento íntimo, último vestígio da vulgaridade da sua origem, induziu-a a persuadir-se de que afinal esse nome de Snooks não era tão ruim como à primeira vista parecia. Porém toda a hesitação desapareceu ante o ar de espanto com que Fanny veio informá-la de que sabia também a horrível verdade! Viera com ar espantado e, baixando a voz, pronunciou como um murmúrio a palavra Snooks.

Miss Winchelsea não deu nenhuma resposta ao rapaz quando se encontraram novamente a sós na vila Borghese; porém prometeu escrever-lhe.

Remeteu-lhe uma carta junto com o livrinho de poesias que fôra a causa inicial da sua mutua simpatia. Na carta desculpava-se de um modo evasivo, pois o verdadeiro motivo da sua recusa, era tão difícil dizê-lo ao moço, como falar da corcunda a um corcovado! Ele, porém, bem devia desconfiar do efeito inexprimível que causara o seu nome, pois, bem o via ela agora, por varias vezes evitara pronunciá-lo, em ocasiões que elas teriam podido descobri-lo. Portanto na carta ela desculpava-se, dizendo haver "obstáculos que não podiam ser revelados", "razões que tornavam impraticável o que ele pedia", e não pôde conter um arrepiro ao escrever o endereço: "E. K. Snooks."

O caso tornou-se pior do que ela esperava. Ele pediu explicações, e quais as que poderiam ser dadas?

Os dois últimos dias passados em Roma foram horribes. A atitude do moço, entre espantada e inquieta, pesava-lhe como uma censura. Lembrava-se bem de lhe ter dado muitas esperanças e a este respeito sentia-se com falta de animo para examinar a fundo a sua consciência. Via também que ele certamente devia considerá-la muito volúvel, e, agora que fugia aos seus galanteios, ela fingia não compreender as alusões do moço à possibilidade de uma correspondência entre os dois.

Ele teve então uma idéia que miss Winchelsea achou delicada e romantica: tomou Fanny por intermediária. Esta não pôde guardar o segredo e veio, naquela mesma tarde, revelá-lo à sua amiga sob o pretexto de pedir-lhe conselho.

Snooks deseja escrever-me, — disse ela. Imagina! Eu não julgava que... Deverei consentir?

Discutiram longa e seriamente a questão; porém miss Winchelsea tomou o cuidado de não deixar transparecer os seus sentimentos. Arrependia-se já de ter repe-

lido as propostas do rapaz no sentido de corresponderem-se por escrito. Embora o seu nome fosse horrível e insuportável, que mal havia em receber, uma ou outra vez, notícias dele por escrito? E resolveu dar-lhe o consentimento. Fanny ao despedir-se desejando-lhe uma boa noite, deu-lhe um beijo mais comovido do que de costume.

Ficando só, miss Winchelsea conservou-se por longo tempo sentada à janela do seu quarto. A noite de luar estava belíssima e na rua ouvia-se uma voz de homem entoando a "Santa Lucia" com acentos tristes, languorosos e ternos...

Ela escutava, imersa em profunda meditação. Uma palavra, — um suspiro, — saiu dos seus lábios: Snooks. Depois soltando um suspiro mais profundo, levantou-se e foi deitar-se.

No dia seguinte, pela manhã, o rapaz disse-lhe com ar de cumplicidade:

— Terei notícias suas pela sua amiga.

Foi com a mesma expressão de espanto e inquietação na fisionomia que ele acompanhou as moças até a estação, e, não fosse Helena, ele teria guardado como coleção de lembranças a mala de miss Winchelsea.

Durante a viagem de volta, miss Winchelsea, pelo menos por umas seis vezes, fez Fanny prometer escrever-lhe a mais longa das longas cartas. Esta, pelo que era de crer, ia ser vizinha de Snooks: a sua nova escola — ela mudava constantemente de escola — ficava a menos de cinco milhas de Steely Bank, e justamente na escola politécnica desta cidade ocupava ele uma cadeira de professor. Poderiam mesmo vê-se algumas vezes.

Como Helena manifestava disposições pouco simpáticas a respeito do moço, Fanny e miss Winchelsea pouco falavam d'ele, — assim é que o chamavam sempre.

O caracter de Helena tornara-se pior — miss Winchelsea notara isso: — do tempo em que terminaram o curso no liceu para cá, ela tinha-se tornado brusca e ousada.

— Pelos traços da fisionomia, vê-se logo que este rapaz é de natureza fraca, — disse ela uma vez, tomando por fraqueza a sua distinção natural, como costumam pensar as pessoas da sua lala, e, quando soube que ele se chamava Snooks, declarou que absolutamente não lhe causava isto espanto, pois já era de esperar...

Miss Winchelsea tomou cuidado em não dar a conhecer o que pensava a este respeito, porém Fanny mostrou-se menos circunspecta.

As três amigas separaram-se em Londres. Miss Winchelsea, com uma nova perspectiva na vida, voltou para a Escola Superior de Meninas, onde, havia já três anos, soubera fazer-se apreciar cada vez mais pelos serviços prestados.

A correspondência com Fanny deveria sustentar a nova esperança de miss Winchelsea, e, para dar o exemplo à amiga, ela escreveu-lhe quinze dias sómente após a chegada, uma extensa e minuciosa carta.

(Continua na pág. 55)



VAMOS DANSAR, TAMBÉM?

"TODA a cidade está dansando!" — exclama a cronista Thyra Samter Winslow, na sua habitual coluna da revista "Go", de New York. O dancing de Arthur Murray aumentou para 400 o número de belas moças que integram o seu corpo de bailarinas. Fred Astaire, justamente quando os seus inúmeros fans estavam lamentando o encerramento de sua carreira cinematográfica, anunciou a abertura de duas escolas de dansas em New York. Antigamente eram somente os moços ou os velhos (que queriam passar por moços), os frequentadores habituais dos salões de dansa. Hoje, porém, todo o mundo dansa, seja para emagrecer ou passar tempo. Por isso, os salões estão sempre regorgitando de um público entusiástico. O famoso Sammy Kaye estreou com a sua orquestra no New Yorker e, embora a sua temporada se prolongasse por muito tempo, o público acorreu em massa como se aquele fosse o primeiro e único espetáculo. Fred Le Quorne, empresário da "Casa da Dansa" que tem, sob contrato, um bom número de dansarinas profissionais, inclusive as vencedoras dos concursos realizados no Harvest Moon Ball declara, afinal, que as dansas favoritas de 1947 serão, em primeiro lugar, a rumba, seguida pelo samba, colocando o fox-trot em último lugar.

F. Corrêa da Silva.

THE EGG AND I

(Do filme da mesmo nome da UNIVERSAL)

Fox de Harry Akst, Herman Ruby, Bert Kalmar e Al Jolson.

She's such a good egg
She's a regular guy
You'll seldom strike two characters
Like the egg and I.
She's such a good egg,
We're just bound to get by.
Whatever's in store is good enough
For the egg and I.
She's no "Information Please", so what.

I'm not the kind to kick.
I can overlook flaws because
She knows what makes me tick.
Here's what we pray for
In the sweet bye and bye.
A bundle of love, facsimile
Of the egg and I.

YO TE PERDONO

Bolero de Oswaldo Farres

Yo te perdono porque te quiero
Porque nasciste y te perdono
Una vez más.
Si más me hicieras te perdonaba
Sin que me quede dentro del alma
Ningun rencor.
Nada ni nadie en esta vida
Te quiere tanto porque nasciste
Para que solo te quiera yo.
Yo te perdono porque te quiero
Porque te quiero y te perdono
Una vez más.

MORENINHA

Canção de Georgina de Mello Erisman.

Criação de Jorge Fernandes

Moreninha, gosto tanto de você...
Moreninha tão fazeira como outra
não se vê...
Moreninha, minha terna z-bêlê!
Figurinha brasileira, minha linda
feiteira,
Gosto tanto de você!

No teu olhar de santa
Que prende e que me encanta
Vivem dois sóis poentes constantemente a orar...

Na tua boca rubra que é um misterio ainda
Mora a saudade infinda
Dum raio de luar...

No teu sorriso leve
Que lembra um sonho breve,
Brinca o orvalho fresco
Da madrugada em flor.
No teu cabelo escuro
A noite fez um ninho
Onde um passarinho
Diz a canção do amor.

CICATRICES

Tango de Enrique P. Maroni e Adolfo R. Avilés.

Cicatrices
incurables de una herida
que me ha causado la vida
en su triste batallar.

Cicatrices
que ya no se cierran nunca
porque llevan siempre trunca
la esperanza de curar

La queria inmensamente
pero ella fué perjura,
y llenó de onda amargura
y de pena mi ilusión.
Es por eso que ahora vivo
siempre a golpes con la suerte
y solo quiero la muerte
para mi angustiado y pobre corazón.

En la cara
tambien luzeo con orgullo
un recuerdo que es muy tuyo
y que llevo por mi mal.

Un recuerdo
que me hicieron en tu nombre
cuando yo jugué como hombre
con la vida del rival.

Cicatrices imborrables
de un tormentoso pasado,
que la suerte me ha brindado
y que nunca perderé.
Cicatrices de mi vida
que aunque no tienen encanto,
yo las quiero tanto y tanto
que jamás, jamás ya nunca olvidaré.



FEMININAS

MARMELADA CORADA

Cozinhe alguns marmelos inteiros, com casca. Quando estiverem bem tenros, pásse tudo pela peineira. Tome uma porção igual de açúcar e leve ao fogo, com água, até dar uma calda rala. Junte o creme de marmelo e, sempre mexendo, deixe que tome ponto, adicionando um pouco mais de água, se preciso fôr, afim de que tome uma cor avermelhada.

PRATO APERITIVO

Bata 2 gemas cruas com 1 xícara de azeite, adicionando-o às

colherinhas. Junte 2 colheres de vinagre, 1 colherinha de sal e 1 de caldo de limão. Passe-o por sobre fatias muito finas de pão de fôrma. Cubra com uma camada de amendoim descascado. Sirva acompanhado por um prato de folhas de alface e pedacinhos de "pickles".

PUDIM DE QUEIJO

Batem-se 6 gemas com 400 grs. de açúcar, em seguida 100 grs. de manteiga, 1 pires de queijo ralado, 4 colheres de farinha de trigo, cravo em pó e uma pitada de canela. Mexe-se muito

bem. Fôram untada. Fôrno quente.

—:0:—

O seu cabelo conservará todo o seu brilho si, de três a quatro vezes por semana você esfregar o couro cabeludo com um algodão embebido em loção especial.

—:0:—

As peles gordurosas exigem um tratamento especial, a fim de evitar que os poros se dilatem. Existem "mascaras" indicadas para isso.

—:0:—

Uma vez por semana, lave suas escovas e seus pentes numa água que contenha um pouco de amoníaco.

Faça Bolos...

BÔLO AMRELO

6 colhs. (sopa) manteiga ou outra gordura	1 1/2 chics. farinha
1 1/4 chics. açúcar	1/2 chic. araruta
1 colh. (chá) essência	1 colh. (sopa) Royal
3 ovos	1 colh. (chá) sal
	1/2 chic. leite

Amasse a manteiga até ficar um creme. Incorpore aos poucos o açúcar. Junte a essência, depois os ovos inteiros, um a um, batendo bem. Peneire juntos 3 vezes a farinha, araruta, Royal e sal. Junte-os, aos poucos, à massa, alternados com o leite, batendo sempre. Use fôrma untada, forno regular cerca de 50 min. e cubra com o seguinte glacê: numa panela, sobre fogo baixo, dêreta 2 chics. açúcar, mexendo sempre até ficar dourado. Junte aos poucos 1 chic. leite bem quente, continuando a mexer. Junte 1 colh. (sopa) manteiga e tire do fogo. Quando estiver morno, bata até ficar cremoso e consistente.



Grátis!

Pega hoje ao seu fornecedor um "Cartão-Royal" com as instruções para receber o famoso "Livro de Receitas Royal". Ou esreve para: Caixa Postal 3215 - Rio de Janeiro.



PRODUTO DA STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC. - RIO DE JANEIRO

...e haverá sempre festa em seu lar!

Um lar em que há sempre bolos é um lar feliz... Bolos tornam a mesa mais feliz, mais variada... e, sobretudo, muito mais festiva! Indubitavelmente! Vale a pena fazer bolo! É só começar! E, mesmo fora das grandes datas, sentirá logo que a presença de bolos cria em seu lar um ambiente de constante festa... Por certo, para a garantia do êxito, utilize o Livro de Receitas Royal, usando sempre o produto de qualidade e de confiança, famoso em todo o mundo há quase 80 anos — Fermento Royal!

FERMENTO ROYAL

— a chave de mil e um pratos deliciosos!

ROUGE LIQUIDO
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA PARTE
DA AS FACES UM ROSADO
INCOMPARAVEL
RAINHA DA HUNGRIA

Não esqueça os cotovelos! A pele ali endurece facilmente, porque é quase sempre esquecida. Comece hoje mesmo a usar pedra pome para tirar toda a sua aspereza. Em seguida, empregue um creme suave e indicado para clarear.

—:0:—

DE GOETHE

"Saúde perdida, alguma coisa perdida; honra perdida, muita coisa perdida; coragem perdida, tudo perdido"...

DE WILDE

Nada é tão perigoso como ser moderno de mais. Fica-se antiquado muito rapidamente.

—:0:—

Dar muito, muitíssimo, porém nunca dar tudo; eis o mais preciso segredo da mulher que quer sempre ser amada.

—:0:—

O sumo do limão é excelente para clarear as mãos.

—:0:—

Para tirar manchas de tintas dos dedos, use pedra pome.

—:0:—

Para que as verduras conservem a sua cor natural, adicione à água em que elas fôrem cozidas, uma pitada de bicarbonato.

—:0:—

Uma mesa bem arrumada, enfeitada com flôres, é sempre muito mais atraente, contribuindo até para aumentar o apetite...

—:0:—

Os cremes devem ser de preferência batidos em vasilhas enlousadas e revolvidas com batedor de arame.

—:0:—

PUDIM DE CLARAS COM AMEIXAS

Bata em neve 5 claras, junte 5 colheres de açúcar, casca fina de 1/2 limão e 150 grs. de ameixas picadas. Unte um papel, deite em pirâmide o pudim e leve ao fôrno bem quente durante poucos minutos. Sirva com creme de baunilha.

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

PROF. ZULEIDA GUERRA
PARTEIRA
Graduada pela Faculdade de Medicina
do Rio de Janeiro
Rua Francisco Xavier, 258 - Fone: 28-0430

O CORAÇÃO DE MISS WINCHELSEA

(Continuação da pág. 53)

A resposta foi uma desilusão. Fanny nunca possuía sentimentos literários, porém, pela primeira vez, miss Winchelsea pôde-se a lastimar uma lacuna deste gênero no espírito da amiga.

Na calma e aprazível solidão do seu gabinete de trabalho, ela pôde criticar a vontade aquela carta. A crítica resumiu-se em uma só palavra: "tolices". Entretanto era uma repetição da sua própria carta, com detalhes relativos à escola em que Fanny ensinava agora. A respeito de Snooks, somente isto:

"Recebi uma carta de Snooks e veio visitar-me estes dois últimos sábados à tarde. Falou-me de Roma e de ti. Falamos ambos muito de ti; devias ter ficado com as orelhas em fogo..."

Miss Winchelsea, reprimindo o desejo de pedir informações mais circunstanciais a esse respeito, respondeu com uma curta e longa lucubração:

"Conta-me tudo o que se passa contigo, querida amiga. Esta viagem reatou completamente a nossa amizade de outrora e eu sinto tanta necessidade de uma notícia como a tua!"

E contentou-se com escrever, na quinta página, uma nota em que dizia ter ficado satisfeita por saber que Fanny vira novamente Snooks e que, se ele pedisse notícias dela, Fanny lhe dissesse que ela lhe enviava muito cordialmente (sublinhado) lembranças e recomendações.

Fanny replicou com um estúpido desenvolvimento o tema já muito estado de "antiga camaradagem", lembrando a miss Winchelsea uma dúzia de pequenos fatos que datavam dos seus últimos anos de estudo, porém nada dizia a respeito de Snooks.

Durante quasi uma semana, miss Winchelsea sentiu-se tão furiosa pela maneira por que Fanny desempenhava o papel de intermediária, que não foi possível escrever-lhe. Enfim decidiu-se; a carta, porém, foi muito menos terna do que as antecedentes; continha uma pequena brusca: "Tens visto Snooks?"

A resposta de Fanny veio minuciosamente de toda a expectativa. Contava uma visita que tivera de Snooks e, uma vez encetado este nome, não o largou mais. Do princípio ao fim, era só Snooks para aqui, Snooks para ali; uma verdadeira obsessão de Snooks! Entre outras coisas, dizia que ele ia realizar uma conferência pública.

Entretanto, após um primeiro movimento de alegria, miss Winchelsea achou que a carta não era completamente satisfatória. Fanny nada falava do que Snooks deveria ter dito a seu respeito nem tampouco dizia se ele estava pálido e abatido como, sem dúvida, deveria estar.

Neste interim, chegou uma outra carta de Fanny sobre o mesmo assunto, — um verdadeiro dilúvio de palavras, traçadas em caracteres minúsculos e delgadíssimos, cobrindo seis folhas de papel.

A propósito desta segunda carta, miss

Winchelsea fez, tendo-a pela primeira vez, uma pequena descoberta. A natureza feminina de Fanny triunfara até mesmo dos princípios que tivera de caligrafia redonda e nítida, os quais lhe foram inculcados, assim como à mesma miss Winchelsea, quando ambas cursavam a aula de caligrafia no liceu; porém Fanny nascera com a sina marcada de escrever os n, os m, os u, os r, e os e com a mesma forma; de não fechar os o e os a, de esquecer infalivelmente de pôr os pontos nos i; de maneira tal que, após uma laboriosa comparação das palavras umas com as outras, chegou à conclusão de que Snooks não se chamava absolutamente Snooks! Na penúltima carta Fanny escrevera ainda "Snooks"; porém, nesta última, a ortografia mudara completamente e o nome viera assim: "Senooks".

A mão de miss Winchelsea trema verdadeiramente ao voltar rapidamente as páginas, para constatar o fato de um modo definitivo. Era tão importante para ela!

E começava já a dizer a si mesma que corria o risco de pagar muito caro o

medo que tinha do ridículo e eis que se apresentava repentinamente um pretexto.

Miss Winchelsea percorreu novamente as páginas repletas deste nome tão humilhante. A primeira letra minúscula formada era sempre um e! Durante alguns instantes ela mediu o quarto a largas passadas, comprimindo com uma das mãos as pulsações aceleradas do coração.

Todo o dia esteve refletindo sobre aquela descoberta, monologando discreta e eficientemente, amadurecendo assim a resolução a tomar definitivamente. Decidiu que, se aquela alteração de ortografia era real e não uma pura imaginação de Fanny, ela escreveria imediatamente a Snooks.

Estava então em um estado em que não se vêm mais as mínimas exigências do decoro. Que inventaria para desculpar este procedimento? Que importava! O assunto explicava-se claramente. Algumas passagens tomavam já uma forma no seu espírito, em particular esta alusão: que "as circunstâncias mudaram enormemente depois do nosso último encon-

tro"... porém nunca chegou a redigir esta alusão.

No entanto chegou uma terceira carta da sua fantástica correspondente, anunciando, desde a primeira linha, ser "a mais feliz de todas as criaturas".

Miss Winchelsea, sem mais ler, agarrou a carta furiosamente nas mãos e ficou como que aniquilada.

O correio remetiera-lhe a carta justamente na ocasião em que entrava na aula e ela não a abriu senão depois de ter ditado os problemas às alunas do curso de matemática.

Bem depressa ela tornou a ler as efusões de Fanny, com a aparência da mais perfeita calma; mas passava da primeira página para a terceira sem mesmo dar por isto! "...disse claramente que não gostava do nome dele", principiava assim esta terceira página. "Ele replicou que também não gostava, usando comigo da franqueza que lhe é habitual e que tu bem conheces."

Miss Winchelsea bem a conhecia com efeito!

Obtenha e conserve em sua pele a irradiante

Beleza de Adolescente



Para assegurá-la, não esconda...

Corrija as imperfeições do seu rosto com LEITE DE COLONIA.

A pele jovem e aguçada não é uma dádiva de beleza exclusiva das adolescentes. Há muitas mulheres que mantem a irradiante mocidade da sua cutis por longos anos... Com certeza, a sua preocupação é também adquirir e conservar uma pele sempre linda e sempre jovem. Pois bem... Então, não artificialize os seus encantos com o excessivo maquiagem para esconder as imperfeições do rosto. O mais certo e mais saudável é evitá-las e corrigi-las com Leite de Colonia. Produto de toucador, mas de base medicinal, Leite de Colonia elimina manchas, sardas, cravos, espinhas e outras erupções da cutis. Além disso, é magnífico fixador do pó de arroz. E ainda protege a pele. Use sempre Leite de Colonia. E alvorecerá, diariamente em seu rosto, uma nova beleza - mais radiante e mais jovem.

CONQUISTE PARA SUA PELE A BELEZA DE ADOLESCENTE

Ao levantar-se, limpe sua cutis com Leite de Colonia. Durante o dia, use-o como fixador e como protetor da cutis. Ao deitar-se, para retirar o maquiagem e limpar novamente a pele.



LIMPA... ALVEJA... AMACIA A PELE.

Leite de Colonia

Record-LC-6



NUPCIAS — Flagrante apanhado na Igreja da Santíssima Trindade, nesta capital, no dia 10 de Maio p. findo por ocasião do enlace matrimonial da senhorita Maria Ilka de Barros Correia Eustachio com o Sr. Fernando Teixeira Basto, elementos de nossa alta sociedade.

"Não poderia o senhor mudá-lo? — perguntei-lhe. Primeiramente ele não achou um meio. Sabes, querida amiga, ele deu-me a significação real do seu nome: significa Sevenoaks (sete cadelas); por contração somente é que veio a ser Snooks. — Os nomes Snooks e Noaks, comquanto sejam atrozmente vulgares,

são realmente derivados de Sevenoaks. Então, — às vezes tenho também idéas magníficas, — si Sevenoaks ficou sendo Snooks, qual a razão por que Snooks não tornaria a ser Sevenoaks? Digo-te, querida amiga, que ele não me pode recusar isto, e mudou imediatamente a ortografia do seu nome, mandando pôr, nos

cartazes que anunciavam a conferência, o novo nome: Senoks.

Mais tarde, quando nos tivermos já casados, poremos uma apostrophe e ficará sendo Se'noks. Não achas uma gentileza da parte dêle, o ter cedido a um capricho meu em um assunto em que tantos outros teriam ficado zangados e até insultados?

Porém ele é sempre o mesmo: tanto tem de inteligente como de delicado e gentil. E ele bem sabia que eu teria aceitado o seu pedido, embora se chamasse Senooks dez vezes.

As alunas, neste ponto, foram distraídas nas suas ocupações por um ruído de papéis rasgados raivosamente por mãos nervosas, e todos os olhares se dirigiram para miss Winchelsea. Ela estava pálida e segurava com as mãos crispadas os restos da carta que rasgara em mil pedaços. Finalmente, vendo a atenção que as alunas prestavam à sua mímica expressiva, tentou readquirir um aspecto calmo e rissonho, e, de um modo pausado, perguntou: — Acabaram já o terceiro problema?

Recobrar novamente toda a presença de espírito, porém, durante todo aquele dia, choveram os castigos na aula.

Os dois dias que se seguiram foram empregados por miss Winchelsea, fora o tempo dado às aulas, a compôr e recompôr respostas de todas as formas, antes de achar uma que lhe conviesse, pois queria que fosse uma felicitação dada só a Fanny. Ela debatia-se desesperadamente contra a convicção de que a conduta de Fanny em todo este negócio assemelhava-se muito a uma traição.

Pode-se ser muito elegante e refinadamente chic e, a par d'isto, possuir um coração sensível; e era este o caso de miss Winchelsea. Em certos momentos, ela criava ódio e indignava-se contra o sexo forte, englobando todo o genero humano neste sentimento pouco caritativo.

Ele ia em caminho errado comigo, pensava ela; mas Fanny é bonita, possui um caráter docil, embora estúpida, tem espírito! Nasceram um para o outro!

A guisa de presente de noivado, mandou para Fanny um livro de poesias de George Meredith lindamente encadernado. Fanny mandou-lhe uma carta de agradecimento, estupidamente feliz, dizendo que tinha achado o livro belíssimo.

Miss Winchelsea contava que Snooks, lendo um dia o livro, se lembraria de quem o dera.

Fanny dirigia-lhe agora frequentes e copiosas confidências sobre os seus projetos matrimoniais continuando a evocar a elegante querida da sua mutua e "antiga camaradagem", e contando-lhe, com os menores detalhes, a sua grande felicidade. Entretanto miss Winchelsea escreveu a Helena, pela primeira vez depois da viagem a Roma, sem aludir ao noivado da amiga comum, e exprimindo-lhe os seus mais afetuosos sentimentos.

A viagem efetuara-se pela Pascoa e o casamento celebrou-se durante as férias de Agosto.

Miss Winchelsea recebeu de Fanny, nessa ocasião, uma carta minuciosíssima, na qual a jovem esposa descrevia a chegada à sua casa e as maravilhosas comodidades do seu "ninhosinho".

Senoks tinha uma tal importância aos olhos de miss Winchelsea, importância tão pouco em relação com os fatos presentes, que ela não se podia acostumar, a ligá-lo, com o requinte de distinção que possuía, à idéia do "ninhosinho" conjugal de que falava a sua amiga.

"Estou muito ocupada a concertar uma cadeira", dizia Fanny ao cabo de três páginas; "desculpa-me não te escrever mais".

Miss Winchelsea respondeu no seu melhor estilo, zombando espiritualmente das ocupações de sua amiga, com a viva esperança de que Se'noks leria os seus maliciosos gracejos. Aliás, não foi senão este o motivo pelo qual se resolveu a responder, não somente a esta carta recente de Fanny, mas ainda a duas outras, uma em Novembro e outra pelo Natal.

Estas duas últimas continham um convite insistente para ir vê-los em Steely Bank, durante o tempo das férias, o qual miss Winchelsea quiz persuadir-se de que teria sido sugerido por Senoks, refletindo, porém, com mais vagar, pareceu-lhe descobrir nele a exuberância afetiva de Fanny.

CUTIS

CANSADA



e sem viço

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e es-

pinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL



Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379-S. Paulo

Ela supunha que Senoks já estaria, sem dúvida, arrependido do passo que dera, e contava receber brevemente uma carta endereçada por ele na qual chamá-la-lhe "Querida amiga". Do mal entendido que os separava nascia uma tristeza sutilmente trágica, que era, para miss Winchelsea, como um consolo, pois ser-lhe-lhe de todo impossível conceber idéia de que tinha sido completamente preferida por outra.

Entretanto, ela esperou inutilmente uma carta endereçada à "Querida amiga".

A despeito dos reiterados convites de mistress Sevenoaks, — fora adotada esta ortografia desde o segundo ano de casados, — passaram-se dois anos sem que miss Winchelsea tomasse a resolução de ir vê-los. Um belo dia, porém, nas vésperas da Pascoa, sentiu-se tão só, sem ter no mundo uma creatura que pudesse compreendê-la, que caiu mais uma vez em uma verdadeira crise de sentimento platônico.

Se Fanny se achava completamente entregue às suas ocupações domésticas, ao menos ele devia ter algumas de isolamento. Pensaria ainda naqueles dias passados em Roma e que se achavam já tão longe da época presente? Ninguém, neste mundo, a compreendera tão bem como ele, ninguém! Conversar com ele agora, seria para ela um prazer, ao mesmo tempo suave e triste; mas, que mal haveria nisto? Porque privar-se desta satisfação tão inocente?

Nessa mesma tarde, compoz um soneto, menos os dois últimos versos da segunda quadra que não quizeram sair...

No dia seguinte, enviou um amável bilhete a Fanny, anunciando-lhe a resolução de ir passar alguns dias em companhia deles.

E viu-o novamente!

Logo à primeira vista reparou que ele mudara bastante; achou-o gordo, pesado, e percebeu, desde logo, que a sua conversação perdera muito da fineza e delicadeza de outros tempos. Os traços mesmo justificavam presentemente a apreciação de Helena: observados de um certo modo, indicavam claramente um caráter fraco. Parecia achar-se preocupado tão somente com os seus afazeres, julgando que miss Winchelsea viera sobretudo para vê-lo. Dava à esposa indicações culinárias, como pessoa entendida na matéria.

Bastão
ALGINEX
CONTRA A
Dor
EM QUALQUER PARTE DO CORPO
Efeito surpreendente!

CORTE E COSTURA

Aproveite suas horas de folga para aprender por correspondência, SEM SAIR DE CASA, uma profissão que de muito lhe valerá para o futuro. Torne-se UMA PERFEITA MODISTA graças ao nosso sistema exclusivo e nossa organização superior. Poderá exercer sua nova profissão logo depois de iniciar os estudos. Mensalidades suavíssimas. Envie-nos hoje mesmo o coupon abaixo:



GRÁTIS

Cada aluno receberá: Figurinos moderníssimos - Carteira de Identidade - 100 Cartões de Visita - Serviço especial de consultas

INSTITUTO POPULAR DE ENSINO 670

Caixa Postal 5317 - São Paulo

Sr. Diretor: Peço enviar-me GRÁTIS, o folheto sobre o curso de Corte e Costura por correspondência.

NOME: _____

RUA: _____ N.º _____

CIDADE: _____

ESTADO: _____

toque, pianista, toque!

(Continuação da página 34)

so esquecer, nunca, como fator decisivo na minha cura são as notas suavíssimas daquele piano.

Preparava-me para deixar o hospital. Veio um desejo sereno de acenar a alguém um adeus terno e comovido. Uma doce e vaga saudade insinuou-se em mim. Fui à janela. Meus olhos banharam-se de ternura e a ternura banhou as coisas. O parque, em baixo, com árvores frondosas, tinha boa extensão. Do outro lado, uma ruazinha que me pareceu triste, de casas inexpressivas, espreme-se, tanto quanto as copas das árvores deixavam ver, de encontro ao muro dos fundos do hospital.

Alí, numa daquelas casas inexpressivas de ruazinha triste e esquecida, o meu piano todas as noites tocava. E por certo, deviam ser carícias de mãos de mulher...

Tive impetos de descobrir a casa, o piano, a pianista, o jasmineiro em flôr... E talvez, ante uma mulher placidamente bela, dizer em palavras simples o bem que inconscientemente me fizera, a música perfumada que os meus ouvidos floriam no meu sêr. A vontade, porém, ficou num desejo tímido de poeta lírico dentro da vida.

Parti. Saí para o mundo pela mão da minha juventude, com as promessas ingenuas da minha ilusão. A vida me acenava. E eu acreditei, piamente acreditei, que encontraria pelos meus caminhos, a mesma música simples e despresticiosa, a suavíssima música que embalava meus sonhos de enfermo...

Esta noite é morna. Não há brisa, o céu é pobre de estrelas, perfumes não erram no ar. E sobretudo não há música, inexoravelmente acima de tudo, — não há música. A janela está aberta, eu, eu a escancarei para o mundo. Outras terras, outras gentes, a minha peregrinação continua. O tempo se diverte comigo, salpicando de neve os meus cabelos fugidios. O corpo está são, mas o espírito — ah! o espírito! — está irremediavelmente desenganado.

Nesta noite morna, sem brisa, de céu pobre, sem perfumes e sem melodias, rolam pelas minhas faces as lágrimas de minha infância. E eu peço, suplico, imploro, nesta noite morna, a alguém, quem quer que seja:

—Toque, pianista, toque! Pelo amor de Deus, toque! Quero ouvir música...

A VIDA ERA ASSIM EM TAPIOCA...

(Continuação da página 29)

—Sim... às dezessete e trinta.

—Meus parabéns!

—... e figli maschi, roncou na janelinha da locomotiva, o Biagio, patusco foguista.

Tapioca perdeu em dois dias seguidos os temas principais de sua predileção. A púgna eleitoral e a fusão da casa do Bento com a do professor Martinho.

Mas à noite, no bilhar do Maneco, não saltou ao cérebro do Chico Miséria esta nova perfídia:

—Vocês vão vêr! Estamos em fins de abril. Antes do fim de Outubro, o Joãozinho escrevão terá que fazer um registro...

—Não seja tão mau! O Bento?... Aquele?... Não tem perigo! Foi sempre um rapaz de juízo — retrucou um "péludo", parodiando a frase habitual do Miséria.

E a vida de Tapioca continuou no mesmo rolar insípido. Assuntos para maledicência não faltavam. Brotavam na razão inversa das inteligências. O que faltava era trabalho, vontade de progredir.

Uma noite Tapioca vibrou de entusiasmo. O chefe dos "péludos" trouxera da cidade a notícia de que o prefeito ia fazer grandes melhoramentos na vila, a começar pelo calçamento a paralelepípedos do largo da Matriz.

—Pelo menos o largo da Matriz será calçado a pedra lipse, — informava torpemente o Zequinha da Samambaia.

E outubro passou. Passou novembro. Tapioca anciava por vida nova, por notícias sensacionais.

Uma noite, no bilhar do Maneco, informaram que o Martinho ia explicar à criançada o eclipse quase total do sol, marcado pela folhinha para o dia 2 de dezembro. Infelizmente choveu o dia todo e ninguém viu o sol. O Zequinha da Samambaia, pontificando do alto de sua posição de chefe político, explicava:

—Tendo chovido muito, o Martinho adiou o eclipse para amanhã.

Em começo de fevereiro, o delegado de polícia levou às águas lustrais do batismo o pequeno Lucio.

E, à noite, no bilhar do Maneco, o Chico Miséria despedia-se dos amigos:

—Não se pôde mais viver nesta terra. Vou-me embora de mudança para o Brasil. Vou para a Bahia. Aquí vocês desmentem tudo quanto a gente fala...

A VIDA DA RAINHA ELIZABETH

(Continuação da página 24)

Elizabeth mandou o Parlamento aprovar a "Lei de Supremacia" que definia aquela prerrogativa.

Mas a rainha não era perseguidora por temperamento. Os seus vassallos podiam, em matéria de religião, pensar o que quisessem, contanto que se conformassem exteriormente com a igreja oficial. Esta era então a mais avançada forma de tolerância. Mulher astuta, Elizabeth tinha o sincero desejo de evitar ao governo toda oposição desnecessária. Na verdade, Henrique VIII bem podia ter mostrado um pouco da moderação de sua filha.

A questão religiosa era apenas um capítulo da história política da época. Mas era o capítulo principal. Na época Elizabethina os governos da Europa tinham uma base mais eclesiástica do que política ou econômica. Os católicos Habsburgos empenhavam-se em conservar os dois ramos do seu império: de um lado a Austria e a Boêmia, do outro a Espanha e a Itália. Tanto o arquiduque Carlos, herdeiro do trono austriaco, como Felipe, rei da Espanha, tinham o propósito de casar com a rainha da Inglaterra, afim de atrair a ilha para a órbita dos Habsburgos. Nenhum deles esperava encontrar dificuldade em persuadir Elizabeth, pois ambos confiavam na força militar de que dispunham, senão nos seus atrativos pessoais. Não lhes importava muito qual dos dois obteria a mão da rainha, pois nenhum tinha a mínima afeição a ela. De feito, Felipe estipulara, que, no caso de casar-se com Elizabeth, tencionava residir na Espanha, ao passo que ela ficaria na Inglaterra. Era geralmente sabido que Felipe só teria entusiasmo em visitar a Grã-Bretanha quando fosse atacá-la com o seu exército. Quanto a Carlos, era da opinião de Felipe. O que ambos queriam, acima de tudo era pôr um Habsburgo católico à frente dos destinos da Inglaterra.

Além dos Habsburgos, também os católicos escoceses estavam decididos a colocar um dos seus homens no trono inglês. O candidato da Escócia à mão de Elizabeth era o duque de Arran. Que importava que este fosse um patife e um alarve, e que vacilasse à beira da demência? Procuravam impingir-lhe a Isabel como um marido ideal. E ela conhecendo o quanto vale ser prudente e saber guardar um silêncio discreto — não tinha sido encarcerada na Torre de Londres em vão — sorria e calava-se. Outro candidato provávelmente vinha da França, onde um pequeno grupo de abastados nobres e mercadores protestantes, conhecidos pelo nome de huguenotes, estavam empenhados numa luta de morte com a corte católica. Elizabeth a princípio ajudou abertamente os huguenotes, mas, quando as duas seitas chegaram finalmente a um acôrdo, reconciliou-se com os governantes católicos da França.

Para cimentar a nova amizade entre os dois reinos, o soberano francês ofereceu em matrimônio seu irmão, o pouco atraente duque de Alençon. Este moço, além duma cintura e umas pernas de aranha, tinha uma cabeça enorme, colocada sobre o ombro como uma moranga. Elizabeth não nutria a mínima intenção de conhecer mais intimamente aquela monstruosidade. Mas não podia perder a amizade da França. Assim foi amimando o duque de Alençon, a quem atirava beijos, chamando-lhe afetuosamente "minha rainha". Na verdade, dava-lhe todas as esperanças de casar com ele. Mas sempre procrastinava quando ele lhe pedia que fixasse a data da união.

Entremetidas a burguesia holandesa, que amante da liberdade, vivia exasperada com o jugo da Espanha (os Países-Baixos tinham-se tornado parte do patrimônio dos Habsburgos por virtude dum casamento feudal anterior), se revoltava sob o comando do valente duque de Orange. Felipe enviou imediatamente suas tropas para a Holanda afim de restaurar a ordem sob o governo de seu meio-irmão, um intrigante fanático e visionário, que sonhava com invadir a Inglaterra e apoderar-se da corôa. A Inglaterra não podia tolerar a presença dos espanhóis nos Países Baixos, e Elizabeth mais uma vez se aliou à causa dos protestantes franceses, que, pelos seus laços de religião

com os holandeses, tinham a obrigação de prestar-lhes ajuda.

O espetáculo dos huguenotes combatendo contra o rei católico da Espanha enfureceu todos os católicos franceses, principalmente a rainha-mãe, Catarina de Médicis, que ordenou o trucidamento em massa dos hereges em todo o país. Os huguenotes foram completamente esmagados. Já não existiam os aliados protestantes de Elizabeth em França.

Mas o rei francês estava disposto a ajudar Elizabeth na luta contra os espanhóis nos Países-Baixos, contanto que ela cumpriasse a promessa de casamento feita ao duque de Alençon. A rainha percebeu a gravidade da situação. Ordenou aos ministros que redigissem a proclamação do casamento. Presenteou o apaixonado pretendente com um anel. Na presença de toda a corte, beijou-o nos lábios. Os espectadores desviaram o olhar, repugnados. Não era nada edificante pensar que um tal indivíduo poderia ocupar o trono. "Não compreendendo como a rainha pode desposar um homem como esse", observavam os cortesãos. "E' verdade que a nossa Bess já não é moça". Mas que monstro para casar com uma rainha, embora ela tivesse perdido havia muito o viço da mocidade! Profundas marcas de varíola desfiguravam-lhe o rosto. Tinha na ponta do nariz uma protuberância que lhe dava a aparência de possuir dois narizes. Falava com uma voz grasnante de corvo. Mas, a pesar de tudo isso, era conversador brilhante, de inteligência pouco vulgar. Não tinha, entretanto, bastante penetração de espírito para perceber os astutos planos da Rainha Virgem. Esta o embriagou com os seus beijos e sorrisos e enviou-o para a morte — assim o esperava Elizabeth — nos campos de batalha dos Países-Baixos. Lá ele sucumbiu — não, porém, às balas do inimigo, mas às devastações da tuberculose.

Estava, pois, liquidado o caso do duque de Alençon. Mas Filipe de Espanha revelou-se um pretendente muito menos dócil. Não se deixava encantar pelas suas palavras, nem embair pelo seu pretenso afeto. Fazia-lhe a corte não tanto por sentimento como por política. A situação nos Países-Baixos tinha-se tornado crítica. Filipe encetou negociações para firmar uma trégua com a Inglaterra. Não ficava bem — dizia ele — a um homem e uma mulher que tinham durante trinta anos projetado casar-se, brigar por causa duma faixa de terra na Holanda. Assinou-se a paz entre os dois gent's inimigos. Os ministros britânicos, porém, suspeitavam da sinceridade de Filipe. Tais suspeitas não eram inteiramente injustificadas. Não se podia confiar muito no rei de Espanha. Com efeito, enquanto negociava a paz, este desenvolvia um plano gigantesco para a invasão da Inglaterra — um sonho que alimentava desde a sua ascensão ao trono. Decidiu agora que era inútil casar com Elizabeth, já que podia conseguir o seu propósito com uma frota de vasos de guerra. Nem por sombras duvidava de que fosse estrategicamente correto o plano da projetada campanha. Qualquer erro de cálculo não o afetaria em nada, além da perda de alguns milhares de espanhóis. E assim, imediatamente após assinar o tratado de paz, expediu uma ordem para o lançamento ao mar de cento e trinta e dois navios, que deveriam cruzar o canal da Mancha e desembarcar o seu exército na Inglaterra.

A expedição era fundamentalmente absurda. A despeito do sigillo na preparação da Invencível Armada, e ao contrário do que afirmam as lendas populares, a Inglaterra estava bem ao par do projeto, e a rainha tomara as medidas apropriadas para a resistência. A Armada, ao tratar de estabelecer uma linha de comunicações com a sua base na Holanda, contava com um canal tempestuoso que nenhum inimigo conseguira atravessar jamais. Os navios espanhóis eram enormes — pesadas fortalezas marítimas, vagarosas, difíceis de manobrar e boas só para afundar rapidamente quando atingidas. O total da carga que transportavam era despropositado, ao passo que os navios ingleses estavam bem equipados, em proporção com a tonelagem. A verdadeira batalha entre as duas armadas durou oito dias. Quanto ao que os ingleses fizeram nos primeiros sete dias da peleja, é coisa que ainda hoje se ignora. Mas sabe-se que no oitavo dia sessenta homens foram mortos. O dano causado aos espanhóis foi em grande parte devido ao vento que, assumindo as proporções dum furacão, lhes devastou a frota. Ainda que setenta mil soldados ingleses estivessem postados na praia, para a eventualidade de um desembarque dos espanhóis não houve necessidade de combate em terra.

Tal foi, em resumo, "a maior batalha naval da história". Filipe nunca mais se atreveu a tomar atitudes arrogantes. O efeito psicológico da vitória britânica foi tremendo. De então em diante toda a Europa passou a considerar a Inglaterra, e não a Espanha, como a primeira potência marítima. E o poderio naval significava império. Com a derrota da Armada, o Império Espanhol entrou no seu longo período de desintegração, e a Grã-Bretanha iniciou a conquista de um poder muito mais formidável do que o alcançado pelos reis espanhóis.

Assim se livrou Elizabeth de outro pretendente. E continuou solteira. "Não há dúvida que Bess sabe como lidar com os pretendentes", exclamavam os seus admiradores. "Sua sagacidade tem sido a salvaguarda da nossa independência. Que Deus abençoe a nossa rainha pela maneira sensata como domina as suas inclinações".

Sem embargo, alguns cortesãos ainda tinham medo. "A qualquer momento pode muito bem aparecer outro candidato. De fato, já se anda falando em..."

Um puritano, de nome Stubbs, advertiu delicadamente a rainha de que, com a sua idade atual, ela não estava apta para suportar as dores da maternidade. A rainha encolerizada — assim dizem — ordenou que lhe cortes-



PARA SUA CASA DE CAMPO

Apresentamos hoje aos nossos leitores um interessante recente para sua residência de campo. Os móveis rústicos deverão ser executados em madeira Imbuia encorada cor natural. Piso forrado com passadeira boucle de cor cinza, paredes brancas e teto guarnecido com vigas, também de madeira Imbuia.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



Cigarros Hollywood



CIA. DE CIGARROS

Souza Cruz